





INSTITUTO DE ARTES
UNESP
Cidade: São Carlos
Data: 04/10/93

INSTITUTO DE ARTES
UNESP
Cidade: São Carlos
Data: 04/10/93

ÍNDICE / DIAGRAMA

POESIA DE OLGA SAVARY	1
POESIA DE PAULINO D'AS	2
POESIA DE JACINTO	3
POESIA EXPERIMENTAL PORTUGUESA	4
TEMAS MATEMÁTICOS, VIRGOS DE PORTUGAL	5
HOLOGRAMAS VERSAIS E TELEPOEMAS, VIRGOS DE COCA	6
POESIA PRAXIS	7
HAICAI(S) BRASILEIRO(S)	8

===== TERCEIRO VOLUME =====

FORMAS / PERCEPÇÕES VISUAIS	9
Os Engenheiros da Poesia	10
"Oito-Tudo"	11
Em Busca de Diagramações Poéticas das Palavras	12
"A Rua da Memória"	13
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	14
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	15
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	16
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	17
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	18
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	19
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	20
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	21
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	22
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	23
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	24
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	25
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	26
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	27
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	28
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	29
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	30
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	31
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	32
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	33
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	34
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	35
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	36
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	37
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	38
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	39
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	40
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	41
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	42
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	43
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	44
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	45
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	46
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	47
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	48
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	49
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	50
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	51
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	52
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	53
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	54
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	55
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	56
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	57
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	58
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	59
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	60
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	61
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	62
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	63
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	64
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	65
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	66
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	67
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	68
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	69
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	70
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	71
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	72
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	73
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	74
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	75
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	76
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	77
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	78
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	79
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	80
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	81
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	82
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	83
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	84
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	85
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	86
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	87
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	88
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	89
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	90
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	91
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	92
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	93
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	94
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	95
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	96
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	97
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	98
POESIAS / PERCEPÇÕES SONORAS	99
Quatro Anos e "Espelho da Linguagem"	100

ÍNDICE / DIAGRAMA

Página

HAICAI DE OLGA SAVARY	01
UM POENA DE PAULINO DIAS	03
CONCRETISMO	05
POESIA EXPERIMENTAL PORTUGUESA	31
POEMAS MATEMÁTICOS, VINDOS DE PORTUGAL	43
HOLOGRAMAS VERBAIS E TELEPOEMAS, VINDOS DE GOA	57
POESIA PRÁXIS	65
HAICAI(S) BRASILEIRO(S)	73
SINESTESIAS DE MÁRIO DE SÁ CARNEIRO	81
POEMAS / NÓ NARCÍSICOS	93
POEMAS / PERCEPÇÕES VISUAIS	172
Os Engenheiros, na Poética	173
"Olho-Tacto"	178
Em Busca de Diagramações Poéticas dos Referentes	190
"A Flor de Maracujá"	281
Outras Artes e "Espécies de Linguagens"	288
POEMAS / PERCEPÇÕES SONORAS	368
Diagramações Poéticas dos Referentes	369
Artes Musicais	399
POETAS EM BUSCA DO POEMA FINAL	415
A "BAILARINA" DE JOÃO CABRAL	421
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	430



HAICAI DE OLGA SAVARY



O poeta e o aviador

Entre teu céu

e o meu

leve sussurro de asas.

UM POEMA DE PAULINO DIAS

(1904)



VIAGEM

Em cima do lago, há o topo do Himalaia,
— Pico de neve e verde lago e montes de granito,
Chargado de glaciares e de neve, e de neve,
— Em cima do Himalaia, a montanha de neve.

Depois, há o rio e o lago e o lago e o lago,
Mas não há mais nada e não há mais nada,
Uma coisa que não há e não há mais nada,
A coisa, a coisa, a coisa, a coisa.

UM POEMA DE PAULINO DIAS

(GOA)

É assim a coisa, a coisa, a coisa,
— Uma coisa que não há e não há mais nada,
A coisa, a coisa, a coisa, a coisa.

É assim a coisa, a coisa, a coisa,
— Uma coisa que não há e não há mais nada,
A coisa, a coisa, a coisa, a coisa.

Capa: Paulino Dias, Um Poema de Paulino Dias,
Lisboa, 1937

VIASSA

*Eu tive um sonho. Vi o topo do Himalaia.
— Picava-o o vento largo! E era um fragor de guerra,
Choques, gritos de leões, clarins, ondas na praia...
— Em volta da Ariavarta, a milagrosa terra.*

*Escuro. E sô o monte a erguer-se de atalaia.
Mas alguém era aĩ com o escopro, o malho e a serra,
Numa fúria que não abate e não desmaia,
A cortar, a ferir os pedaços da serra.*

*E gritei a tremer, agitado de frio:
— Quem é aĩ no pavor que amedronta e assombra,
A cortar e a rugir sobre um monte sombrio?*

*Era então o luar um crescente de prata.
E ouvi dizer-me alguém pelo meio da sombra:
— É Viassa a esculpir o imenso Mahâbhârata.*

(Apud Ethel Pope, India in Portuguese Literature.
Bastorá, 1937)



CONCRETISMO

Passa, vida concreta. Para
ver o mundo, pensa. O tex-
to, o mundo, o corpo e, inscri-
ção, o mundo, o mundo, o mundo,
o mundo, o mundo, o mundo,
o mundo, o mundo, o mundo.

Poesia, dita concreta. Para ser olhada, lida, pensada, amada. O texto, desnuda seu corpo e, nele, inscrições, poético-auto-reflexivas, enovelam a referencialidade imediata.





AUGUSTO DE CAMPOS

Poesia/Poesia...

O verbal desborda todos os limites: lugar de encontro de diversos códigos: textos plurais, polifonias. O metalinguístico elabora a "*definição ostensiva*" dos multifacetados prismas das múltiplas linguagens: Campos dos campos dos possíveis campos...



o v o
 n o v e l o
 novo no velho
 o filho em folhos
 na jaula dos joelhos
 infante em fonte
 f e t o f e i t o
 dentro do
 centro

nu
 des do nada
 ate o hum
 ano mero nu
 mero do zero
 crua criança ineru
 stada no cerne da
 carne viva en
 fim nada

o
 p o n t o
 onde se esconde
 lenda ainda antes
 e n t r e v e n t r e s
 quando queimando
 os seios são
 peitos nos
 dedos

no
 turna noite
 em torno em treva
 turva sem contorno
 morte negro nó cego
 sono do morcego nu
 ma sombra que o pren
 dia preta letra que
 se torna
 sol

p
p l u
p l u v
p l u v i
p l u v i a
f l u v i a l
f l u v i a l
f l u v i a l
f l u v i a l
f l u v i a l
f l u v i a l

AROLD DE CAMPOS

HAROLDO DE CAMPOS



mais mais
menos mais e menos
mais ou menos sem mais
nem menos nem mais
nem menos menos

fala
prata

cala
ouro

cara
prata

coroa
ouro

fala
cala

para

prata
cala

ouro
fala

clara

ra terra ter
rat erra ter
rato rra ter
rater ra ter
rater a ter
rater a ter
arater a ter
rarater a te
rrarater a t
errarater a
ferrarater a

DÉCIO PIGNATARI

ra terra ter
rat erra ter
rate rra ter
rater ra ter
raterr a ter
raterra ferr
arattera ter
rarattera fe
rrarattera t
errarattera
terrarattera

beba coca cola

babe cola

beba coca

babe cola caco

caco

cola

c l o a c a

RONALDO AZEVEDO

V V V V V V V V V V
V V V V V V V V V E
V V V V V V V V E L
V V V V V V V E L O
V V V V V V E L O C
V V V V V E L O C I
V V V V E L O C I D
V V V E L O C I D A
V V E L O C I D A D
V E L O C I D A D E

V V V V V V V V V V
V V V V V V V V V E
V V V V V V V V E L
V V V V V V V E L O
V V V V V V E L O C
V V V V V E L O C I
V V V V E L O C I D
V V V E L O C I D A
V V E L O C I D A D
V E L O C I D A D E

JOSÉ LINO GRÜNervalD



a frase ao lado é verdadeira

a frase abaixo é mentirosa

a frase acima é verdadeira

a frase ao lado é mentirosa

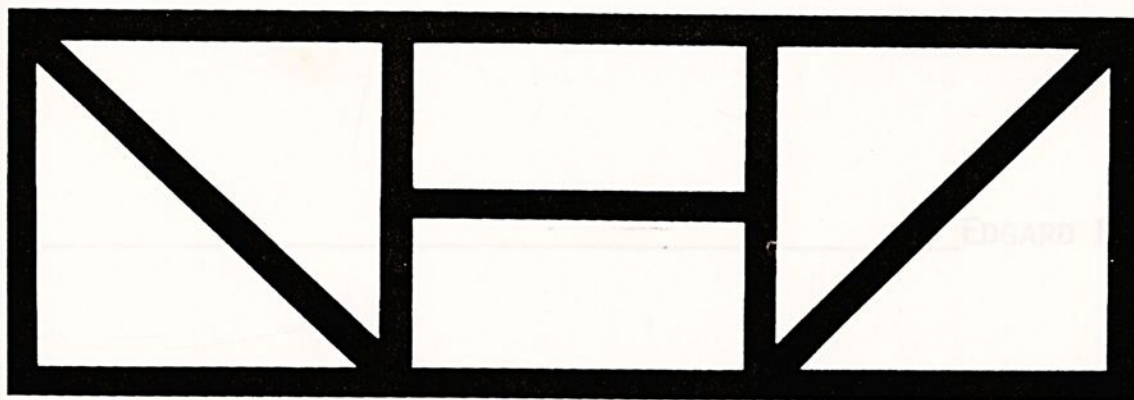


ZEN

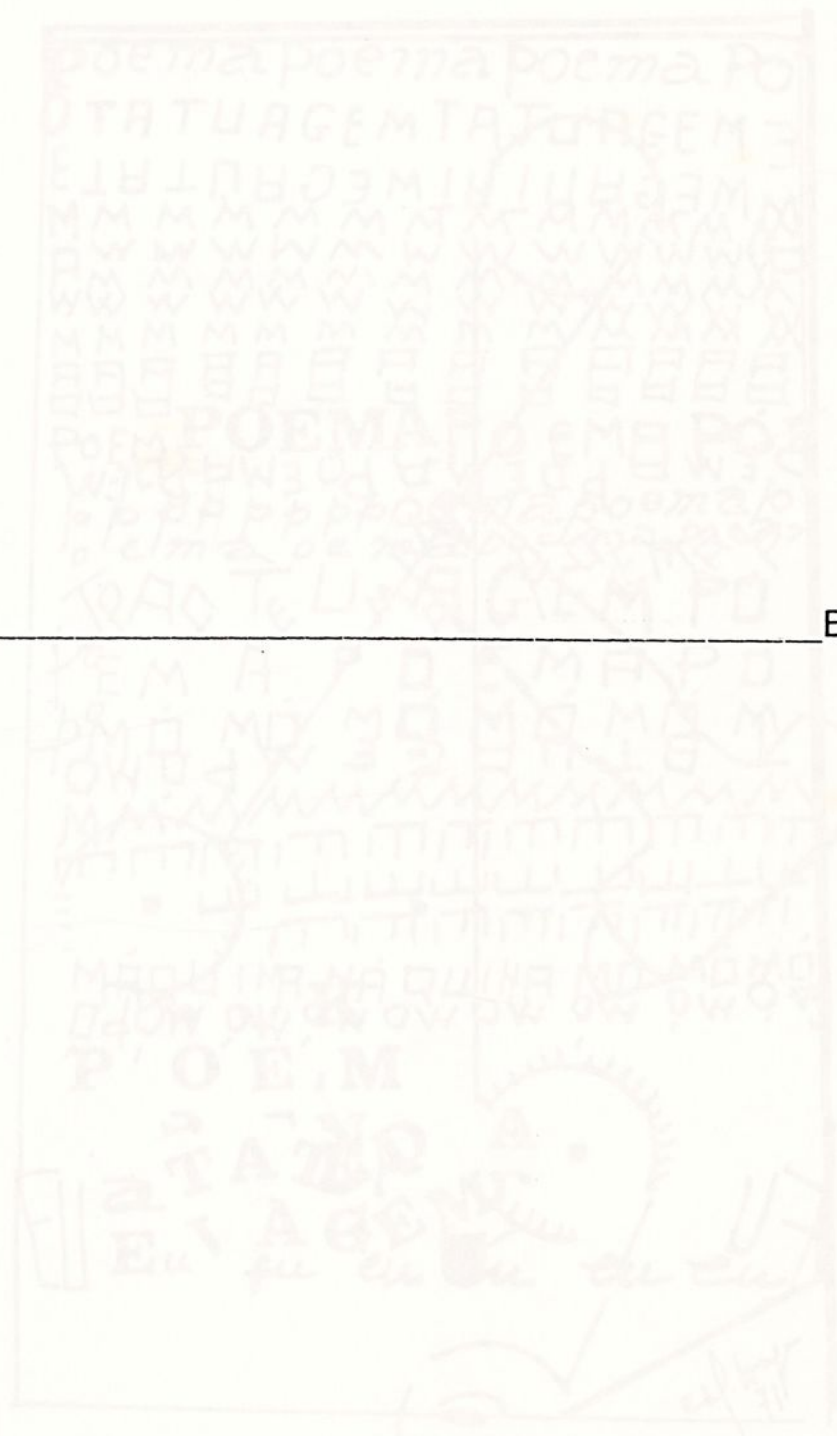
PEDRO XISTO



ZEN



TATUAGEM



EDGARD BRAGA



SUCESSÃO

José Paulo Paes

para Augusto de Campos

o concretismo está morto

viva a poesia

concreta



ACONTECIMENTO

Duda Machado

para Augusto de Campos

qualquer,
algum ninguém

um outro
que
por sua vez

.....

miragem
de reflexos espelhados

ponto
de interseção do real

foi

estã escrito



PARA AUGUSTO DE CAMPOS

Paulo Henrique Britto

podar o sentido

pudor

não recitar

citar

citar apenas

"nada a dizer"

esta a suprema forma

de escrever?



OS LANCEIROS

José Paulo Paes

para augusto haroldo décio

em malarmado
lance o dado
caiu no poço
do espaço em branco

azar: que ponto
marcava? acaso
um alto ponto?
um desaponto?

eis logo em campo
dois espeleólogos
vão ver e desce
o tertio três

demoram voltam
participando:
A THING OF BEAUTY
IS A JOYCE FOREVER

POESIA EXPERIMENTAL PORTUGUESA

22
F.M. de Mello e Castro
Portugal

POESIA EXPERIMENTAL PORTUGUESA

LEONORANA

Descalça vai para a fonte
 Leonor pela verdura
 Vai formosa e não segura

CAMÕES

VARIAÇÃO I

a manhã acontece quando no movimento aparente da sucessão dos dias e das noites a terra de súbito ilumina o sol não tão de súbito porém que o dia acontece lentamente acontece tudo lentamente porém só de súbito se torna real e súbito é tudo o que foi lentamente acontecendo até ao momento de explodir em realidade súbita de súbito é manhã como de súbito brota uma fonte e tão súbitamente intermitente como o dia a fonte é uma súbita intermitência fenómeno que se explica pelo princípio do vaso de tântalo e toda a magia de uma fonte resulta do súbito escoamento do ramo maior de um sistema de comunicantes cujo sifão escorvado permite a passagem do formoso líquido de um vaso para outro existente pelo seu fluir e origem da origem fluente e como leonor é um produto da sucessão dos dias e das noites e do facto de erguer-se de seu leito onde esteve intermitente durante a noite escura e súbitamente irrompe a fonte o dia e leonor pois a o pé no chão frio vaso onde nasce a verdura e na ponta de seus dedos estremecem os filamentos das nervuras das folhas e leonor treme e seus nervos estremecem até ao registo das sensações e a mensagem da verdura está na origem de seus nervos motores transmitirem ordens por seu corpo e os belos músculos flectem em sua perna para trás em sua coxa para cima em seu ventre para dentro em seus ombros para diante e em sua cabeça para baixo e os músculos orbiculares recebem a mensagem da verdura e quase cerram as suas belas pálpebras e sua pupila se contrai e um arrepios em seus seios endurece a rosada floração de seus mamilos e tudo isto acontece na intermitência do mecanismo da sensibilidade só porque é manhã e surge o dia e brotam as fontes e há verdura

VARIAÇÃO II

quando leonor pela manhã estava nua
acorda e sente essa verdura irmã da
formosura das fontes e da verdura
estende o pê e pisa o chão descalça
e treme de verdura pela formosura da
manhã primeiro jacto da fonte da verdura
seu pê descalço treme de frio como tremem
as faces da verdura abrindo suas bocas
ã aragem fria da manhã segura como a
fonte segura da verdura da aurora e nua
como leonor fremente pela verdura e tão
formosa como a fonte que irrompe de
sûbito como o dia estende o pê descalço
para fora do leito da fundura da noite
em que dormem as fontes a verdura a
formosura e leonor insegura ergue-se a
caminho pela verdura e na verdura colhe
formosura vai para a fonte nua

VARIAÇÃO III

VARIAÇÃO VI

quando pela manhã	leonor	acordou estava
	nua	sente
	irmã	
	da formosura	
	das fontes	
	da verdura	
logo		estende
	o pē	pisa
	o chão	
	descalça	trema
primeiro		
	a aragem	
	fria	
	segura	
	a fonte	irrompe
de súbito		
	o dia	
	do leito	
	da fundura	
	da noite	ergue-se
a caminho	leonor	

VARIAÇÃO VI

i
 a
 v
 para a fonte
 formosa e não
 e e
 não
 segura
 descalça
 para
 e a
 le o
 nor
 a
 verdura
 e
 LER
 v
 a
 i

VARIAÇÃO VII

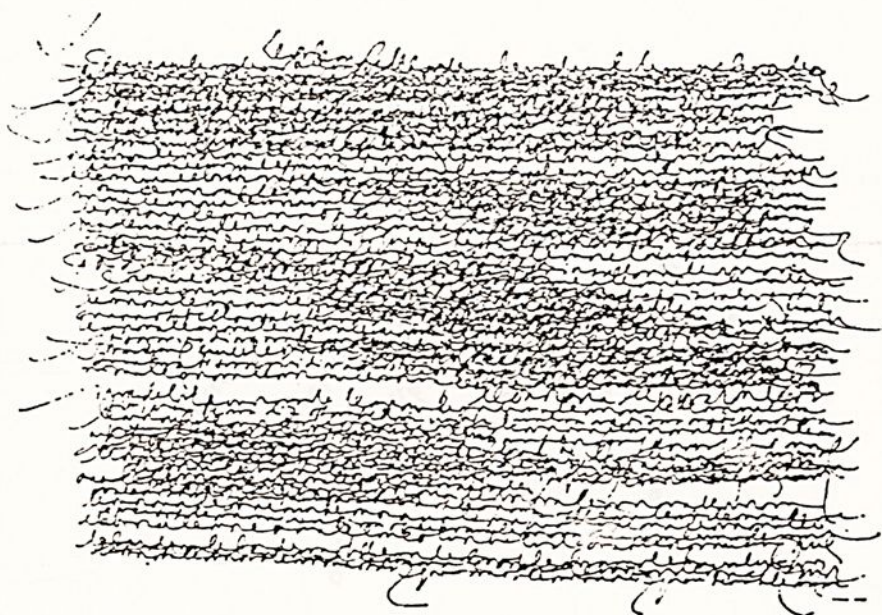
descalça ia leonor. ia ãfonte leda esfria.
ia lesta &ia. afonte corria. leonorapenasia.
pela aragem fria. pela manhãã. sorria &ia.
leonorã. leonorana leonorã. anaãa bela &ia.
despedia. sorria &ia. leonorã leonorana.
pela manhana. floreliã floribela. anaflor anaflora.

VARIAÇÃO XVI



Salvador Tavares

VARIAÇÃO XIX



1

Salvador Tavares
(1964)

Salette Tavares

arranh

arranhisso

in "Poesia Experimental 1"
(1964)

(1964)

COLAPSO DE UM FORMA POR ELIMINAÇÃO DE PARTES

Mario Cesariny de Vasconcelos

Poeta português contemporâneo
1953

Tudo está
eternamente
escrito
(Spinoza)

Tudo está
eternamente
em Quito
(Uma Rosa)

in "Poesia Experimental"
Jornal de Tábua





FIGURAS DE UM POEMA POR ELIMINAÇÃO DE PARTES

Luis Veiga Leitão

Poeta português contemporâneo
1955

uma árvore uma atriz dois poetas e uma criança
uma árvore uma atriz um poeta e uma criança
uma árvore um poeta e uma criança
uma árvore e uma criança
uma ÁRVORE

POEMAS MATEMÁTICOS

VINHOS DE PORTUGAL

HELLO E. CASTRO

in "Poesia Experimental"
Jornal do Fundão

ALFA E VAZIO

Alfa: a lei do acaso

e total das probabilidades

vazio: falta e cada coisa e que se funda e desaparece

Alfa e vazio: as probabilidades do acaso

POEMAS MATEMÁTICOS,
VINDOS DE PORTUGAL

MELLO E CASTRO



ÁLEA E VAZIO

ālea: a lei do acaso

o total das probabilidades

vazio: talvez o nada sobre o que se funda a linguagem

ālea e vazio: as probabilidades do dizer



TETRAKTYS

1

acaso me construo no plural unidade
 um e sō um por um o ego sol
 igual a um o eu alado ergo
 um como um ou como vário azul
 um e mais um, mais māsculo o mastro
 um menos um menos matēria solo
 em todos os fragmentos um fragmento
 em todos os totais um duplo polo
 que nos limites coisas bebo mel
 eu que num acto gesto me diverso
 e no sexo que entro eu único me abro
 como flor e fulgor um cravo jacto
 que nos fragmentos ēguas outro me dissolvo
 e me perco nos dados único absorvo

.....

6

īgneo fogo de dentro do fogo
 īris ovo de dentro do ovo
 seis o novo no ventre do novo
 mais um ano no vento do ano
 fogo dentro do novo no mais
 ovo ventre do ano do īgneo
 novo vento no fogo da īris
 ano dentro do ovo do seis
 seis do sexo no eixo do ar
 īris rosa do centro da luz
 īgneo fogo do ventre do vācuo
 ano espaço do dobro do cubo
 centro ventre no dentro do vento
 seis no seis no eixo do sexo
 īgneo fogo do ventre do vācuo
 ano espaço do dobro do cubo
 centro ventre do dentro do vento
 seis no seis no eixo do sexo

.....

7

sete pintar de pintar sete
 sete cavalos a correr leste
 sete visões do luar sexto
 sete mares para morrer este
 sete cabos a virar oeste
 sete olhos para ver ver-te
 sete aves a voar a peste
 sete luas a arder deste
 vezes sete sete vezes gesto
 vezes hontem vezes hoje certo
 vezes sete vezes vezes sete
 vezes ver sete seteiras sete
 setenta setas sete sete sete
 etecetera etecetera etecetera

.....

0

heste buraco vivo uivo
 o vazio de uivar o vazio
 onde todo o vazio se esvazia
 e o uivo fica vivo
 neste buraco uivo surdo
 sem um som que seja para ouvir
 desde um cavo sentido
 desde um alto ruído
 de muros a ruir
 neste buraco rão ronco
 um uivo rouco
 de roer as raízes
 ovo oco do todo
 nudo nō



tu que serves *ês* servido comes
tu que comes *ês* comido cavas
tu que cavas *ês* cavado morres
tu que morres *jã* *ês* morto matas
tu que somas *ês* sumido sabes
tu que sabes *ês* sabido sobes
tu que olhas *ês* olhado cabes
tu que foges *ês* fugido foge
tu que pāras *ês* parado para
tu que voltas *ês* voltado vācuo
tu que berras *ês* bezerro burro
tu que pertences *ês* pretenso tanso
tu que recusas recusado usado
tu que não usas *ês* usado velho



POEMAS DE AMOR

desejo-te não desenho-te
detenho-te não devejo-te
desejo-te não desejo-te

dessonho-te não decanto-te
diluo-te não dessinto-te
deslaço-te não defaço-te

construo-te não contenho-te
concluo-te não condano-te
consinto-te não conlaço-te

componho-te não convejo-te
convído-te não começo-te
confesso-te não confalo-te



MODO DE AGIR

textualmente teço esta teia de traços
mensualmente meço esta meia de maços
virtualmente venço esta veia de vasos
outonalmente oiço esta onda de ossos
untualmente unto esta urna de usos
actualmente ando esta água de asas
pontualmente peso este peso de passos
bestialmente bebo esta broa de beijos
factualmente faço esta festa de factos
naturalmente nasço esta norma de naços
literalmente ligo este leite de laços
casualmente caso esta coisa de cacos
intualmente incho esta língua de invios
ritualmente rimo esta rima de risos
quantualmente queimo este quantum de quase
jesualmente janto esta junta de jazz
actualmente ergo este elo de eros
sensualmente sou este senso de soros



SÉRIE NULA

nada me diz esta paisagem terra
porque de terra sou eu feito água
porque de água sou eu feito árvore
porque de árvore sou eu feito terra
porque de terra sou eu feito gás
porque de gás sou eu feito nuvem
porque de nuvem sou eu feito sol
porque de luz sou eu feito dia
porque de dia sou eu feito sombra
porque de sombra sou eu feito gesto
porque de gesto sou eu feito instante
porque de instante sou eu feito amor
porque de amor sou eu feito nada
porque de nada sou eu feito espaço
porque de espaço sou eu feito medo
porque de medo sou feito mentira
porque de mentira sou feito de tudo
porque de tudo sou eu feito nunca



RELAÇÕES PERIGOSAS

Pai Mãe Filha Filho
 Avô Avô Tio-avô Avô Avô
 Tia Tio Tia-avô Sobrinho
 Primo Prima Irmã Cunhada Pai
 Mãe Esposa Neto Neta Filho
 Avô Irmão Prima segunda Nora
 Concunhado Coprîmos Enteados
 Afilhado Sobrinho-neto Irmão
 Sobrinho Filho Marido Esposa Neta
 Trisavô Gemeos Bisneto Afilho
 Padrinho Trineto Bitio-avô Padrasto
 Sogra Cotia Pai
 Co-irmão Tripai Bifilho Amarido
 Tetraneto Compadaastro Comulher
 Trifilho Apai Primo Concunhado
 Tritia-avô Cobisneto Trinora Aparente
 Biprima Trimadastra Tetratia
 Tetrafilho Copai Tetramulher
 Filhoneto Filha Penta-mãe

DIÁLOGO

eu não posso dizer o que não quero
tu não podes dizer o que eu quero
eu sō posso dizer o que sō quero
tu sō podes dizer o que eu não quero

eu não digo poder o que não posso
tu não dizes que podes o que queres
eu digo o que não posso o que não quero
tu dizes que não podes que não queres

eu quero que não posso o que não digo
tu queres que não dizes o que podes
eu quero o que não quero o que digo
tu queres o que não podes o que dizes

eu não quero o que digo e o que posso
tu não queres dizer o que não podes
eu nem quero poder o que não digo
tu nem queres poder tudo o que podes



MUTATIS MUTANDIS

A)

do que mudando muda
 o que muda mudando
 que se muda mudado
 o que deve mudar
 que mudado se deve
 e que se dá mudado
 mostra que se mudou
 outro que se é nado
 do que nada ficou
 e se afunda no largo
 que mudança não foi
 que o corte se muda
 é do lado que dōi
 e se mutando muda
 no que muda mudado
 mudando-se de lado
 e de novo mudando
 abre se muda e largo

B)

o que está
 o que é
 o que fica
 ficando
 o que ainda não é
 e que ficando
 fica
 ou que nunca será
 ou que foi e já é
 está já fãtuo
 no fogo
 que se fica
 a ficar
 no que ainda
 não foi
 e por ter de ficar
 sō no fora
 de ser
 numa hora
 que passa
 e fica

no passar
 como se o ficar
 fosse ser
 ou estar
 que o que fica
 ficando
 fica
 ficado morto
 fica
 figo ficado
 na faca afiado
 mas se fica
 calado
 calando
 o que se cala
 quando se está
 fechado
 na febre
 de ficar
 preso sempre
 ao lugar
 onde se está
 não estando
 e se é
 não sentindo
 a sorte que terá
 o ficar de todos
 os fugazes ficares
 do que ficando está

C) = A + B + X

do que mudando muda o que está a passar
 o que muda mudando o que é para ver
 que se muda mudado o que fica no ar
 o que deve mudar ficando sempre quem
 que mudado se deve o que ainda não é
 e que se dá mudado e que ficando foge
 no dado que se teve fica o dar consumido
 no metade de todo o que nunca será
 no seu modo de luta ou que já foi e é
 nu de roupa no lodo está já fátuo no fogo
 todo de modo muda no fogo em que se queima
 outro lado na muda que se fica mudando
 do que muda mudando a ficar como está
 é o laço mudado no que ainda é abraço
 nada do que se funda e não foi nem será
 que se muda e se veste e por ter de ficar
 é isto que se muda só no fora se despe
 e o que nada deslumbra do ser que se reveste
 nada do que no ombro numa hora demora
 é o braço que roça que passa no trajecto

o meço de que teço e fica na medida
 o que mutando muta no passar a passagem
 o que nasço e que ando como se o ficar
 o que nado e que faço fosse ser ou andar
 o que nō ē abrindo fosse estar ē partir
 o que matando aço que o que fica fere
 e se mudando muda ficando sō no traço
 a posição do braço fica no retrato
 que desenha o que tenha ficado morto osso
 na mudança que dança fica a música oiço
 no que muda mudado figo ficado passa
 do que abre o que sabe na faca afiado fio
 o sabor da mudança mas se fica pesado
 do que deve mudar calado triste alado
 macula que no passo calando se magoa
 passa no que se muda o que se cala diz
 muda no que mudado quando se estā calado
 mostra que se mudou fechado longe fala
 outro que se ē nado na febre de falar
 do que nada ficou de ficar a mudança
 e se afunda no largo preso sempre no ar
 que mudança nāo foi lugar de se ficar
 que o corte que muda onde se estā jã dōi
 ē o lodo que dōi nāo estando descoberto
 e se mudando muda e se ē sō serā
 o que muda mudado nāo sentindo o que foi
 o dado que se muda na sorte que terā
 mudando-se de lado para ficar de todos
 e de novo mudando os fugazes ficares
 abre se muda e largo do que ficando estā

D)

muda o que estā
 mudando o que ē
 mudando o que fica
 ficando como estā
 deve o que se muda
 mudado ser diferente
 se teve igual a muda
 de todo o movimento
 ou a luta ou o cacto
 lodo que ē nascimento
 muda no fogo a tēpera
 que se fica soando
 mudando o tom da terra
 no que ainda ficando
 se funda num momento
 e se veste de nada
 sō de nada de nada
 e deslumbra o invento
 numa hora fechada



passa tudo nas mãos
fica tudo no tempo
no ar ou mesmo em ti
como um esquecimento
fosse ainda este estar
o estar da mudança
o que muda constante
e ficando é diferente
como fica de frente
no desenho da roda
que dança dança dança
figo deitado ao ar
sabe do mel o lado
mas é igual ao nada
calado como fala
passo como ficar
muda como mudança
quando caído cai
fechado no seu fim
febre que se desdobra
de ficar são mudado
no largo o que é estreito
e no nada deitado
muda para um lugar
estando já mudado
e se descobre pobre
de poder ter ficado
porque a sorte que fica
não é a porta aberta
mas mudando não muda
ainda que mudado



HOLOGRAMAS VERBAIS E TELEPOEMAS,

VINDOS DE GOA

VIMALA DEVI

(TV)

Coimbra, 1969

Longe onde a visão
ainda não disseminada
explora incerta
Como uma dúvida no meio de electrões
a alma
ponto por ponto, do tempo que varia
ao nível da terra — origem
e propósito
— entre espaços de nove esferas
ao longo de uma noite, afastando-se
linha por linha
em proporção intensa da visão de Dante
como uma imagem, no vazio
fluorescente



(NA DECIFRAÇÃO DO LINEAR B)

DE KARLEINE STOCKHAUSEN

Coimbra, 1969

Coimbra, 1969

Da mais funda terra
trêmula
a lembrança
arqueológica de nudez húmida
indecifrável

o mito sorrindo estático

perdendo-se no tempo de Wagner

Coimbra,



(GESANG DER JÜNGLINGE,
DE KARHEINZ STOCKHAUSEN)

Coimbra, 1969

Sons que intermutam
de tudo o que foi vida
filtrando a estética
tonal
o tempo
— no acesso de Walküren
perdendo-se concreto de Wagner
cerebral.



TELEPOEMAS

Coimbra, 1970

Nem rugir de seda
nem som
 uma lágrima
 voz de água

uma voz faz-se
com mãos de Goya:
dor contornada
de muitas faces

(a dor era igual
 é igual)

Surgia Europa
mais tarde surgia
Europa chorava

(Tristan Tzara explicava
as peças da máquina
os órgãos da máquina
a alma da máquina)

Surgia Europa
mais tarde surgia
Europa chorava.



TELEPOEMAS

Coimbra, 1970

O Foguetão

pode ser

monumento

ao bâton

ao cigarro

monumento a Eros

(visto de longe,
em Piccadilly Circus)

monumento

ao cone ice-cream

(visto ao contrário)



TELEPOEMAS

Coimbra, 1970

Um homem que é um homem
um sonho dormindo um corpo
com rosas nos olhos
e cannabis indica em suburbia

que é um homem um homem?



TERCEIRA VISÃO

Sylvio Bach

Poeta brasileiro
Agora/agora

apesar do fôlego
e do dardejar
mecânicos
e os dedos
em forma de cone
(invertido)
a tez
reverbera
venenos havidos
vis-à-vis
um fogo fátuo
o holograma
do começo



POESIA PRÁXIS

O manifesto, publicado pela
revista Lavoura-Lavoura, por Mario Chamie, cria-
dor da poesia praxis.

A poesia praxis poderia ser
definida, "se possível (isto)".



Do manifesto, publicado no livro Lavra-Lavra, por Mario Chamie, criador da poesia práxis.

A poesia práxis poderia ser sintetizada, "no seguinte fluir":

- toda a área de levantamento tem seu **problema**;
- cada problema tem suas **palavras**;
- cada palavra tem seu centro de energia e seu **vocabulário**;
- todo o vocabulário de uma palavra tem suas relações em níveis sintático, semântico e pragmático;
- cada núcleo de relações condiciona **blocos de estruturas** correspondentes;
- cada bloco de estruturas é uma **originalidade formal** que reflete uma aprendizagem particular do **autor**;
- cada originalidade formal é, necessariamente, um **texto** que esgota a área da qual é levantamento;
- cada texto, nas múltiplas linhas de força deste processo, é **linguagem** que a mesma área fez possível por mediação da palavra;
- a linguagem produz **informação**;
- a informação é **estética e semântica**, segundo a **maior** ou menor eficácia do trabalho de co-autoria do leitor;
- no poema-práxis é impossível que exista informação que seja só estética ou só semântica.

VEÍCULOS DE MASSA

Mario Chamie

TV

O vidro transparência / o olho cego consciência
 a consciência no vídeo / a transparência do vidro
 a povo cego da praça / o olho negro da massa
 a praça de olho cego / a massa de olho negro

o vidro transparência
 o cego consciência
 a massa diante do vídeo
 a massa = globo de vidro

a praça de olho negro
 o povo = olho morcego

sem ver o povo com a venda
 a câmara negra = sua tenda

sem ver / a venda no olho do povo
 te vê / a câmara negra do sono

Do segmento "Na indústria de toda gente",
 da obra: Indústria



SOLIDÃO NA MULTIDÃO

Armando I. Mario Chamie

A. Carlos Rodrigues Brandão

1.

com certeza:
para a pobre palavra solidão
a solidão da palavra: homem.

para a solidão do homem:
joão, josé: o sol do não
em cofre.

não o não do homem sô
mas o não de joão e josé
no mesmo nã.

o nã da solidão de joão
diante de josé, o não irmão.

2.

todavia:
para a solidão da palavra
a palavra solidão na praça.

para a praça sem comunhão:
joão e josé na multidão.

não o josé
com o nã da multidão na esquina.
sím o joão
na solidão de josé em fila.

isto é:
o nã da comunhão e seu passo.
o cofre do não na solidão:
frio aço.

ou o paço de aço de joão e josé
sôs na fila da esquina
a pê.

Do segmento "Os cidadãos",
da obra: Planoplenário

LITOGRAVURA

Armando Freitas Filho
A Carlos Rodrigues Brandão

O sol assoalha
a aldeia: assola
ruas ruínas nuas
arranham o solo

prostrada praça
impressa na pedra
paço porosa poça
empapuçada igreja

cego céu de cimento
acachapa as casas
crua chapa de chumbo
o mormaço amassa

o chão de concreto
franze as fachadas
enruga os muros
amarrota as telhas

talhados homens
tolhidos: baralho
de corpos dopados
pilhas de palha

entulham o dīnamo
do dia-a-dia: dial
dēdalo sem data
atulhado de falhas

puído povo povoa
o espēso sertão
se espalha: lerdo
mar pelo avēso.



BALADA NA CORDA BAMBA

Arnaldo Saraiva

Um homem mata o tempo mata
 A bomba mata a pomba
 Um homem ata cata-
 -Tomba

Um homem rōi a corda rōi
 A mō rōi o pō
 Um homem dōi mōi-
 -Sō

Um homem dança o vento dança
 A fama dança a cama
 Um homem lança cansa-
 -Ama

Um homem gira a roda gira
 O rio gira o cio
 Um homem mira tira-
 -Frio

Um homem mata um homem mata
 Um homem pumba
 Um homem cata
 Acata ata de
 sata-
 -Tomba

O tempo mata a bomba
 Mata:
 Um homem mata-
 -Se

ILUSTRAÇÃO

Júlio Castañon Guimarães

Poeta Agora/agora
e que não é Poeta/Práxis

pê

ante

pê

na corda bamba um falso um passo

um lapso

me agarro me amarro me ar

um ah

assim sem mais

um ponto e tanto

desfaz

aplausos pausas

asas

HAIKAI(S) BRASILEIRO(S)

Trabalhos de lingüística,
em torno da poesia japonesa.

(Poesias coletadas de 100 haí-
caístas brasileiros. Antologia organiza-
da por Roberto Saito, H. Masuda e Inez
Luiz Masuda.

Vide Bibliografia.



Trabalhos metalingüísticos,
em torno de poemas japoneses.

(Poemas coletados de 100 hai
caistas brasileiros, Antologia organiza-
da por Roberto Saito, H.Masuda Goga e Fran-
cisco Handa.

Vide Bibliografia).



Luiz Pacellier

Perdido na grama,
o gallo responde
no canto do pássaro.

Lynd de Almeida

Favela. A rua
for das latas dos batatas
fritas plastificadas.

"No pensamento por imagens do poeta japonês o *haikai* funciona como uma espécie de objetiva portátil, apta a captar a realidade circundante e o mundo interior, e a convertê-los em matêria visível".

Haroldo de Campos, "Visuali-
dade e concisão na poesia japonesa", da
obra: A Arte no Horizonte do Provável.



Luiz Bacellar

Perdido na grama
o grilo responde
ao canto do pássaro.

Lyad de Almeida

Favela. A lua
faz das latas dos barracos
finas pratarias.

Glauco Mattoso

Via Bela Vista

Em forma de ovo:
o povo estranha a janela
do tróleibus novo.



Guilherme de Almeida

Infância

Um gosto de amora
comida com sol. A vida
chamava-se "Agora"

Cigarra

Diamante. Vidraça.
Arisca, áspera asa risca
o ar. E brilha. E passa.



Eunice Arruda

Sûbito trovão

Pombas trocam

de telhado

Paisagem

O sol se

põe

Girassóis olham o chão

Alonso Álvarez López

A noite escura,

lua crescente

Nos olhos do guri

Dasso

acre e onírico
canta ao ouvido atento
ploft! um cogumelo!

Alice Ruiz

primavera
atê a cadeira
olha pela janela

luzes acesas
vozes amigas
chove melhor

Alonso Álvares Lopes

A noite sorri.
Lua crescente
Nos olhos do guri



Aída Godinho

Sabiãs não cantam
nos ramos cheios de flor.
Onde estás, amor?

No céu cintilante
mil vaga-lumes brincando:
mil sonhos vagando.

SINESTESIAS DE MÁRIO DE SA CARNEIRO

Alberto Marsicano Rodrigues

Poema sem palavras
Harpa sem cordas
Portal sem portas

Freme frágil folha
flêxil flana flui
facho flêxil futua

SINESTESIAS DE MÁRIO DE SÁ CARNEIRO

Poeta do Portugal moderno,
poeta suicida, contemporâneo de Fernando
Pessoa.



Numa dessas noites
 Toda a minha alma se desce
 Reminiscências de Amélia
 Perambulando em nostalgia...

Manhã de amor! Manhã de amor!
 Romântica! Romântica!

Facilmente... de repente...

Palácios de fantasia
 Desencantados de amor...

Que grandeção é esta?

Poeta do Portugal moderno,
 poeta suicida, contemporâneo de Fernando
 Pessoa.

Facilmente se desce
 Deleite todos os dias,
 Vive em amor e morte em amor...

INTER-SONHO

Numa incerta melodia
Toda a minh'alma se esconde.
Reminiscências de Aonde
Perturbam-me em nostalgia...

Manhã de armas! Manhã de armas!
Romaria! Romaria!

... ..

Tacteio... dobro... resvalo...

... ..

Princesas de fantasia
Desencantam-se das flores...

... ..

Que pesadelo tão bom...

... ..

Pressinto um grande intervalo,
Deliro todas as cores,
Vivo em roxo e morro em som...



APOTEOSE

.....

Junto de mim ressoa um timbre:
 Laivos sonoros!
 Era o que faltava na paisagem...
 As ondas acústicas ainda mais a subutilizam:
 Lã vão! Lã vão! Lã correm ágeis,
 Lã se esgueiram gentis, franzinas corças d'Alma...

Pede uma voz um número ao telefone:
 Norte — 2, 0, 5, 7...
 E no Ar eis que se cravam moldes de algarismos:

ASSUNÇÃO DA BELEZA NUMÉRICA

1 3 4 5 6 7 7 7 8 8 4 1 4 5 9 6 1 1 1 1 5 5 0 0 ∞ ∞ ∞ ∞

Mais de longe um criado deixa cair uma bandeja...
 Não tem fim a maravilha!

Um novo turbilhão de ondas prateadas
 Se alarga em ecos circulares, rútilos, farfalhantes
 Como água fria a salpicar e a refrescar o ambiente...

— Meus olhos extenuaram de Beleza!

Inefável devaneio penumbroso —
 Descem-me as pálpebras vislumbreadamente...

.....

— Quanto ã minha chãvena banal de porcelana?

Ah, essa esgota-se em curvas gregas de ânfora,
 Ascende num vêrtice de espiras
 Que o seu rebordo frisado a oiro emite...

É no ar que ondeja tudo! É lá que tudo existe!...

... Dos longos vidros polidos que deitam sobre a rua,
 Agora, chegam teorias de vêrtices hialinos
 A latejar cristalizações nevoadas e difusas.
 Como um raio de sol atravessa a vitrine maior,
 Bailam no espaço a tingi-lo em fantasias,
 Laços, grifos, setas, ases — na poeira multicolor —.

...Começam-me a lembrar anêis de jade
 De certas mãos que um dia possui —
 E ei-los, de sortilêgio, já enroscando o Ar...
 Lembram-me beijos — e sobem
 Marchetações a carmim...

Divergem hêlices lantejoulares...
 Abrem-se cristas, fendem-se gumes...
 Pequenos timbres d'oiro se enclavinham...
 Alçam-se espiras, travam-se cruzetas...
 Quebram-se estrelas, soçobram plumas...

Dorido, para roubar meus olhos a riqueza,
 Fincadamente os cerro...
 Embalde! Não há defesa:
 Zurzem-se planos a meus ouvidos, em catadupas,
 Durante a escuridão —
 Planos, intervalos, quebras, saltos, declives...

— O mágica teatral da atmosfera,
 — O mágica contemporânea — pois são nós,
 Os de Hoje, te dobramos e fremimos!

... ..

Eia! Eia!
 Singra o tropel das vibrações
 Como nunca a esgotar-se em ritmos iriados!
 Eu próprio sinto-me ir transmitido pelo ar, aos novelos!
 Eia! Eia! Eia!

(Como tudo é diferente
 Irrealizado a gás:
 De livres pensadoras, as mesas fluídicas,
 Diluídas,
 São já como eu católicas, e são como eu monárquicas!...)

... ..

Sereno.
 Em minha face assenta-se um estrangeiro
 Que desdobra o "Matin".
 Meus olhos, já tranquilos de espaço,
 Ei-los que, ao entrever de longe os caracteres,
 Começam a vibrar
 Toda a nova sensibilidade tipográfica.

Eh-la! grosso normando das manchettes em sensação!
Itálico afilado das crônicas diárias!
Corpo-12 romano, instalado, burguês e confortável!
Góticos, cursivos, rondas, inglesas, capitais!

Tipo miudinho dos pequenos anúncios!
Meu elzevir de curvas pederastas!...
E os ornamentos tipográficos, as vinhetas,
As grossas tarjas negras,
Os "puzzle" frívolos da pontuação,
Os asteriscos — e as aspas... os acentos...
Eh-lã! Eh-lã! Eh-lã!...

T S A b c ; x (q) Y ! Z o u A w Δ ũ n
o z q̃ ē < . . & , . ē θ . > ũ " — ã §
P — W s β - ^ " " O z ? ũ x φ F i & n

— Abecedários antigos e modernos,
Gregos, góticos,
Eslavos, árabes, latinos —,
Eia-hô! Eia-hô! Eia-hô!...

(Hip! Hip-lã! nova simpatia onomatopaica,
Rescendente da beleza alfabética pura:
Uu-um...kess-kress... vliim... tlin... blong... flong...
[flak...
Pã-am-pam! Pam... pam... pum... pum... Hurra!)

Mas o estrangeiro vira a página,
Lê os telegramas da Última-Hora,
Tão leve como a folha do jornal,
Num rodopio de letras,
Todo o mundo repousa em suas mãos!

— Hurra! por vós, indústria tipográfica!
— Hurra! por vós, empresas jornalísticas!

MARINONI LINOTYPE
O SECULO BERLINER TAGEBLATT
LE JOURNAL LA PRENSA
CORRIERE DELLA SERA **THE TIMES**
NOVOÏÉ VREMIÁ

*Por último desdobra-se a folha dos anúncios...
— Õ emotividade zebrante do Reclamo,
Õ estética futurista — up-to-date das marcas comerciais,
Das firmas e das tabuletas!...*

LE BOUILLON KUB

VIN DÉSILES

PASTILLES
VALDA

BELLE JARDINIÈRE

FONSECAS,
SANTOS & VIANNA

HUNTLEY & PALMERS

“RODDY”

Joseph Paquin, Bertholle & Co.^{ie}

LES PARFUMS DE COTY

SOCIÉTÉ GÉNÉRALE

CRÉDIT LYONNAIS

BOOTH LINE NORDDEUTSCHER LLOYD

COMPAGNIE INTERNATIONALE DES WAGONS LITS
ET DES GRANDS EXPRESS EUROPÉENS

E a esbelta singeleza das firmas, LIMITADA.

... ..
... ..

Tudo isto, porém, tudo isto, de novo eu refiro ao Ar
Pois toda esta Beleza ondeia lá também:
Números e letras, firmas e cartazes —
Altos relevos, ornamentação!... —
Palavras em liberdade, sons sem-fio,

MARINETTI + PICASSO = PARIS < SANTA RITA
PINTOR — FERNANDO PESSOA
ÁLVARO DE CAMPOS

!!!!

Antes de me erguer lembra-me ainda,
A maravilha parisiense dos balcões de zinco,
Nos bares... não sei porquê...

— Un vermouth-cassis... Un Pernod à l'eau...
Un amer-citron... une grenadine...

... ..
... ..
... ..

Levanto-me...

— Derrota!

Ao fundo, em maior excesso, há espelhos que reflectem
Tudo quanto oscila pelo Ar:
Mais belo através deles,
A mais subtil destaque...

— O sonho desprendido, o luar errado,
Nunca em meus versos poderei cantar,
Como ansiara, até ao espasmo e ao Oiro,
Toda essa Beleza inatingível,
Essa Beleza pura!

Rolo de mim por uma escada abaixo...

Minhas mãos aperreio,

Esqueço-me de todo da idéia de que as pintava...

E os dentes a ranger, os olhos desviados,

Sem chapêu, como um posseso:

Decido-me!

Corro então para a rua aos pinotes e aos gritos:

— Hilã! Hilã! Hilã-hô! Eh! Eh!...

Tum... tum... tum... tum tum tum tum...

Y L I I I M I I I I M ...

BRÁ-ÔH... BRÁ-ÔH... BRÁ-ÔH!...

FUTSCH! FUTSCH!...

ZING-TANG... ZING-TANG...

TANG... TANG... TANG...

PRÁ Á K K!...



POEMAS NÓ / NARCÍSCOS



FÁBULA DE ANTON

João Cabral

1. O deserto

De deserto, deserto
 que se estende
 e se estende, e se estende.

De deserto, deserto
 que se estende
 e se estende, e se estende.

De deserto, deserto
 que se estende
 e se estende, e se estende.

De deserto, deserto
 que se estende
 e se estende, e se estende.

De deserto, deserto
 que se estende
 e se estende, e se estende.

De deserto, deserto
 que se estende
 e se estende, e se estende.

São poemas

auto-reflexivos

São "piolins" metalingüísticos...

FÁBULA DE ANFION

João Cabral

1. O deserto

No deserto, entre a
paisagem de seu
vocabulário, Anfion,

Anfion
chega ao
deserto

ao ar mineral isento
mesmo da alada
vegetação, no deserto

que fogem as nuvens
trazendo no bojo
as gordas estações,

Anfion, entre pedras
como frutos esquecidos
que não quiseram

amadurecer, Anfion,
como se preciso círculo
estivesse riscando

na areia, gesto puro
de resíduos, respira
o deserto, Anfion.



Ali, é um tempo claro
como a fonte
e na fábula.

O deserto

Ali, nada sobrou da noite
como ervas
entre pedras.

Ali, é uma terra branca
e ávida
como a cal.

Ali, não há como pôr vossa tristeza
como a um livro
na estante).

*

Ao sol do deserto e
no silêncio atingido
como a uma amêndoa,
sua flauta seca:

Sua flauta
seca

sem a terra doce
de água e de sono;
sem os grãos do amor
trazidos na brisa,

sua flauta seca:
como alguma pedra
ainda branda, ou lábios
ao vento marinho.

*



O sol do deserto
 não intumesce a vida
 como a um pão.

O sol do
 deserto

O sol do deserto
 não choca os velhos
 ovos do mistério.

Mesmo os esguios,
 discretos trigais
 não resistem a

o sol do deserto
 lúcido, que preside
 a essa fome vazia).

*

Sua mudez está assegurada
 se a flauta seca:
 será de mudo cimento,
 não será um bûzio

Anfion pensa
 ter encontrado
 a esterilidade
 que procurava

a concha que é o resto
 de dia de seu dia:
 exato, passará pelo relógio,
 como de uma faca o fio.

2. O acaso

No deserto, entre os
 esqueletos do antigo
 vocabulário, Anfion,

Encontro
 com o acaso



no deserto, cinza
e areia como um
lençol, hã dez dias

da última erva
que ainda o tentou
acompanhar, Anfion,

no deserto, mais, no
castiço linho do
meio-dia, Anfion,

agora que lavado
de todo canto,
em silêncio, silêncio

desperto e ativo como
uma lâmina, depara
o acaso, Anfion.

*

Ô acaso, raro
animal, força
de cavalo, cabeça
que ninguém viu;
ô acaso, vespa
oculta nas vagas
dobras da alva
distração; inseto
vencendo o silêncio
como um camelo
sobrevive à sede,
ô acaso! O acaso

O acaso
ataca e faz
soar a
flauta

sûbito condensou:
 em esfinge, na
 cachorra de esfinge
 que lhe mordia
 a mão escassa;
 que lhe roía
 o osso antigo
 logo florescido
 da flauta extinta:
 áridas do exercício
 puro do nada.

*

Diz a mitologia
 larejadas salas, de
 nítidos enigmas
 povoadas, mariscos
 ou simples nozes
 cuja noite guardada
 à luz e ao ar livre
 persiste, sem se dissolver)
 diz, do aéreo
 parto daquele milagre:

Tebas
 se faz

Quando a flauta soou
 um tempo se desdobrou
 do tempo, como uma caixa
 de dentro de outra caixa.



3. Anfion em Tebas

Entre Tebas, entre
a injusta sintaxe
que fundou, Anfion,

Anfion busca
em Tebas o
deserto perdido

entre Tebas, entre
mãos frutíferas, entre
a copada folhagem

de gestos, no verão
que, único, lhe resta
e cujas rodas

quisera fixar
nas, ainda possíveis,
secas planícies

*

da alma, Anfion,
ante Tebas, como
a um tecido que

buscasse adivinhar
pelo avesso, procura
o deserto, Anfion.

*

"Esta cidade, Tebas,
não a quisera assim
de tijolos plantada,

Lamento
diante de
sua obra

que a terra e a flora
procuram reaver
a sua origem menor:

como já distinguir
onde começa a hera, a argila,
ou a terra acaba?

Desejei longamente
liso muro, e branco,
puro sol em si

como qualquer laranja;
leve laje sonhei
largada no espaço.

Onde a cidade
volante, a nuvem
civil sonhada?"

*

"Uma flauta: como
dominã-la, cavalo
solto, que é louco?

Anfion e
a flauta

Como antecipar
a árvore de som
de tal semente?

daquele grão de vento
recebido no auge
a flauta cana ainda?

Uma flauta: como prever
suas modulações,
cavalo solto e louco?



Como traçar suas ondas
antecipadamente, como faz,
no tempo, o mar?

A flauta, eu a joguei
aos peixes surdo-
mudos do mar".



Luis Antônio de Figueiredo

Toda a vida a desenredar o centro de onde brotava o calor nas veias - ouvido atento para o rictus da frase levando-me para a nova cama, primeiro a blusa, depois desatando a corrente brilhante no pescoço, pela última vez o arrepio dessa febre de novo, e agora, inerte, no frio de lençóis derradeiros. Antes: manchar este papel com rastros de memória - pelos noturnos e lenços de seda ou de banheiro público. Este sangue que mancha meu relógio de pulso? em visões decrescentes multipliquei perspectivas, com a impressão de que a poesia aparece quando menos se espera, mais se quer... Amei: como um leque de folha ao sabor de qualquer vento. Língua à procura, na retina do olhar, das lâminas que usei. Em tudo achando ponto de equilíbrio - num pedaço de carta, tocos de cigarro, os odores mais difusos, uma página em branco... Meu decúbito apenas reproduz imperfeitamente a curva deste corpo pelas calçadas da noite. E a fronha vermelha redesenha o detalhe de rendas em vitrinas. Cenas, cinemas e teatro de palavras que vão entretecendo um rio de mentiras. Em cada esquina, desarmonicamente segui os abraços sempre acreditando que pudessem preencher este vácuo e soprar o pó das madrugadas, impreciso e tão seco... E os dias, devoração antecipada dos rituais da sombra, verticais horizontes, onde desembocar senão no corte preciso da artéria menstruada? propaganda do fim, o cabelo esvoaça, não-mistério, número: um a mais um a menos, recomeço amanhã na gosma grudada na espuma do colchão, reapertando a máscara na tua cara surpresa com nenhuma dor nesse recomeçar.

EUPOEMA

Décio Pignatari

O lugar onde eu nasci nasceu-me
num interstício de marfim,
entre a clareza do início
e a celeuma do fim.

Eu jamais soube ler: meu olhar
de errata a penas deslinda as feias
fauces dos grifos e se refrata:
onde se lê leia-se.

Eu não sou quem escreve,
mas sim o que escrevo:
Algures Alguém
são ecos do enlevo.





UM ANJO

Nelson Ascher

Um anjo do Senhor, tangendo
harpa e trajando lingerie
a mais translúcida, outrossim
revela o quanto

é fútil discutir seu sexo,
pois intangível. Discutamos
o sexo da poesia, então,
pois feminino,

mesmo que esteja menstruado
seu metro, flácido seu ritmo
e embora tenha complacente
o hímen da rima.



UM POUCO DE STRAUSS

Maria Lúcia Alvim

Paulo Henrique Britto

Não escrevas versos íntimos sinceros,
como quem mete o dedo no nariz.
Lã dentro não hã nada que compense
todo esse trabalho de perfuratriz,
sõ muco e lero-lero.

Não faças poesias melodiosas
e frãgeis como essas caixinhas de música
que tocam a "Valsa do Imperador".
È sempre a mesma lengalenga estúpida,
sentimental, melosa.

Esquece o eu, esse negócio escroto
e pegajoso, esse mal sem remédio
que suga tudo e não dã nada em troca
alêm de solidão e tédio:
escreve pros outros.

Mas se de tudo que hã no vasto mundo
sõ gostas mesmo è dessa coisa falsa
que se disfarça fingindo se expressar,
então enfia o dedo no nariz, bem fundo,
e escreve, escreve até estourar. E tome valsa.



Maria Lúcia Alvim

Tomás Antonio Gonzaga

Poeta Arcado

século XVII

Poema que nasce pronto.

é só deixar crescer

Não há que se preocupar,
Velhos papéis e velhas
e, por isso, de que se tratava,
um por um a todos eles!

Esses papéis antigos
de quando os versos melhoram
se compõe na língua (de)
a meu, a minha, a nossa.

Aqui não há que se preocupar
com a acentuação (graves),
deixando os versos a crescer,
deixando acentuação a crescer.

Vendo um verso tamanho,
e, então, acentuação,
— que acentuação não há,
que tempo não há para acentuar.

Junto, pois, num grande monte
de velhos papéis, a logo,
por que acentuação não fique,
em tanto não há que se preocupar.

Tomás Antonio Gonzaga

Poeta árcade
século XVII

Numa noite, sossegado,
velhos papéis revolvía,
e, por ver de que tratavam,
um por um a todos lia.

Eram cópias emendadas
de quantos versos melhores
eu compus na tenra idade
a meus diversos amores.

Aqui leio justas queixas
contra a ventura formadas,
leio excessos mal aceitos,
doces promessas quebradas.

Vendo sem-razões tamanhas,
eu exclamo, transportado:
— Que finezas tão mal feitas,
que tempo tão mal passado!

Junto, pois, num grande monte
os soltos papéis, e logo,
por que relíquias não fiquem,
os intento pôr no fogo.



Então vejo que o deus cego,
com semblante carregado,
assim me fala e crimina
o meu intento acertado:

— Queres queimar esses versos?
Dizes, pastor atrevido,
essas líras não te foram
inspiradas por Cupido?

Achas que de tais amores
não deve existir memória?
Sepultando esses triunfos,
não roubas a minha glória?

Disse Amor; e mal se cala,
nos seus ombros a mão pondo,
com um semblante sereno
assim à queixa respondo:

— Depois, Amor, de me dares
a minha Marília bela,
devo guardar umas líras,
que não são em honra dela?

E que importa, Amor, que importa
que a estes papéis destrua?
se é tua esta mão que os rasga
se a chama que os queima é tua?

Apenas Amor me escuta,
manda que os lance nas brasas;
e ergue a chama c'o vento,
que formou, batendo as asas.



PARA A FEIRA DO LIVRO

João Cabral de Melo Neto
a Angel Crespo

Folheada, a folha de um livro retoma
o lânguido e vegetal da folha folha,
e um livro se folheia ou se desfolha
como sob o vento a árvore que o doa;
folheada, a folha de um livro repete
fricativas e labiais de ventos antigos,
e nada finge vento em folha de árvore
melhor do que vento em folha de livro.
Todavia a folha, na árvore do livro,
mais do que imita o vento, profere-o:
a palavra nela urge a voz, que é vento,
ou ventania varrendo o podre a zero.

Silencioso: quer fechado ou aberto,
inclusive o que grita dentro; anônimo:
sô expõe o lombo, posto na estante,
que apaga em pardo todos os lombos;
modesto: sô se abre se alguém o abre;
e tanto o oposto do quadro na parede,
aberto a vida toda, quanto da música,
viva apenas enquanto voam suas rêdes.
Mas apesar disso e apesar de paciente
(deixa-se ler onde queiram), severo:
exige que lhe extraiam, o interroguem;
e jamais exala: fechado, mesmo aberto.



A PALAVRA

Lúcia Fleury

A palavra cai.

Dura.

Reta.

Direta.

Os ângulos nítidos

Geometricamente pura,

A palavra.

Não insinua,

Não se infiltra.

Aponta, ajuda.

Aguda e certa.

Concreta.

Correta.

O contorno preciso

Destaca cubos de verdade

Com muitos lados.

Todos claros

Todos válidos.



BRINDE NO JUÍZO FINAL

Carlos Drummond de Andrade

POETAS de camiseiro, chegou vossa hora,
poetas de elixir de inhame e de tonofosfã,
chegou vossa hora, poetas de bonde e do rádio,
poetas jamais acadêmicos, último ouro do Brasil.

Em vão assassinaram a poesia nos livros,
em vão houve putschs, tropas de assalto, depurações.
Os sobreviventes aqui estão, poetas honrados,
poetas diretos da Rua Larga.
(As outras ruas são muito estreitas,
são nesta cabem a poeira,
o amor
e a Light.)



BOTÂNICA AO PÉ DA LETRA

Rubens Rodrigues Torres Filho

João Cabral de Melo Neto

- Estas plantinhas são mudas?
- Pelo que me disseram, não.
- E o que foi que elas disseram?



ANTIODE

(contra a poesia dita profunda)

João Cabral de Melo Neto

A

Poesia, te escrevia:
flor! conhecendo
que és fezes. Fezes
como qualquer,

gerando cogumelos
(raros, frágeis cogu-
melos) no úmido
calor de nossa boca.

Delicado, escrevia:
flor! (Cogumelos
serão flor? Espécie
estranha, espécie

extinta de flor, flor
não de todo flor,
mas flor, bolha
aberta no maduro).

Delicado, evitava
o estrume do poema,
seu caule, seu ovário,
suas intestinações.

Esperava as puras,
transparentes florações,
nascidas do ar, no ar,
como as brisas.

B

Depois, eu descobriria
que era lícito
te chamar: flor!
(Pelas vocas iguais



circunstâncias? Vossas
gentis substâncias? Vossas
doces carnações? Pelos
virtuosos vergéis

de vossas evocações?
Pelo pudor do verso
— pudor de flor —
por seu tão delicado

pudor de flor,
que sô se abre
quando a esquece o
sono do jardineiro?)

Depois eu descobriria
que era lícito
te chamar: flor!
(flor, imagem de

duas pontas, como
uma corda). Depois
eu descobriria
as duas pontas

da flor; as duas
bocas da imagem
da flor: a boca
que come o defunto

e a boca que orna
o defunto com outro
defunto, com flores,
— cristais de vômito.

C

Como não invocar o
vício da poesia: o
corpo que entorpece
ao ar de versos?

(Ao ar de águas
mortas, injetando
na carne do dia
a infecção da noite).

Fome de vida? Fome
de morte, frequentação
da morte, como de
algum cinema.

O dia? Árido.
Venha, então, a noite,
o sono. Venha,
por isso, a flor.

Venha, mais fácil e
portátil na memória,
o poema, flor no
colete da lembrança.

Como não invocar,
sobretudo, o exercício,
do poema, sua prática,
sua lânguida horti-

cultura? Pois estações
hã, do poema, como
da flor, ou como
no amor dos cães;

e mil mornos
enxertos, mil maneiras
de excitar negros
êxtases; e a morna

espera de que se
apodreça em poema,
prêvia exalação
da alma defunta.

D

Poesia, não será esse
o sentido em que
ainda te escrevo:
flor! (Te escrevo:

flor! Não uma
flor, nem aquela
flor-virtude — em
disfarçados urinóis).

Flor é a palavra
flor, verso inscrito
no verso, como as
manhãs no tempo.

Flor é o salto
da ave para o vôo;
o salto fora do sono
quando seu tecido

Sebastião Uchoa Leite

se rompe; é uma explosão
posta a funcionar,
como uma máquina,
uma jarra de flores.

E

Poesia, te escrevo
agora: fezes, as
fezes vivas que és,
sei que outras

palavras és, palavras
impossíveis de poema.
Te escrevo, por isso,
fezes, palavra leve,

contando com sua
breve. Te escrevo
cuspe, cuspe não
mais; tão cuspe

como a terceira
(como usá-la num
poema?) a terceira
das virtudes teológicas.



Sebastião Uchoa Leite

Poesia —

espinha dorsal

Não te quero

fezes

nem flores

Quero-te aberta

para o que der

e vier



POEMA SUBMERSO

Roberto Piva

Eu era um pouco da tua voz violenta, Maldoror,
quando os cêlios do anjo verde enrugavam as
chaminês da rua onde eu caminhava
E via tuas meninas destruídas como rãs por
uma centena de pássaros fortemente de passagem
Ninguém chorava no teu reino, Maldoror, onde o
infinito pousava na palma da minha mão vazia
E meninos prodígios eram seviciados pela Alma
ausente do Criador
Havia um revólver imparcialíssimo vigiado pelas
Amebas no telhado roído pela urina de tuas
borboletas
Um jardim azul sempre grande deitava nōdoas nos
meus olhos injetados
Eu caminhava pelas aléias olhando com alucinada ternura
as meninas na grande farra dos canteiros de
insetos baratinados
Teu canto insatisfeito semeava o antigo clamor dos
piratas trucidados
Enquanto o mundo de formas enigmáticas se desnudava
para mim, em leves mazurcas



PANO DE BOCA

Ele Semog

De repente, assim, assim,
Num passe de mágica
Com uma fonte atávica
Comeram todas as palavras!
Ou será que nós
Já éramos mudos?



SONATINA

Maria Lúcia Alvim

Sō Catulo poderia descrever
tal lago
tal lua

eu

apenas cuido
de banhar o poema
pelo corpo

(Carilhada, 1962)



O ÚNICO IMPOSSÍVEL

Carlos Drummond de Andrade Ovídio Martins

Poeta africano
Cabo Verde

para Baltazer Lopes

Mordanças
A um Poeta?

Loucura!

E porque não
Fechar na mão uma estrela
O Universo num dedal?
Era mais fácil
Engolir o mar
Extinguir o brilho aos astros

Mordanças
A um Poeta?

Absurdo!

E porque não
Parar o vento
Travar todo o movimento?
Era mais fácil deslocar montanhas
Desviar cursos de água com uma flor
com um sorriso

Mordanças
A um Poeta?

Não me façam rir!...

Experimentem primeiro
Deixar de respirar
Ou rimar... mordanças
Com Liberdade.

(Caminhada, 1962)

Carlos Drummond de Andrade

GASTEI uma hora pensando um verso

que a pena não quer escrever.

No entanto êle está cã dentro

inquieto, vivo.

Ele está cã dentro

e não quer sair.

Mas a poesia dêste momento

inunda minha vida inteira.



RETRATO DE ESCRITOR

João Cabral de Melo Neto

Insolúvel: na água quente e na fria;
nas de furar a pedra ou nas langues;
nas águas lavadeiras; até nos alcôois
que dissolvem o desdém mais diamante.
Insolúvel: por muito o dissolvente;
igual, nas gotas de um pranto ao lado,
e nas águas do banho que o submerge,
em beatitude, e de que emerge ingasto.

•

Solúvel: em toda tinta de escrever,
o mais simples de seus dissolventes;
primeiramente, na da caneta-tinteiro
com que ele se escreve dele, sempre
(manuscrito, até em carta se abranda,
em pedra-sabão, seu diamante primo);
solúvel, mais: na da fita da máquina
onde mais tarde ele se passa a limpo
o que ele se escreveu da dor indonésia
lida no Rio, num telegrama do Egito
(dactiloscrito, já se acaramela muito
seu diamante em pessoa, prê-escrito).
Solúvel, todo: na tinta, embora sólida,
da rotativa, manando seu auto-escrito
(impresso, e tanto em livro-cisterna
ou jornal-rio, seu diamante é líquido).



PROCURA DA POESIA

Carlos Drummond de Andrade

NÃO FAÇAS versos sôbre acontecimentos.
Não há criação nem morte perante a poesia.
Diante dela, a vida é um sol estático,
não aquece nem ilumina.
As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam.
Não faças poesia com o corpo,
êsse excelente, completo e confortável corpo, tão ingenso à efusão lírica.
Tua gôta de bile, tua careta de gôzo ou de dor no escuro
são indiferentes.
Nem me reveles teus sentimentos,
que se prevalecem do equívoco e tentam a longa viagem.
O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia.

Não cantes tua cidade, deixa-a em paz.
O canto não é o movimento das máquinas nem o segredo das casas.
Não é música ouvida de passagem; rumor do mar nas ruas junto à linha de
[espuma.

O canto não é a natureza
nem os homens em sociedade.
Para êle, chuva e noite, fadiga e esperança nada significam.
A poesia (não tires poesia das coisas)
elide sujeito e objeto.

Não dramatizes, não invoques,
não indagues. Não percas tempo em mentir.
Não te aborreças.
Teu iate de marfim, teu sapato de diamante,
vossas mazurcas e abusões, vossos esqueletos de família
desaparecem na curva do tempo, é algo imprestável.

Não recompanhas
tua sepultada e merencória infância.
Não osciles entre o espelho e a
memória em dissipação.
Que se dissipou, não era poesia
Que se partiu, cristal não era.

PALAVRA

Carlos Drummond de Andrade

ISSO É AGUILA

Penetra surdamente no reino das palavras.
 Lã estão os poemas que esperam ser escritos.
 Estão paralisados, mas não há desespero,
 há calma e frescura na superfície intata.
 Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
 Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
 Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.
 Espera que cada um se realize e consume
 com seu poder de palavra
 e seu poder de silêncio.
 Não forces o poema a desprender-se do limbo.
 Não colhas no chão o poema que se perdeu.
 Não adules o poema. Aceita-o
 como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada
 no espaço.

Chega mais perto e contempla as palavras.
 Cada uma
 tem mil faces secretas sob a face neutra
 e te pergunta, sem interesse pela resposta,
 pobre ou terrível, que lhe deres:
 Trouxeste a chave?

Repara:

êrmas de melodia e conceito.
 elas se refugiaram na noite, as palavras.
 Ainda úmidas e impregnadas de sono,
 rolam num rio difícil e se transformam em desprezo.

PALAVRA

Carlos Drummond de Andrade

ISSO É AQUILO

I

o fácil o fóssil
 o míssil o físsil
 a arte o infarte
 o ocre o canopo
 a urna o farniente
 a foice o fascículo
 a lex o judex
 o maiô o avô
 a ave o mocotô
 o só o sambaqui

II

o gás o nefas
 o muro a rêmora
 a suicida o cibo
 a litotes Aristóteles
 a paz o pus
 o licantropo o liceu
 o flit o flato
 a víbora o helêboro
 e êmbolo o bôlo

III

o istmo o espasmo
 o ditirambo o cachimbo
 a cutícula o ventríloquo
 a lágrima o magma
 o chumbo o nelumbo
 a fôrmica a fúcsia
 o bilro o pintassilgo
 o malte o gerifalte
 o crime o aneurisma
 a tâmara a Câmara

IV

o átomo o átono
 a medusa o pégaso
 a erisipela a elipse
 a ama o sistema
 o quimono o amoníaco
 a nênia o nylon
 o cimento o ciumento
 a juba a jacuba
 o mendigo a mandrágora
 o bonê a boa-fé

V

a argila o sigilo
 o pároco o bāratro
 a isca o menisco
 o idôlatra o hidrôpata
 o plātano o plástico
 a tartaruga a ruga
 o estômago o mago
 o amanhecer o ser
 a galáxia a gloxínia
 o cadarço a comborça

VI

o útil o tátil
 o colubiazol o gazel
 o lepidóptero o útero
 o equívoco o fel no vidro
 a jóia a triticultura
 o Know-how o nocaute
 o dogma o borborigmo
 o úbere o lúgubre
 o nada a obesidade
 a cárie a intempérie

VII

o dzta o zeugma
 o cemitério a marinha
 a flor a canéfora
 o pícrico o pícaro
 o cêsto o incesto
 o cigarro a formicida
 a aorta o Passeio Público
 o mingau a *migraine*
 o leste a leitura
 a girafa a jitanjáfora

VIII

o índio a lêndea
 o coturno o estôrno
 a pia a piedade
 a nolição o nonipétalo
 o radar o nâcar
 o solferino o aquinatense
 o bacon o dramaturgo
 o legal a galena
 o azul a lues
 a palavra a lebre

IX

o remorso o cós
 a noite o bis-coito
 o cestêrcio o consórcio
 o ético a ítaca
 a preguiça a treliça
 o castiço o castigo
 o arroz o horror
 a nespa a vêspera
 o papa a joaninha
 as endoenças os antibióticos

X

o árvore a mar
 o doce de pássaro
 a passa de pêsame
 o cio a poesia
 a fôrça do destino
 a pátria a saciedade
 o cudelume Ulalume
 o zunzum de Zeus
 o bômbix
 o ptyx

FIGURA

Rubens Rodrigues Torres Filho

Este sorriso justo, pontuado por vîrgulas abstratas,
e no caminho, seguramente em cena, mira
o claro desejo: desmisturar-se, por qual arte,
em meio a tanto. Mexer com esses relevos
subordinados ao fio da ausência. E o que se supõe
dispõe flores avulsas e laços de linguagem.

ERGO

Rubens Rodrigues Torres Filho

Tudo se diz duas vezes, reduplicado. Daí o eco,
cônjuge inevitável.

Daí o demorar-se dos acentos.



MEDONHO

Rubens Rodrigues Torres Filho

Por onde um poema medonho
encontra o avesso e diz nada,
lã onde o lívido sonho
mantêm a paz disparada,

enquanto cala, solícito,
o rugir da madrugada
tramada por mil pavores
de uma negra e negra fada,

por tudo que cai levíssimo
para o alto, machucado,
e dōi sem pedir licença

cerzido de lado a lado,
o poema sō quer ser feio
e não dar nenhum recado.



ÁLIBI DE PORTA

José Paulo Paes

se os poetas não cantassem
o que teriam os filósofos a explicar?



RETRATO DE POETA

João Cabral de Melo Neto

O poeta de que contou Burgess,
que sô escrevia na latrina,
quando sua obra lhe saía
por debaixo e por cima,
volta sempre à lembrança
quando em frente à poesia
meditabunda que
se quer filosofia,
mas que sem a coragem e o rigor
de ser uma ou outra, joga e hesita,
ou não hesita e apenas joga
com o fácil, como vigarista.
Pois tal meditabundia
certo hã de ser escrita
a partir de latrinas
e diarrêias propícias.



BIOGRAFIA DE UMA IDÉIA

Sebastião Uchoa Leite

ao fascínio do poeta pela palavra
sô iguala o da víbora pela sua presa
as idéias são/não são o forte dos poetas
idéias-dentes que mordem e se remordem:
os poemas são o remorso dos códigos e/ou
a poesia é o perfeito vazio absoluto
os poemas são ecos de uma cisterna sem fundo ou
erupções sem larva e ejaculações sem esperma
ou canhões que detonam em silêncio:
as palavras são denotações do nada ou
serpentes que mordem a sua própria cauda



Monteiro dos Santos

Poeta africano

Angola

1974

a palavra cresce desfolhada numa horizontal de silêncio.
arde, arde vertical e lenta.
arde cravada na concha de papel como o peso cru da carne
sobre as pedras, como um fósforo nos cabelos da terra
seca em pleno cacimbo.

a palavra é possuir em todas as ramagens da chama
é para ficar: vertiginoso colorido resistindo na fusão
incendiária desse poiso despanto breve.

tudo treme
neste poiso de espanto breve.

apresso a palavra e digo país:

e o teu corpo se despenha vertical
aqui entre as cordas desta febre.

digo espaço e as águas demoram.

de que me servem dedos
no contorno estéril da mão?



Aguinaldo FonsecaPoeta africano
Cabo Verde

ao Amílcar Cabral

Um dia, misteriosamente,

A Poesia perdeu-se.

E muita gente

Andou por montes e vales

Buscando-a raivosamente.

Encostas inacessíveis

Foram galgadas em vão.

Gritos e mãos para os céus,

Lágrimas, sangue e suor...

E a própria vida

Foi também oferecida...

Mas a Poesia estava

Irremediavelmente perdida.

Os homens gritaram raivas:

— Não sabiam que fazer...

Mas, de cada peito contrito,

De cada lágrima ou grito,

De cada gesto de dor,

De todo o sangue e suor

Discretamente nascia

Uma nova Poesia.



SONETO DE VIDRO

Robert **Joaquim Cardoso**

Este ser que se compõe de adjacências,
E de um cimento claro e matinal,
Tem nos seus nervos finos transparências,
De luz se alimenta. Fala cristal.

Por seu travês mantendo as aparências,
Da limpidez é símbolo e sinal;
Meu coração, por essas excelências,
Nele se mira e se vê por igual.

Nele se ajusta, assim como vertida
Onda de anseios vagos e dispersos
Que um sopro dual juntasse em verbo e vida.

Lendo-o com precaução modesta e ágil
Cuidado tenham no seguir seus versos
Que este soneto é de matéria frágil.



Sebastião Uchoa Leite

1987

Precisamos
de inteligências radar
e sonar
para captação de formas.
A poesia é um repto.
Não
(necessariamente)
um conceito
Uma identificação de ecos
por onde o ininteligível
se entende



PIADA DE CÂMARA

Paulo Henrique Britto

A invenção da palavra
desinventa o real
e põe no lugar da coisa
em enfezado matagal —
mistura de a coisa haver
com não haver coisa tal.
E quem ao pē desse mato
tocaia algum animal
que tenha pē e cabeça
pele escama pêlo ou pena
encontra mesmo ē um poema
afinal.



POÉTICA I

Carlos Felipe Moisés

Vem para o poema
como se viesses
para o abismo.
Debruça-te no espelho
destas águas
e colhe o silêncio
que navega no mais fundo
do teu ser.
O pai ausente,
a mãe ausente,
a irmã ausente,
não importa.
Os seres que te amaram,
no bôjo dêste rio
te esperam.



POÉTICA II

Carlos Felipe Moisés

Deixa que teus olhos
cansem a paisagem.
Não sofrerás
por ver demais.
Repousa teus sentidos
no contôrno vão das coisas
e deixa que teu ser
humildemente
se disperse, aqui,
no reino das palavras.
Torna-te canto,
apanha-te no vento
a esmo
e vê: não estás sô,
tua memória te acompanha.



COMO ELA É

Haroldo de Campos

acupunturas com raios cōsmicos
realismo: a poesia como ela ē
inscrições rupestres na ponta da lĩngua
poesia ā beira-fôlego: no ũltimo fole do pulmão
como ela ē (a poesia)
fogo (ē)
fogo
(a poesia)
fogo



Haroldo de Campos

o poeta é um fin

o poeta é um his

poe

pessoa

mallarmelos

e aqui

o meu

dactilospondeu:

entre o

fictor

e o

histrío

Haroldo de Campos

o azul é puro?

o azul é pus

de barriga vazia

o verde é vivo?

o verde é vírus

de barriga vazia

o amarelo é belo?

o amarelo é bile

de barriga vazia

o vermelho é fúcsia?

o vermelho é fúria

de barriga vazia

a poesia é pura?

a poesia é para

de barriga vazia



EX/PLICAÇÃO

Haroldo de Campos

não há um
sentido único
num
poema

quando alguém
começa a ex-
plicá-lo e
chega ao fim
en-
tão só fica o
ex
do ponto de
partida

beco

(tente outra
vez)

sem saída



SABIÁ COM TREVAS

Manuel de Barros

II

Meu canto reboja.
Não tem margens com a palavra.
Sapo é nuvem neste invento.
Minha voz é úmida como restos de comida.
A hera veste meus princípios e meus olhos.
Sô sei por emanções por aderência por incrustações.
O que sou de parede os caramujos sagram.
A uma pedrada de mim é o limbo.
Nos monturos do poema os urubus me farreiam.
Estrela é que é meu penacho!
Sou fuga para flauta e pedra doce.
A poesia me desbrava.
Com águas me alinhavo.

Obra: Arranjos para assobio
1982



OFERENDAS COM AVISO

José Paulo Paes

vamos pôr uma bengala de cego no tûmulo de homero
para que ele possa vagar em segurança pelas trevas do hades

vamos pôr um sapato de chumbo no tûmulo de dante
para que ele possa ascender mais depressa ao encontro de
[beatriz

vamos pôr uma corda de enforcado no tûmulo de villon
para que ele possa balançar-se em boa companhia

vamos pôr um olho de vidro no tûmulo de camões
para que ele possa assistir à volta d'el-rei d.sebastião

vamos pôr um pedaço de carniça no tûmulo de baudelaire
para que ele possa sentir o cheiro da vida aqui fora

vamos pôr um silenciador no tûmulo de maiakōvski
para que o seu revólver não perturbe os planos qlinqllenais

claro que em cada tûmulo junto com as oferendas
poremos também o aviso de praxe FIQUEM TODOS ONDE ESTÃO

20 de outubro,
dia do poeta



HOMENAGEM RENOVADA A MARIANNE MOORE

João Cabral de Melo Neto

Cruzando desertos de frio
que a pouca poesia não ousa,
chegou ao extremo da poesia
quem caminhou, no verso, em prosa.
E então mostrou, sem pregação,
com a razão de sua obra pouca,
que a poesia não é de dentro,
que é como casa, que é de fora;
que embora se viva de dentro
se há de construir, que é uma coisa
que quem faz faz para fazer-se
— muleta para a perna coxa.



OUVINDO EM DISCO MARIANNE MOORE

João Cabral de Melo Neto

Ela desvestiu a poesia,
como se desveste uma roupa,
das verticais, do falar alto,
menos de quem prega, apregoa,
de quem esqueve o microfone
que tem a dois palmos da boca
porque falando alto imagina
que a emoção sobreexposta é a boa.
Em disco, a voz desconhecida,
que nunca berra nem cantoa,
da voz fria do poema impresso
em nenhum momento destoa.



A EDGAR ALLAN POE

José Paulo Paes

Fecha-se um homem no quarto
E esquece a janela aberta.
Pela janela entre um corvo.
O homem se desconcentra.

Desconcertado, invectiva-o
De anjo, demônio, adivinho.
Pede-lhe mágicas, mapas,
Soluções, chaves, caminhos.

Mas, ave de curto vôo,
O corvo sorri de pena.
Murmura vagas palavras.
Não absolve, não condena.

Cala-se o homem, frustrado,
(O egocentrismo desgosta)
E, a contragosto, percebe
Que o eco não é resposta.

TROVA DO PORTA DE VANGUARDIA

SONETILHO DO FALSO FERNANDO PESSOA

THE MEDIUM IS THE MESSAGE

Onde nasci, morri.
Onde morri, existo.
E das peles que visto
muitas hã que não vivi.

Sem mim como sem ti
posso durar. Desisto
de tudo quanto ẽ misto
e que odiei ou senti.

Nem Fausto nem Mefisto,
ã deusa que se ri
dêste nosso oaristo,

eis-me a dizer: assisto
alẽm, nenhum, aqui,
mas não sou eu, nem isto.

Drummond

TROVA DO POETA DE VANGUARDA

OU

THE MEDIUM IS THE MESSAGE

José Paulo Paes

*se me decifrarem**recífro**se me desrecifrarem**rerrecífro**se me desrrerrecifrarem**então**meus correrrecifradores**serão*

MURILOGRAMA A T.S.ELIOT

NO MEU PRINCÍPIO ESTÁ MEU FIM:

*Os tempos se sucedem se acavalam, engrenagem
Se autoesfregando, se roendo, se recriando
Em contínua autoinvenção & metamorfose.*

•

*A luz cai vertical no princípio & no fim,
No osso do homem & na sua pele.
Matéria & forma se ajustam no alto & no baixo.
Tudo já foi escrito repensado
Na caverna & no espaço do reator.
Já vivemos & fomos vividos por outrem
Já usamos & fomos usados por outrem
No renovado atrito & rotação
De coisas & pessoas levigadas
Pela terra a teologia a matemática.
Se encontram claro & escuro, se abraçando.
Poeta & economista,
Filólogo & físico nuclear
Se embatem, se penetram.*

•

*Já morri. Já fui julgado. Já ressuscitei.
Já estive. Já foi. Já principiou.*



MURILIANA

José Paulo Paes

a palavra não vem

Corto a cidade, as máquinas e o sonho
Do jornaleiro preso no crepúsculo.
Guardo as amadas no bolso do casaco.
Almoço bem pertinho do arco-íris,
Planto violetas na face do operário.
Conversando com anjos e demônios,
É o meu anúncio quem dirige as nuvens.

*nunca
nunca
nunca
nunca
nunca
nunca
nunca
nunca*

Arnaldo Antunes

a palavra não vem

*pensa
pensa
pensa
pensa
e a palavra não vem*

*nunca
nunca
nunca
nunca
nunca
nunca
nunca
nunca*

NOSFERATU: NÓS/TORQUATO

Haroldo de Campos

putresco

putresco

putresco

torquato: teus últimos dias de paupéria me

vermicegos enrolam a substância da treva

vampiros cefalâmpados

(disse)

mas agora put

resco

put

(horresco

referens)

resco

sco

sc

o

A LUZ EM JOAQUIM CARDOZO

João Cabral de Melo Neto

Escrever de Joaquim Cardozo
sô pode quem conhece
aquela luz Velásquez
de onde nasceu e de que escreve.

A luz que das vārzeas da Vārzea
onde nasceu, redonda,
vem até o ex-Cais de Santa Rita
que viveu: luz redoma,

luz espaço, luz que se veste,
leve como uma rede,
e clara, até quando preside
o cemitério e a sede.



AUTOPSICOGRAFIA

Fernando Pessoa

O POETA é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que êle teve,
Mas só a que êles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama o coração.



Armênio Vieira

Poeta africano
Cabo Verde

1

O poeta é um fingidor
um pedreiro muito lido
calceteiro dolorido
cujas pedras são pedaços
que ele arranca dos penhascos
de uma alma nua e sua
e da alma de outros poetas

2

Um poeta e o seu canto:
harpa eólia, sons de louco

O vento sopra, sopra, sopra
o vento é brisa e é vendaval
o vento aquece e arrefece

3

POESIA — pássaro livre, quase verde
que os poetas alimentam
com mão de afago
e tenros, tenros grãos
sejas tu — cantor solitário
das horas sen canção —
sejas tu — na minha morte —
(mão de amor e serenidade
dedos de mãe e de amada)
— seja tu a cerrar-me os olhos



VENDETA

Corsino Fortes

Poeta africano
Cabo Verde

Um verso escapa
Descaradamente
Do poema que escrevo.

Um rumor longínquo
Segreda-me
Que ele espezinha
Os companheiros
Da minha caravana.

De repente
Ele projecta-se
No "écran" do meu espanto
Com garras e lábios
Manchados de sangue.

Nos seus olhos hã imagens feridas,
E numa voz cortante
Blasfema

Sou a dor
o sangue
a vítima
Dos teus crimes impunes!
Vingo-te à minha maneira.

Renego-te
Renegado!...



PÃ! PÃ! PÃ!

Sebastião Uchoa Leite

ouve darling o meu sintagma
não sou nenhum hafiz
sô fiz o que não fiz
não sejas tão paradigmática
ou então fico por aqui
e ao vencedor as baratas



Luiz Roberto R. Lopreto
1989

o dedo desenha
marcas provisórias
no transpirar do copo
entre tempos que vacilam
entrelaçados;

o olhar
conspira outro olhar
por aí
entre tempos que se aliam
embriagados;

a palavra
revela e lava
sopros de encontros
entre tempos que não voam
antecipados;

o toque
atrai o retoque
distrain os enfoques
entre tempos que variam
apaixonados;

a poesia
trilha e conquista
toda dor e alegria
entre tempos que emigram
inconformados.



Manuel Bandeira

19.05.1949

Vou lançar a teoria do poeta sôrdido.

Poeta sôrdido:

Aquêles em cuja poesia há a marca suja da vida.

Vai um sujeito.

Sai um sujeito de casa com a roupa de brim branco
muito bem engomada, e na primeira esquina
passa um caminhão, salpica-lhe o paletô ou
a calça de uma nêdoa de lama:

É a vida.

O poema deve ser como a nêdoa no brim:

Fazer o leitão satisfeito de si dar o desespero.

Sei que a poesia é também orvalho.

Mas este fica para as menininhas, as estrelas albas,
as virgens cem por cento e as amadas que
envelheceram sem maldade.



POÉTICA

Manuel Bandeira

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto
expediente protocolo e manifestações de
aprêço ao Sr. diretor

Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar
no dicionário ao cunho vernáculo de um
vocábulo

Abaixo os puristas

Tôdas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Tôdas as construções sobretudo as syntaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador

Político

Raquítico

Sifilítico

De todo lirismo que capitula ao que quer que seja
fora de si mesmo,

De resto não é lirismo

Será contabilidade tabela de co-senos secretário do
amante exemplar com cem modelos de cartas
e as diferentes maneiras de agradar às
mulheres, etc.

Quero antes o lirismo dos loucos

O lirismo dos bêbados

O lirismo difícil e pungente dos bêbados

O lirismo dos clowns de Shakespeare

— Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

PRISÃO DOS DENTES

R.V. Pandit

Poeta de Goa

1917

Ó língua

Ê a tua sina

Passar a vida

Na prisão dos dentes?

Se a tua lâmina mole

Tiver o fio da verdade...

A palavra

Que tu proferires

Atravês da prisão

Serã acolhida

Pelo mundo inteiro!

O POEMA

João Cabral de Melo Neto

A tinta e o lápis
escrevem-se todos
os versos do mundo.

Que monstros existem
nadando no poço
negro e fecundo?

Que outros deslizam
largando o carvão
de seus ossos?

Como o ser vivo
que é um verso
um organismo

com sangue e sopro
pode brotar
de germes mortos?

o

O papel nem sempre
é branco como
a primeira manhã.

É muitas vezes
o triste e pobre
papel de embrulho;

é de outras vezes
de carta aérea,
leve de nuvem.

Mas é no papel
no branco asséptico,
que o verso rebenta.

Como um ser vivo
pode brotar
de um chão mineral?

A SAQUE E A SANGUE

Antonio B. da Fonseca

Poeta português contemporâneo

Na minha cidade a saque e a sangue
um grilo sacana canta e não canta
um grilo couraçado, desesperado
dentro da gaiola, pequena garganta

Conheço estas vozes que cheiram a tabaco
e dizem e dizem a saque e a sangue
a missão do poeta na miséria dos tempos:
Construir uma Rosa, suicidar-se estanque

ou viver pesaroso, fumador de navios,
ou vampiro feliz na encruzilhada dos rios.

in "Grifo"
(1970)



OS SAPOS

Manuel Bandeira

ENFUNANDO os papos,
Saem da penumbra,
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra.

Em ronco que aterra,
Berra o sapo-boi:
— "Meu pai foi ã guerra!"
— "Não foi!" — "Foi!" — "Não foi!".

O sapo-tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: — "Meu cançãoeiro
É bem martelado.

Vêde como primo
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca rimo
Os têrmos cognatos.

O meu verso é bom
Frumento sem joio.
Faço rimas com
Consoantes de apoio.

Vai por cinquenta anos
Que lhes dei a norma:
Reduzi sem danos
A fôrmas a forma.



Clame a saparia
Em críticas céticas:
Não há mais poesia,
Mas há artes poéticas..."

Urta o sapo-boi:
— "Meu pai foi rei" — "Foi!"
— "Não foi!" — "Foi!" — "Não foi!".

Brada em um assomo
O sapo-tanoeiro:
— "A grande arte é como
Lavor de joalheiro."

Ou bem de estatuário.
Tudo quanto é belo,
Tudo quanto é vário,
Canta no martelo".

Outros, sapos-pipas
(Um mal em si cabe),
Falam pelas tripas:
— "Sei!" — "Não sabe!" — "Sabe!".

Longe dessa grita,
Lã onde mais densa
A noite infinita
Verte a sombra imensa;

Lã, fugido ao mundo,
Sem glória, sem fê,
No perau profundo
E solitário, é

Que soluças tu,
Transido de frio,
Sapo cururu
Da beira do rio...



Aqui, fecho o caderno de anotações. Tentava fazer isso há muito tempo. Tropecei sempre nos universos de encanto, nos poemas desses meninos!...

Agora, poemas estão em diálogos ostensivos. Que os co-autores, leitores, possam criar os modos de ser desta Fa_lação... Que possam encontrar modos de manifestações do Eu/Sen_timento!



POEMAS / PERCEPÇÕES VISUAIS

NA POÉTICA



O homem trabalha
entre a terra e o céu.
Vive nas suas montanhas,
nas suas águas,
nas suas pedras.
No papel, no fio,
no fio, no fio,
no fio, no fio.

OS ENGENHEIROS,
NA POÉTICA

A terra é a base
dos cantos, dos
e os
pontos de partida.

Quando o engenheiro trabalha
o crescimento é a planta,
e a planta é o fio,
e o fio é o fio.

O ENGENHEIRO

José Paulo Paes

O homem trabalha
entre a rosa e o trânsito.
Ondas contínuas no seu dorso
de pedra e nuvem.
Martelos.
No papel intacto há linhas,
fundamentos de aurora, estrutura
de um mundo pressentido, linhas.

As rosas se dividem
por canteiros iguais
e um pássaro
pousou no arranha-céu.

Quando o engenheiro terminar
o sentimento e a planta,
mãos frescas como folhas
virão sobre o meu corpo.



O ENGENHEIRO

João Cabral de Melo Neto

a Antônio B. Baltar

A luz, o sol, o ar livre
envolvem o sonho do engenheiro.
O engenheiro sonha coisas claras:
superfícies, tênis, um copo de água.

O lápis, o esquadro, o papel;
o desenho, o projeto, o número:
o engenheiro pensa o mundo justo,
mundo que nenhum vêu encobre.

(Em certas tardes nós subíamos
ao edifício. A cidade diária,
como um jornal que todos liam,
ganhava um pulmão de cimento e vidro).

A água, o vento, a claridade,
de um lado o rio, no alto as nuvens,
situavam na natureza o edifício
crescendo de suas forças simples.



DATILOGRAFIA

Álvaro de Campos

TRAÇO SÔZINHO, no meu cubículo de engenheiro, o plano,
Firmo o projeto, aqui isolado,
Remoto até de quem eu sou.

Ao lado, acompanhamento banalmente sinistro,
O tique-taque estalado das máquinas de escrever.
Que náusea da vida!
Que abjeção esta regularidade!
Que sono êste ser assim!

Outrora, quando fui outro, eram castelos e cavaleiros
(Ilustrações, talvez, de qualquer livro de infância),
Outrora, quando fui verdadeiro ao meu sonho,
Eram grandes paisagens do Norte, explícitas de neve,
Eram grandes palmares do Sul, opulentos de verdes.

Outrora.

Ao lado, acompanhamento banalmente sinistro,
O tique-taque estalado das máquinas de escrever.

Temos todos duas vidas:

A verdadeira, que é a que sonhamos na infância,
E que continuamos sonhando, adultos num substrato de névoa;
A falsa, que é a que vivemos em convivência com outros,
Que é a prática, a útil,
Aqueela em que acabam por nos meter num caixão.



Na outra não há caixões, nem mortes,
Hã sô ilustrações de infância:
Grandes livros coloridos, para ver mas não ler;
Grandes páginas de côres para recordar mais tarde.
Na outra somos nós,
Na outra vivemos;
Nesta morremos, que é o que viver quer dizer;
Neste momento, pela náusea, vivo na outra...

Mas ao lado, acompanhamento banalmente sinistro,
Ergue a voz o tique-taque estalado das máquinas de escrever.



"ОЛХО - ТАСТО"

QUASE REBELDIA

Jacob Pinheiro Goldberg

Fugaz o olho, fugaz pupila, aventura que dita a fera que
dita a espera, o golpe brusquidão.



FEBRE

Egberto Penido

Seigneur, je suis tout seul et j'ai le fièvre.
Blaise Cendrars

Pássaros desertam minha cabeça
o tempo nasce
entre minhas mãos.
Em meus olhos cresce um novo Olho.
Azul. Intenso.
O céu queima dentro d'ele.
Sua essência é o Movimento.
O vento a correnteza o caminho das estrelas
ainda não é o Movimento.
Movimento
é o cintilar
de meu novo Olho.
Nêle o longínquo e o próximo cessam
a eternidade se parte
aquilo que era não mais existe
nêle
o desconhecido se abre
e surge a fenda o instante do instante
a linha de força
leve como um sopro
por onde entram e saem os mensageiros
que
com suas facas com suas carícias
vão me separando da inércia
do habitual
vão cortando
minhas ligações com o antigo
com o sonho da realidade.
Meu Olho é o 7. O Ritmo
que pulsa terrível



Alcides Vilaça

Os olhos tocam primeiro,
mas palavras por fim.

Mas as palavras repousam,
e os olhos devem seguir.

Os olhos sabem primeiro,
mas as palavras recolhem.

Mas as palavras não colhem
do campo o que os olhos colhem.

Os olhos querem o tempo,
mas as palavras já têm.

Mas nas palavras não cabe
dos olhos esse não caber.

Os olhos olham as palavras,
mas as palavras entoam.

Mas as palavras retornam,
e os olhos nascem além.

Entre olhos e palavras
não fique ânsia ou vagar:

distâncias mudas e cegas
tocam-se, para ver cantar.



CANTIGA

Paulo Henrique Campos
Camões

a este mote seu:

Pus meus olhos nũa funda.
e fiz um tiro com ela.
às grades de ãa janela.

Õa Dama, de malvada,
tomou seus olhos na mão
e tirou-me ãa pedrada
com eles ao coração.
Armei minha funda então,
e pus meus olhos nela:
trape! quebro-lh'a janela.



GÊNESE

Paulo Henrique Britto

o mundo começa nos olhos,
se alastra pelo rosto, desce o peito
e o dorso, ocupa o ventre, invade
as pernas e os braços, e
termina na ponta dos dedos.

o mundo começa pelos olhos
d'água, se espalha entre as pedras
é disperso pelo vento, sobe aos ares,
penetra as profundezas da terra, e se
consome no fogo.

o mundo começa como um olho
aberto, sem pálpebras nem cílios,
só íris e pupila, imerso
numa órbita profunda, onde resvala
e some num piscar de olhos.



COM CHARLIE WHITMAN EM SUA TORRE

Francisco Alvim

A torre: um falo ereto
vertical domínio
cravado num pátio
submisso ao olhar

De onde o olho se serve
o homem: tamanho e
aderência contra o
reles tabuleiro

Um pátio: o que é
um pátio: lugar
de passos agônicos
Para quê ouvi-lo?

Fora da cidade
hã porcos selvagens
Os porcos se matam
Agonizam os passos



A UMA DAMA QUE LHE CHAMOU
CARA SEM OLHOS

Camões

Sem olhos vi o mal claro
Que dos olhos se seguiu,
Pois cara sem olhos viu
Olhos que lhe custam caro.
De olhos não faço menção,
Pois quereis que olhos não sejam:
Vendo-vos; olhos sòbejam;
Não vos vendo, olhos não são



Arnaldo Antunes

olhos

olhos

oh luz

não sou eu
é o é
não sou eu que sou
é o é que é

olhos

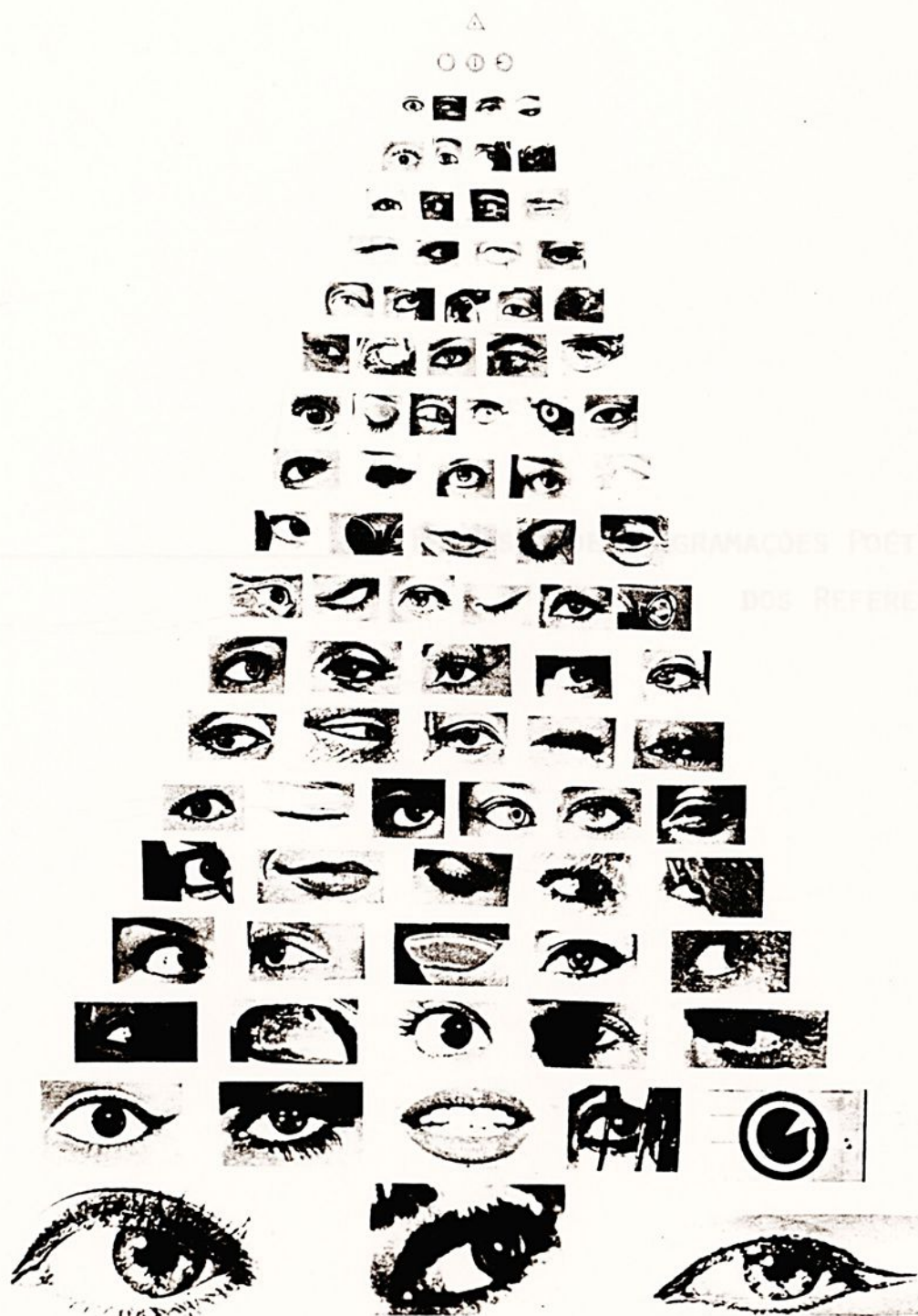
olhos

oh luz

Augusto de Campos

**eixoolho
polofixo
eixoflor
pesofixo
eixosolo
olhofixo**

Augusto de Campos



EM BUSCA DE DIAGRAMAÇÕES POÉTICAS
DOS REFERENTES



"(...) O saber científico, extraído dos sonhos de uma revelação inspirada, quer dizer, sobrenatural, pode descobrir-se hoje simultaneamente como — escuta poética — da natureza e processo natural nela, processo aberto de produção e invenção, num mundo aberto, produtivo e inventivo..."

(Ilya Prigogine e Isabelle Stengers. "O Reencantamento do Mundo", capítulo de conclusão da obra A Nova Aliança. Editora Universidade de Brasília, 1984).



O "KALIDAH"

Richard Burton

Poema sulfi
trecho inicial

[["Aproxima-se a hora: a Rainha minguante se adianta]]

para governar a noite que chega;

Tem coroa o brilho de uma Estrela e, por troco,

[[um orbe de luz cinērea".]]

Olavo Bilac

Poema parnasiano ontológico

"Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A via lactea, como um pátio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudosos e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas".

OUTRO ESBOÇO

Francisco Alvim

1984

A serpente semântica disse:
não adianta querer
significar-me
neste silvo.
Meu único modo de ser é a in
sinuosidade e a in
sinuação.
Não é possível pensar
a verdade
exceto como veneno.



Décio Pignatari

u m
m o v i
mento

compondo

além

da

nuvem

um

campo

de

combate

mira

gem

ira

de

um

horizonte

puro

num

mo

mento

vivo

NUM BAIRRO MODERNO

Cesário Verde

Poeta português, classificado
como Modernista

a Manuel Ribeiro

Dez horas da manhã; os transparentes
Matizam uma casa apalaçada;
Pelos jardins estancam-se os nascentes,
E fere a vista, com brancuras quentes,
A larga rua macadamizada.

Rez-de-chaussée repousam sossegados,
Abriram-se, nalguns, as persianas,
E dum ou doutro, em quartos estucados,
Ou entre a rama dos papéis pintados,
Reluzem, num almoço, as porcelanas.

Como é saudável ter o seu conchego,
E a sua vida fácil! Eu descia,
Sem muita pressa, para o meu emprego,
Aonde agora quase sempre chego
Com as torturas duma apoplexia.

E rota, pequenina, azafamada,
Notei de costas uma rapariga,
Que no xadrez marmóreo duma escada,
Como um retalho de horta aglomerada,
Pousara, ajoelhando, a sua giga.

E eu, apesar do sol, examinei-a:
Pôs-se de pé; ressoam-lhe os tamancos;
E abre-lhe o algodão azul da meia,
Se ela se curva, esguedelhada, feia,
E pendurando os seus bracinhos brancos.

Do patamar responde-lhe um criado:
"Se te convém, despacha: não converses.
Eu não dou mais". E muito descansado,
Atira um cobre lívido, oxidado,
Que vem bater nas faces dum alperces.



Subitamente — que visão de artista! —
Se eu transformasse os simples vegetais,
À luz do sol, o intenso colorista,
Num ser humano que se mova e exista,
Cheio de belas proporções carnaís?!

Bóiam aromas, fumos de cozinha;
Com o cabaz às costas, e vergando,
Sobem padeiros, claros de farinha;
E às portas, uma ou outra campainha
Toca, frenética, de vez em quando.

E eu recompunha, por anatomia,
Um novo corpo orgânico, aos bocados.
Achava os tons e as formas. Descobria
Uma cabeça numa melancia,
E nuns repolhos seios injectados.

As azeitonas, que nos dão o azeite,
Negras e unidas, entre verdes folhos,
São tranças dum cabelo que se ajeite;
E os nabos — ossos nus, da cor do leite,
E os cachos de uvas — os rosários de olhos.

Há colos, ombros, bocas, um semblante
Nas posições de certos frutos. E entre
As hortaliças, túmido, fragrante,
Como dalguém que tudo aquilo jante,
Surge um melão, que me lembrou um ventre.

E, como um feto, enfim, que se dilate,
Vi nos legumes carnes tentadoras,
Sangue na ginja vívida, escarlata,
Bons corações pulsando no tomate
E dedos hirtos, rubros, nas cenouras.

O sol dourava o céu. E a regateira,
Como vendera a sua fresca alface
E dera o ramo de hortelã que cheira,
Voltando-se, gritou-me, prazenteira:
"Não passa mais ninguém!... Se me ajudasse?!..."

Eu acerquei-me dela, sem desprezo;
E, pelas duas asas a quebrar,
Nós levantamos todo aquele peso
Que ao chão de pedra resistia preso,
Com um enorme esforço muscular.

"Muito obrigada! Deus lhe dê saúde!"
E recebi, naquela despedida,
As forças, a alegria, a plenitude,
Que brotam dum excesso de virtude
Ou duma digestão desconhecida.

E enquanto sigo para o lado oposto,
E ao longe rodam umas carruagens,
A pobre afasta-se, ao calor de Agosto,
Descolorida nas maçãs do rosto,
E sem quadris na saia de ramagens.

Um pequerrucho rega a trepadeira
Duma janela azul; e, com o ralo
Do regador, parece que joeira
Ou que borrifava estrelas: e a poeira
Que eleva nuvens altas a incensá-lo.

Chegam do gigo emanções sadias,
Oíço um canário — que infantil chilrada! —
Lidam *mênages* entre as gelosias,
E o sol estende, pelas frontarias,
Seus raios de laranja destilada.

E pitoresca e audaz, na sua chita,
O peito erguido, os pulsos nas ilhargas,
Duma desgraça alegre que me incita,
Ela apregoa, magra, enfezadita,
As suas couves repolhudas, largas.

E, como as grossas pernas dum gigante,
Sem tronco, mas tléticas, inteiras,
Carregam sobre a pobre caminhante,
Sobre a verdura rústica, abundante,
Duas frugais abóboras carneiras.



A CAPITAL DO MUNDO

Ronaldo Brito

São Paulo, 1985

Reflete dans l'eau (Debussy)

Ilha enfim
 minha estrita
 geografia
 terra m̃nima
 areia
 logo mar
 nada
 em seguida

TROPICAL MAGIC

Ronaldo Brito

Brisa avessa a palmeira cāustica



PARIS SER, PARIS STAR

Vicente Cechelero

São Paulo, 1986

Reflets dans l'eau (Debussy)

...

Paris, Paris.

A tua simetria...

car Descartes.....

tens razão droite gauche luzestrelas

sob a alta e ilustre geometria

cena brilham mallarmaicaisconstelações brilham cena

sob a alta e ilustre geometria

tens razão droite gauche luzestrelas

car Descartes.....

A tua simetria...

Paris, Paris

...

A AVENIDA

Ferreira Gular

1

O relógio alto, as
flores que o vento sub-
juga,

a grama a crescer
na ausência dos
homens.

Não obstante,
as praias não cessam.
Simultaneidade!

diurno
milagre, fruto de
lúcida matéria — imputrescível! O
sem descanso. Alegria
limpa, roubada sem qualquer
violência ao
doloroso trabalho
das coisas!

2

Miséria! esta avenida é
eterna!

Que fazem os galhos
erguidos no

vazio
se não garantem sua
permanência?



O relógio
rí.

0

canteiro é um mar
sábio con-
tido
suicidado.

Na luz
desamparada, as corolas
desamparadas.

3

Precárias são as praias dos
homens:

praias
que morrem na cama com
o ódio e o
sexo: perdem-se
no pó sem voz.

A importância das praias para o mar!
Praias, amadurecimento:

aqui
o mar crepita e fulgura, fru-
to trabalhado dum fogo
seu, aceso
das águas,
pela faina das águas.

Há um oeste
na cúpula do mundo
que se põe

Um pôr-de-cores-cadentes
tangenciando ocidentes e oceanos
e iriando os horizontes
E sombreando os ocasos
onde os acasos dos homens
se recobrem de sonhos e noite

Há um maranhar-se
de matizes e tons
na linhagem recortada das montanhas
Um imiscuir-se de amarelos e azuis
Um redobrar-se das horas
pluralizando agora e segundos

E há a mim
na cúpula do oeste
me pondo

Me de-com-pondo
nos redondos
do sol e do mundo

CÍRCULOS

APRESENTAÇÃO

Orides Fontele

Vicente Cecchello
São Paulo, 1977

Hã uma lua

luz O sol é o spotlight

alêm que ilumina

do círculo dia

As estrelas nos estão contemplando

hã uma lua

outro círculo.

Sem estrelas logo nos aquecem

as estrelas molhadas siderais

aquecem

vivemos vivemos vivemos.

aqui abaixo ou aqui em cima

sobre a terra ou sob a terra

ninguém quer tirar a máscara

pois o fim

do espetáculo

não vale

(a pena)

REPRESENTAÇÃO

Vicente Cechelero
São Paulo, 1977

O sol é o spotlight
que alumbra
nosso (único) ato

As estrelas nos estão contemplando
(reificadas)
em sua divina indiferença.
Seus casuais fogos nos aquecem
em nossas solidões siderais
enquanto
vivemos vivemos vivemos.

Aqui embaixo ou aqui em cima
sobre a terra ou sob a terra
ninguém quer tirar a máscara
pois o fim
do espetáculo
não vale
(a pena)



CALEIDOSCÓPIO

Orides Fontele

Acontece: um
giro
e a forma brilha.

Espelhos do instante
filtram
a ordem pura cores forma
brilho
(e sem nenhuma
palavra).

Acontece: outro
giro
outra forma e o mesmo
brilho.

O espelho dos instantes
fragmentos
estruturados em reflexos
fúlgidos!

Acontece: novo
giro...
O caleidoscópio quebra-se.



il fabbro

fabricando colares de contas
douradas pretas vermelhas
e pulseiras
verdes
fabricando brancos
e lustrosos brincos
de vidro
brincando de sons
de reflexos
pretos e dourados
os tons são milhares!

lá embaixo,
no oitavo andar,
mora um homem que fabrica
colares de pedras roxas.
só roxas e, às vezes, azuis.
no oitavo roxas! andar azuis!
mora o competidor.

Paulo Miranda
1967/68



Manuel Bandeira

FIM DE TARDE.

No céu plúmbeo

A Lua baça

Paira

Muito cosmograficamente

Satélite.

Desmetaforizada,

Desmistificada,

Despojada do velho segredo de melancolia,

Não é agora o golfão de cismas,

O astro dos loucos e dos enamorados.

Mas tão-somente

Satélite.

Ah Lua dêste fim de tarde,

Demissionária de atribuições românticas,

Sem show para as disponibilidades sentimentais!

Fatigado de mais-valia,

Gosto de ti assim:

Coisa em si,

— Satélite.



A ROSA DE HIROXIMA

Vinicius de Moraes

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexactas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroxima
A rosa hereditária
A rosa radioactiva
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A anti-rosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada.



Maria Alberta Menêres

Quem no trapézio bailava,
fosse homem, deus ou poeta,
trazia nas mãos diversas
o equilíbrio da terra

o equilíbrio do vento
nos músculos prolongados,
a angústia, o breve motivo
que na distância inventava.

Todas as forças dispersas
num sō momento fundidas
fundidas num movimento
logo dispersas e soltas,

que o imprevisto disfarce
no trapézio se renova
e quando o salto não basta
ē o equilíbrio que sobra.

do livro "A palavra imperceptível"
(1955)



O OVO DE GALINHA

João Cabral de Melo Neto

Ao olho mostra a integridade
de uma coisa num bloco, um ovo.
Numa sô matéria, unitária,
maciçamente ovo, num todo.

Sem possuir um dentro e um fora,
tal como as pedras, sem miolo:
e sô miolo: o dentro e o fora
integralmente no contôrno.

No entanto, se ao olho se mostra
unânime em si mesmo, um ovo,
a mão que o sopesa descobre
que nele hã algo suspeito:

que seu peso não é o das pedras,
inanimado, frio, goro;
que o seu é um peso morno, túmido,
um peso que é vivo e não morto.

O ovo revela o acabamento
a toda mão que o acaricia,
daquelas coisas torneadas
num trabalho de toda a vida.

E que se encontra também noutras
que entretanto mão não fabrica:
nos corais, nos seixos rolados
e em tantas coisas esculpidas



cuja forma simples são obra
de mil inacabáveis lixas
usadas por mãos escultoras
escondidas na água, na brisa.

No entretanto, o ovo, e apesar
da pura forma concluída,
não se situa no final:
está no ponto de partida.

A presença de qualquer ovo,
atê se a mão não lhe faz nada,
possui o dom de provocar
certa reserva em qualquer sala.

O que é difícil de entender
se se pensa na forma clara
que tem um ovo, e na franqueza
de sua parede caiada.

A reserva que um ovo inspira
é de espécie bastante rara:
é a que se sente ante um revólver
e não se sente ante uma bala.

É a que se sente ante essas coisas
que conservando outras guardadas
ameaçam mais com disparar
do que com a coisa que disparam.



Na manipulação de um ovo
um ritual sempre se observa:
há um jeito recolhido e meio
religioso em quem o leva.

Se pode pretender que o jeito
de quem qualquer ovo carrega
vem da atenção normal de quem
conduz uma coisa repleta.

O ovo porêm está fechado
em sua arquitetura hermética
e quem o carrega, sabendo-o,
prossegue na atitude regra:

procede ainda da maneira
entre medrosa e circunspecta,
quase beata, de quem tem
nas mãos a chama de uma vela.



O PEIXE

Elson Farias

Desenho um peixe
de espuma e escama,
espuma rósea
de folha e lama.

Um sol nos olhos,
ardente imagem,
no lombo um feixe
de aroma-aragem.

Galhas agudas,
faca afiada,
cabeça e lustre
de tudo e nada.

Espinha e carne,
gelo e fagulha,
verão da várzea
de vasta chuva.



CARAMUJO

Orides Fontele

A superfície
suave convexa
não revela seu dentro:
apenas brilha.

A entrada
estreita abóbada
é sóbria sombria
gruta.

A seqüência
rampa enovelada
se estreita num pasmo
labiríntico.

O fim
limite íntimo
nada é além de si mesmo
ponto último.

A saída
é a volta.



ÉPURA

Ronald de Carvalho

Poeta modernista

*Geometrias, imaginações destes caminhos
da minha terra!*

*Curvas de trilhas,
triângulos de asas,
bolas de cor...*

*Círculos de sombras agachadas entre as árvores,
cilindros de troncos embebidos na luz.*

*Geometrias, imaginações destes caminhos
da minha terra!*

*Melancolicamente, neste alegria geométrica,
pingando bilhas polidas,
o leque das bananeiras abana o ar da manhã...*



DE AMSTERDAM A ROTTERDAM

José Paulo Paes

*é uma tulipa uma tulipa uma tulipa uma tulip-
é um país!*



METASSONETO OU O COMPUTADOR
IRRITADO

Alberto Alexandre Martins

José Paulo Paes

abba

baab

cdc

dcc

aabb

bbaa

ccd

dcd

cdc

dcc

abab

baba

ccd

dcd

abba

baab

blablablablablablablablablablablablablablablabla

Alberto Alexandre Martins

Tensos
esquívos
parados
tão bem-postos
e impostos
em seus postos
bem-postados
— esses postes —
um dia ainda serão
eletrocutados



FORTE DE ORANGE, ITAMARACÁ

João Cabral de Melo Neto

A pedra bruta da guerra,
seu grão granítico, hirsuto,
foi toda sitiada por
erva-de-passarinho, musgo.
Junto da pedra que o tempo
rõi, pingando como um pulso,
inroído, o metal canhão
parece eterno, absoluto.
Porém o pingar do tempo
pontual, penetra tudo;
se seu pulso não se sente,
bate sempre, e pontiagudo,
e a guerrilha vegetal
no seu infiltra-se mudo,
conta com o tempo, suas gotas
contra o ferro inútil, viúvo.
E um dia os canhões de ferro,
sua tesão vã, dedos duros,
se renderão ante o tempo
e seu discurso, ou decurso:
ele fará, com seu pingo
inestancável e surdo,
que se abracem, se penetrem,
se possuam, ferro e musgo.



FOTOGRAFIA DO ENGENHO TIMBÔ

Feita por Ivan Granville Costa

João Cabral de Melo Neto

Casas-grandes quase senzalas,
como a desse Engenho Timbô
que tenho na minha parede
(casa onde nasceu uma avô).

O tudo em volta é sempre a cana,
que sufoca tudo, como a asma
e só se abre em poucos terceiros,
guardados a ponta de faca.

A Casa-grande é menos grande
do que a estrebaria e a senzala,
do que a moita morta do engenho,
de que só resta a ruína rasa.

O que de Casa-grande havia
nesse Timbô de um Souza-Leão?
Entre urinóis, escarradeiras,
um murcho, imperial, brasão.

T. 231



A PAISAGEM EM CÍRCULO

Orides Fontele

Os plātanos as pombas estas fontes
as frondes, longe; e, de novo, os
plātanos.

As pombas estes plātanos as frondes
as fontes, longe; e, de novo, as
pombas.

As fontes estas frondes estas pombas
plātanos, longe; e, de novo, as
fontes.

Estas frondes os plātanos as fontes
as pombas, longe; e, de novo, as
frondes.

O AQUÁRIO

Cecília Meireles

O AQUÁRIO TEM um bosque verde submerso,
que não conhece pássaros nem vento.

Areias douradas e limosas
prendem raízes pálidas,
que se prolongam em finas palmas,
em longas folhas ovais,
em crespos filamentos hirtos.

Nesse mundo sem voz,
navegam os peixes vermelhos.

Seus olhos cegos são dois preguinhos de ferro,
e é apenas um pêso de prata o seu abdome
para equilíbrio do corpo incerto e transparente.

No circo líquido,
são trapezistas de malhas de ouro
em exercícios livres.
Descem de cabeça até o chão de areia,
sobem à superfície densa
onde beijam seu reflexo.
Deslizam horizontais,
movendo a mandíbula triste,
mostrando pelo contorno do lábio prateado
a cavidade escarlate que são.

Às vezes, em súbito pânico,
atravessam toda a água em correria brusca,
ou mordem a poeira verde que está sobre as folhas
[frias.



UNDIÚ

Alberto Alexandre
Ronaldo Brito

Disciplina de caos

coeso

drástica redução ao bosque

todas as folhas

macacos e sombras

máxima evolução ao limbo

oito sóis três luas

Semi-sensação de mundo



Alberto Alexandre Martins

Sō o pō
pode andar de verdade
pelas ruas

sō o pō
se esvai e continua
a ser pō

— hōstia miūda
que o vento varre
e empurra

a cantos
cada vez mais dispersos
cada vez mais escuros

sem voz, eu te saúdo
(não canto
apenas cuspo
tanto pō que me ofusca)!

A ORIGEM DO SAL

João Cabral de Lêdo Ivo

Ao sul, o mar
surge entre as angras.
A noite cai.

E os cata-ventos
vão convertendo
tôda a paisagem
em sal, em sal.

Luminosa, cristala
possuís interior
igual ao do ar que o verão
vem em setembro.
É há de tua pele
o sol das frutas que o verão
traz do Nordeste.

É de fruta do Nordeste
tua epiderme!
segua encarnação doirada,
solar e alegre,
frutas crescidas
no Recife relavado
de suas brisas.

Das frutas do Recife,
de que fazes,
tem a melhora tirante,
muito mais rica,
é o mesmo duro
motor animal que pulsa
igual que um guiso.



JOGOS FRUTAIS

João Cabral de Melo Neto

De fruta é tua textura
e assim concreta;
textura densa que a luz
não atravessa.
Sem transparência:
não de água clara, porém
de mel, intensa.

Intensa é tua textura
porém não cega;
sim de coisa que tem luz
própria, interna.
E tens idêntica
carnação de mel de cana
e luz morena.

Luminosos cristais
possuis internos
iguais aos do ar que o verão
usa em setembro.
E há em tua pele
o sol das frutas que o verão
traz no Nordeste.

É de fruta do Nordeste
tua epiderme;
mesma encarnação dourada,
solar e alegre.
Frutas crescidas
no Recife relavado
de suas brisas.

Das frutas do Recife,
de sua família,
tens a madeira tirante,
muito mais rica.
E o mesmo duro
motor animal que pulsa
igual que um pulso.



De fruta pernambucana
tens o animal,
frutas quase animais
e carne carnal.
Também aquelas
de mais certa medida,
melhor receita.

O teu encanto está
em tua medida,
de fruta pernambucana,
sempre concisa.
E teu segredo
em que por mais justo tens
corpo mais tenso.

Tens de uma fruta aquele
tamanho justo;
não de todas, de fruta
de Pernambuco.
Mangas, mangabas
do Recife, que sabe
mais desenhá-las.

És um fruto medido,
bem desenhado;
diverso em tudo da jaca,
do jenipapo.
Não és aquosa
nem fruta que se derrama
vaga e sem forma.

Estás desenhada a lápis
de ponta fina,
tal como a cana de açúcar
que é pura linha.
E emerge exata
da múltipla confusão
da própria palha.

És tão elegante quanto
um pé de cana,
despindo a perna nua
de dentre a palha.
E tens a perna
do mesmo metal sadio
da cana esbelta.



O mesmo metal da cana
tersa e brunida
possuis, e também de oiti,
que é pura fibra.
Porém profunda
tanta fibra desfaz-se
mucosa e úmida.

Da pitomba possuis
a qualidade
mucosa, quando secreta,
de tua carne.
Também do ingá,
de musgo fresco ao dente
e ao polegar.

Não és uma fruta fruta
só para o dente,
nem és uma fruta flor,
olor somente.
Fruta completa:
para todos os sentidos,
para cama e mesa.

És uma fruta múltipla,
mas simples, lógica;
nada tens de metafísica
ou metafórica.
Não és O Fruto
e nem para A Semente
te vejo muito.

Não te vejo em semente,
futura e grávida;
tampouco em vitamina,
em castas drágeas.
Em ti apenas
vejo o que se saboreia,
não o que alimenta.

Fruta que se saboreia,
não que alimenta:
assim descrevo melhor
a tua urgência.
Urgência aquela
de fruta que nos convida
a fundir-nos nela.



Tens a aparência fácil,
convidativa,
de fruta de muito açúcar
que dá formiga.
E tens o apelo
da sapota e do sapoti
que dão morcego.

De fruta é a atração
que tens, a mesma;
que tens de fruta, atração
reta e indefesa.
Sempre tão forte
na carne e espádua despida
da fruta jovem.

És fruta de carne jovem
e de alma alacre,
diversa de oiti-corô
porque picante.
E, tamarindo,
deixas em quem te conhece
dentes mais finos.

És fruta de carne ácida,
de carne e de alma;
diversa da do mamão,
triste, estagnada.
É do nervoso
cajá que tens o sabor
e o nervo-exposto.

És fruta de carne acesa,
sempre em agraz,
como araçás, guabirabas,
maracujás.
Também mangaba,
deixas em quem te conhece
visgo, borracha.

Não és fruta que o tempo
ou copo de água
lava de nossa boca
como se nada.
Jamais pitanga,
que lava a língua e a sede
de todo estanca.



Aumentas a sede como
fruta madura
que começa a corromper-se
no seu açúcar.
Ácida e verde:
contudo, a quem te conhece
só dás mais sede.

Ácida e verde, porém
já anuncias
o açúcar maduro que
terás um dia.
E vem teu charme
do leve sabor de podre
na jovem carne.

Ao gosto limpo do caju,
de praia e sol,
juntas o da manga mórbida,
sombra e langor.
Sabes a ambas
em teus contrastes de fruta
pernambucana.

Sem dúvida, és mesmo fruta
pernambucana:
a graviola, a mangaba
e certas mangas.
De tanto açúcar
que ainda verdes parecem
já estar corruptas.

És assim fruta verde
e nem tão verde,
e é assim que te vejo
de há muito e sempre.
E bem se entende
que uns te digam podre e outros
te digam verde.



FRAGMENTO POÉTICO

Conceição Lima

Poetisa africana
São Tomé e Príncipe

Após o ardor da reconquista
não caíram manãs sobre os nossos campos

E na dura travessia do deserto
aprendemos que a terra prometida era aqui

Ainda qui e sempre aqui.
Duas ilhas indômitas a desbravar.
O padrão a ser erguido
pela nudez insepulta dos nossos punhos.

Emergiremos do canto
como do chão emerge o milho jovem
e nūs, inteiros recuperaremos
a transparência do tempo inicial
Puros reabitaremos o poema e a claridade
para que a palavra amanheça e o sonho não se perca.

(...)



PAÍS NATAL

Antônio Baticã Ferreira

Poeta africano
Guiné Bissau

Um sentimento de amor pátrio sobe no meu coração,
Em espírito demandando o meu país natal,
E lembro aquela floresta africana,
Cheia de caça e de verdura;
Lembro as suas imensas árvores gigantes,
A folhagem verde ou amarela
Que nos perfuma.
Revejo a minha infância,
Toda cheia de alegrias:
Eu corria pelo mato,
Espiaava os animais selvagens,
Sem medo;
E olhava os lavradores nos campos,
E, no mar, os pescadores,
Que lutavam contra o vento, para agarrar o peixe,
E que eu, atento, seguia com o olhar:
Como gostava de os ver no oceano
Domar as vagas, que lhes queriam virar as barcas!
(Ah!, bem me lembro, bem me lembro do meu país natal!)

In Poesia & ficção
(1972)

MÃOS

Francisco José Tenreiro

Poeta africano
São Tomé e Príncipe

Mãos que moldaram em terracota a beleza e a serenidade do Ifê.
 Mãos que na cera perdida encontram o orgulho do Benin.
 Mãos que do negro madeiro extraíram a chama das estatuetas olhos de vidro
 e pintaram na porta das palhotas ritmos sinuosos de vida plena.
 plena de sol incendiando em espasmos as estepes do sem-fim
 e nas savanas acaricias e das flores às gramíneas da fome.
 Mãos cheias e dadas às labaredas da posse total da Terra,
 Mãos que a queimam e a rasgam na sede de chuva
 para que dela nasça o inhame alargando os quadris das mulheres
 adoçando o queixume dos ventres dilatados das crianças;
 o inhame e a matabala, a matabala e o inhame.
 Mãos negras e musicais (carinhos de mulher parida) tirando da pauta da
 [Terra
 o oiro da bananeira e o vermelho sensual do andim.
 Mãos estrelas olhos nocturnos e caminhanes no quente deserto.
 Mãos correndo com o harmattan nuvens de gañanhotos livres
 criando nos rios da Guiné veredas verdes de ansiedades.
 Mãos que à beira-do-mar-deserto abriram Kano à atracção dos camelos da
 [aventura
 e também Tombuctū e Sokoto e Zāria
 e outras cidades ainda pasmada de solenes emires de mil e mais noites!
 Mãos, mãos negras que em vós estou pensando!



Mãos Zimbauê ao largo do Índico das pandas velas
Mãos Mali do sono dos historiadores da civilização
Mãos Songhai episódio bolorento dos Tombos
Mãos Ghana de escravos e ouro sô agora falados
Mãos Congo tingindo de sangue as mãos limpas das virgens
Mãos Abissínia levantadas a Deus nos altos planaltos;
Mãos de África, minha bela adormecida, agora acordada pelo relógio das
[balas

Mãos, mãos negras que em vós estou sentindo!

Mãos pretas e sábias que nem inventaram a escrita nem a rosa-dos-ventos
mas que da terra, da árvore, da água e da música das nuvens
beberam as palavras dos corãs, dos quissanges e das tumbala que o mesmo é
dizer palavras telegrafadas e recebidas de coração em coração.
Mãos que da terra, da árvore, da água e do coração tam-tam
criásteis religião e arte, religião e amor.

Mãos, mãos pretas como em vós estou chorando!



Costa Andrade

Poeta africano
Angola
novembro, 1960

Erguem-se esquinas
na noite
vozes de rios secos
sobre as pedras
que os beberam
com suas bocas de musgo.

E a cada passo inseguro
somam-se esquinas
e areias
e pedras
formas conseguidas pelo tempo
entre gargalhadas de fuga
e do negrume.

São quando sob os muxitos
choram hienas
e assobiam serpentes
e aparecem
feridas
de lua cheia
se descobre nesse frama
como retratos da morte
senzalas abandonadas.

Terra de acácias rubras
(1961)



FRAGMENTO POÉTICO

Eduardo White

Moçambique

Ser o prisioneiro
de quem sou
como a baba do quiabo
escorrendo silenciosa
onde o remorso se acaba

(...)

Possa desejar eu
a maravilha da criação
e abrir nas terras deste país
que é meu
estradas rios vales
para neles deixar passar
o que a natureza nos consentiu.

(...)

Felizes os homens
que cantam o amor.

A eles a vontade do inexplicável
e a forma dúbia dos oceanos.

do livro "Amar sobre o Índico",
Associação dos Escritores Moçambicanos,
Maputo, 1984



RESSACA

Oswaldo Alcântara
Cabo Verde

Venham todas as vozes, todos os ruídos e todos os gritos
venham os silêncios compadecidos e também os silêncios
[satisfeitos;
venham todas as coisas que não consigo ver na superfície da
[sociedade dos homens;
venham todas as areias, lodos, fragmentos de rocha
que a sonda recolhe nos oceanos navegáveis;
venham os sermões daqueles que não têm medo do destino das suas
[palavras;
venha a resposta captada por aqueles que dispõem de aparelhos
[detectores apropriados;
volte tudo ao ponto de partida,
e venham as odes dos poetas,
casem-se os poetas com a respiração do mundo;
venham todos de braço dado na ronda dos pecadores,
que as criaturas se façam criadores;
venha tudo o que sinto que é verdade
além do círculo embaciado da vidraça...
Eu estarei de mãos postas, à espera do tesouro que me venha na
[onda do mar...
A minha principal certeza é o chão em que se amachucam os meus
[joelhos doloridos,
mas todos os que vierem me encontrarão agitando a minha
[lanterna de todas as cores,
na linha de todas as batalhas.

in Modernos poetas cabo-verdianos
1961

ATÉ SE REVOLTAREM OS ESCRAVOS

Mario Antonio Fernandes de Oliveira

Poeta africano
Angola

Atē se revoltarem os escravos.
Atē se rebentarem as comportas.
Atē sismos divinos, rancos cavos.
Da terra inquieta sob as pedras mortas
Sacudirem a nossa quietação.
Atē que luas doidas sobre o mar
Sejam sinal da Alucinação.
Atē se extinguir a gentileza
Que mais que nos liberta, nos corrompe.
Atē sermos capazes de amar,
Atē sermos capazes de morrer.



"O SINAL SEMAFÓRICO"

Antonio Cardoso
Angola

A Ledo Ivo, agradecendo os seus livros

... "e nos deram apenas um minuto"
Irrepetível: plena plenitude
Entre o vagido, a busca e novo fruto
De novo sal, amor, solicitude.

... "e nos deram apenas um minuto"
Incandescente: chama abraçadora
Que não teme calúnia ou vil insulto
À revolta da vida criadora...

"Saibamos construir" eternidade
Em cada gesto flor, olhar amante.
Eternos caminheiros da verdade

Em busca do real e do existente,
Se sob o céu despirmos a vaidade,
Sobre a terra andaremos simplesmente...

Luanda, 12/6/86



ROSTO DE EUROPA

Mario Antonio Fernandes de Oliveira

Poeta africano
Angola

Eis que descubro o Rosto:
Carta geográfrica de Civilização
Com as súbitas marcas colocadas
Em lugar certo e explícito.

Hã uma linha pura — a essencial
Limpidez deste céu alto. Rubores
De frutos explodidos, ausências
De além-mar. Leves tremores
À volta de crateras.

Do Rosto, música inscrita
Em pauta. Um Rosto sô:
Sorri, desfolha-se. Ausenta-se.

Propõe enigmas. Desafia
Metafísicas, destino. E continua
O Rosto.

Rebenta o viço. Nele, a dor
Torturada do nascer. Um
Quase alegre abandono. Ou
Quase alegre recusa...

Europa,
Eis que te aprendo!

O CAMINHO DAS ESTRELAS

Agostinho Neto

Poeta africano
Angola

Seguindo

o caminho das estrelas
pela curva ágil do pescoço da gazela
sobre a onda sobre a nuvem
com as asas primaveris da amizade

Simples nota musical
indispensável átomo da harmonia
partícula
germe
cor
na combinação múltipla do humano

Preciso e inevitável
como o inevitável passado escravo
através das consciências
como o presente

Não abstracto
incolor
entre ideias sem cor
sem ritmo
entre as arritmias do irreal
inodoro
entre as selvas desaromatizadas
de troncos sem raiz

Sō

Mas concreto
vestido de verde
do cheiro novo das florestas depois das chuvas
da seiva do raio do trovão
as mãos amparando a germinação do riso
sobre os campos de esperança

115-HE NAVEGADOR...

Geraldo de Almeida Victor

Poeta africano

Angola

A liberdade nos olhos
o som nos ouvidos
das mãos ávidas sobre a pele do tambor
num acelerado e claro ritmo
de Zaires Calaãris montanhas luz
vermelha de fogueiras infinitas nos capinzais violentados
harmonia espiritual de vozes tam-tam
num ritmo claro de África.

Assim
o caminho das estrelas
pela curva ágil do pescoço da gazela
para a harmonia do mundo.



EIS-ME NAVEGADOR...

Geraldo Bessa Victor

Poeta africano
Angola

Eis-me navegador. Um sonho abarco.
A Vida é Mar, a Vida é toda um Mar.
E quem tem alma e sabe o que é sonhar
— hã de lançar às águas o seu barco.

Heróis — Fernão, Colombo, Gama, Zarco!
Mistério, assombro, — a vaga, a noite, o luar,
o espaço, o vento, a chuva, a nuvem, o ar...
— Adonde a calma, o rumo, o porto, o marco? —

Mas uma força interna me estimula
para que eu vença a onda e o vendaval,
tanto mais quanto o vento brame, ulula

e o Mar ameaça abrir o hiante seio...
Eu tenho a fê e o sonho de Cabral
em busca do Brasil do meu anseio!



Lino Abreu

... ..

15

Gigantescas igrejas, de arte vária,
Se erguiam deste solo oriental,
Cuja bēlica fama milenária
Jā transbordava o exíguo litoral;
Com elas, a grande era missionária
A tornava cristã, de molde tal,
Que dentro em pouco grande aura ganhou,
E Roma do Levante se chamou

16

Era então que magníficos irrompiam
Catedrais e palácios na Cidade;
Artes novas que desde já diziam
Qual projecção, ou qual celebridade
No processo do tempo aqui teriam.
— Onde outra havia tanta raridade,
Que já não precisava ver Lisboa
Quem tivesse visto essa linda Goa.

17

E não faltava então tal contingente
À Cidade que a fama lhe ganhasse
De Pérola engastada no Oriente:
Uma costa vizinha onde aportasse
O nauta do Nascente e do Poente;
Onde vasta permuta lhe elevasse
Os recursos tão alto que, afamada,
Passou a ser de todos cobiçada.

18

Esta foi a formosa capital
De outros tempos, que tanto sublimou
Pelo mundo este meu torrão natal;
E nas ruínas que o tempo ali obrou,
Dispersas no plangente palmeiral,
Vereis que dela nada nos ficou
Senão relíquias poucas, espalhadas
Entre as cinzas das glórias já passadas.

... ..

MANHÃ NA PRAIA

Affonso Ávila

Com seus troféus de asco
a aurora colhe-os na areia
— a nudez com seu malôgro
— o peito com suas fêlpas
— os olhos com seus estorvos
com seus troféus de asco
embebe-os o óleo das ondas
— o peixe com seus rebuços
— a larva com sua concha
— as algas com seu prenúncio.

Com suas mercês
queima-os a gala do dia
— as águas com seus enxames
— o sol com sua clavina
— o vento com seus tirantes
com suas mercês
narra-os o vinco das nuvens
— os barcos com sua rota
— os portos com seus tapumes
— as ilhas com suas orlas.

Com suas comendas
orna-os o dúbio da espuma
— os círios com seu rebôjo
— o campo com suas dunas
— as almas com seu despôjo
com suas comendas
cobre-os a pluma do escárnio
— o labéu com suas véstias
— a carne com seus oráculos
— a fome com sua destra.

Com suas relíquias
o mar envolve-os nas hastes
— a fúria com suas prédicas
— o medo com seus entalhes
— a morte com suas rédeas
com suas relíquias
sela-os a ogiva da bruma
— o sangue com seus coágulos
— a pele com suas rugas
— a voz com seu desamparo.
(...)



OS DERIVADOS DO LEITE

Bueno de Rivera

Os magnatas do leite
e seus filhos derivados
têm a carne leve e tenra
dos lactentes.

A pele é alva e acídula
a face sanguínea e túmida
como os queijos de corante.

A sua voz é pastosa
difícil como se a língua
conservasse ainda o gosto
e a graxa da manteiga.

O diplomata em Paris
é derivado do leite.
O catedrático enfático
é derivado do leite.
A cadeira na assembléia
é derivada do leite.
O chapéu cardinalício
é derivado do leite.
O ar governamental
é derivado do leite.

Os anéis de grau
são jóias feitas do casco
reluzente dos novilhos.

O automóvel de ouro
é derivado do leite.
O banco de caixa forte
é derivado do leite.
O consórcio de mentores
é derivado do leite.
A mansão do lago azul
é derivada do leite.
As mulheres da mansão
são derivadas do leite.

Os derivados do leite
suam nas praias do Rio
um suor de sôro.
Têm sangue leitoso aguido
e hálito de creme.



GARRAFAS

Maria Lúcia Alvim

Banhadas numa luz reincidente
contra o branco sonoro da parede
garrafas de Morandi filtram verdes
— que em verde é que se banham, frente a frente.

Linha de rigidez incandescente
preenhe de ocre, azuis, que junto ao verde
vem enxugar a lâmina de sede
para morrer em sombras, densamente.

Eis o vidro na sua natureza
carpindo diamantes — mineral —
nas formas inconcisas a nudeza

acorda em cambiantes, vertical.
No bojo das garrafas a beleza
assiste a seu momento de cristal.



LÉXICO DA FOME

Hélder Proença

Poeta africano
Guiné Bissau

A fome
poderá ser
a noite
 caindo lentamente
sobre a alma
e derretendo-se dentro dos músculos
como o punhal
 deslizando
 sádico e tranquilo
dentro das vísceras
E
ela poderá ser
a hipertensão das lágrimas
dentro dos olhos
o soluço sufocado
dentro do peito
 a algema
 mutilando
 gradualmente
os membros
sobre
 o grito detido
 a esperança traída
sobre
 a dor sentida
 e não chorada
E
poderá ser
o silêncio sulfúrico
 das horas inglórias
descalcificando as côres
das madrugadas
 dentro da medula óssea
 do corpo
e, porque não poderá
ser também
 a vida,
morrendo gota a gota,
e nós
saboreando
 o fel

da agonia?

Mas é indiscutível
que a fome
é o câncer no estômago
vomitando
 pâncreas e fígados
ingerindo
 biliar e intestinos

E ela é
a pedra acumulada
no esôfago
o osso desfilando na craveira
— no defunto do rosto —
nas tardes paradas e amargas
nos dias paranóicos e azuis
cavados intensamente
no fundo da matéria humana
— em cada substância
que se rende sob o preço da vida
confiscada. —

Mas a fome
será o menino
correndo rôto
 no alcatrão
dando vida ao
aro do barril
 (desmistificando a bicicleta...)
e caindo
 ossudo
de repente
rijo-se-respitação
sobre a calçada
mijada de urina seca
 sem gordura
 sem cheiro
 nem sorriso?!

Ou será
que a fome
é nós mesmos
caindo lentamente
sob a estrutura firme
do corpo da terra?
 É vergonhoso dizer...



Mas a fome
 é aquele feijão podre
 fazendo multidão indejesta
 sobre a noite,
 aliás,
 sobre o Povo
 sobre o crepúsculo das bocas
 arreganhadas
 sobre o Sahel.

E não será fome — aquele menino que não teve tem-
 po de respirar o hálito das manhãs sonhadas, a beleza da côr,
 da bandeira hasteada sobre a história conquistada?!

Mas se é fome
 aquele menino,

onde estaria a flôr,
 o futuro desejado
 o sorriso prometido e
 "a razão da luta?"

Nas costas resignadas das mães?
 No calor das bichas?
 Nas bombas de piolhos?
 No solstício da miséria
 sobre os campos que se rendem
 ou
 estaria
 sobre o fantasma dos Volvos climatizados
 e fábricas prostituídas?

Mas onde estaria a esperança
 se aquele menino é fome?

Nos longos comícios vazios?
 No perfume azedo das concubinas?
 Nos acordos bilaterais
 da casta política?

Mas ainda é possível que as manhãs daquele menino
 se repitam.

Mas poderão ser também o marco: inaugurar uma da-
 ta... ou repetir-se apenas como um monumento sobre as costas da
 Mãe.

E a bicha poderá ser plantada nos museus, e, pode-
 mos; mas se quisermos, dar-lhe o significado cristão do purga-
 tório.

Mas, a fome
poderá ser também
o toque da rendição
o arrear vergonhoso
da bandeira
sobre as horas sombrias do patriotismo

e no concreto
ainda poderá ser

a penosa marcha fúnebre
duma Nação
confiscada
na boca profunda do
Sahel...

e (ainda mais,
poderá ser também

a espinhosa coroa
homenageando
a crucificação da História
e, porque não, dos heróis?!

(Textos inéditos do livro "Para Além da
Dor", escrito de 1979 a 1980, no Brasil
e na Guiné-Bissau)



CAPITAL

David Mourão Ferreira

Casas, carros, casas, casos.

Capital

encarcerada.

Colos, calos, cuspo, caspa.

Cautos, castas. Calvos, cabras.

Casos, casos... Carros, casas...

Capital

acumulando.

E capuzes. E capotas.

E que pêsames! Que passos!

Em que pensas? Como passas?

Capitães. E capatazes.

E cartazes. Que patadas!

E que chaves! Cofres, caixas...

Capital

acautelado.



O AUTOMOBILISTA INFUNDIOSO

João Cabral de Melo Neto

*Viajar pela Provença
é ir do timo à alfazema;
ir da lavanda à mostarda
como de uma a outra comarca.*

*É viajar nos cheiros castos,
ainda vegetais, em mato:
do casto normal de planta,
do sadio, de criança.*

*Cheiros-comarca, ao ar livre,
antes de que Grasse ou Nice
os misturem no óleo grosso
que lhes dê sabor de corpo.*

*Comarcas-cheiros, onde o carro
corre familiarizado:
onde a brisa e a gasolina
se confundem na alma limpa*

*Após léguas de Sertão
sô o carro vai resvalão,
pois a alma que ele carrega
se arrasta por paus e pedras.*



Ela vai qual se a ralasse
a lixa R da paisagem;
ou qual se em corpo, despida,
varasse a caatinga urtiga;

ou se estivesse seu corpo,
como uma casaca-de-couro,
dentro de um ninho farpado,
feito de espinhos e talos;

ou fosse ela este carro
que, em vez de lubrificado,
rolasse com as juntas secas:
ou azeitadas com areia.

Qualquer campo da Inglaterra,
ainda em dia cru, sem névoa,
mostra o aspecto algodoento
de uma névoa todo-o-tempo.

A névoa-sempre algodoa
o espaço de coisa a coisa;
embota nelas as quinas,
o duro e o claro, o que é linha.

E além do aspecto: o contacto
também se faz algodoado:
algodão na certa é a hera
que abraça sem roer a pedra;



e as estradas e este carro
percorrem-se em tom tão baixo
que as rodas na certa vão
(e são) por sobre algodão.

Quem vai de carro em La Mancha
recebe impressão estranha:
a de que ele vai rolando
na água aberta do oceano.

A Mancha é tão larga, à roda,
que ele não divisa costas;
tão chã, que se sentirã
entre horizontes de mar.

Assim, a haste no horizonte
é o mastro de um barco longe
e é a agulha de uma igreja
de um povoado que chega.

Quem chega: mas quem a quem?
quem chega? quem vai ou vem?
Sente-se chegar no carro
e chegar a vila ou barco.



Álvaro de Campos

AO VOLANTE do Chevrolet pela estrada de Sintra,
Ao luar e ao sonho, na estrada deserta,
Sõzinho guio, guio quase devagar, e um pouco
Me parece, ou me forço um pouco para que me pareça,
Que sigo por outra estrada, por outro sonho, por outro mundo.
Que sigo sem haver Lisboa deixado ou Sintra a que ir ter,
Que sigo, e que mais haverá em seguir senão não parar mas seguir?

Vou passar a noite a Sintra por não poder passá-la em Lisboa,
Mas, quando chegar a Sintra, terei pena de não ter ficado em Lisboa.
Sempre esta inquietação sem propósito, sem nexo, sem consequência,
Sempre, sempre, sempre,
Esta angústia excessiva do espírito por coisa nenhuma,
Na estrada de Sintra, ou na estrada do sonho, ou na estrada da vida...

Maleável aos meus movimentos subconscientes do volante,
Galga sob mim comigo o automóvel que me emprestaram.
Sorrio do símbolo, ao pensar nêle, e ao virar à direita.
Em quantas coisas que emprestaram eu sigo no mundo!
Quantas coisas que me emprestaram guio como minhas!
Quanto me emprestaram, aí de mim!, eu próprio sou!

À esquerda o casebre — sim, o casebre — à beira da estrada.
À direita o campo aberto, com a lua ao longe.
O automóvel, que parecia hã pouco dar-me liberdade,
É agora uma coisa onde estou fechado,
Que sô posso conduzir se nêle estiver fechado,
Que sô domino se me incluir nêle, se êle me incluir a mim.

À esquerda lá para trás o casebre modesto, mais que modesto.

A vida ali deve ser feliz, só porque não é a minha.

Se alguém me viu da janela do casebre, sonhará. Aquêlé é que é feliz.

Talvez a criança espreitando pelos vidros da janela do andar que está em cima.

Talvez a rapariga que olhou, ouvindo o motor, pela janela da cozinha.

No pavimento térreo.

Sou qualquer coisa do príncipe de todo o coração da rapariga,

E ela me olhará de esquelha, pelos vidros, até a curva em que me perdi.

Deixarei sonhos atrás de mim, ou é o automóvel que os deixa?

Eu, guiador do automóvel emprestado, ou o automóvel emprestado que eu guio?

Na estrada de Sintra, ao luar, na tristeza, ante os campos e a noite,

Guiando o Chevrolet emprestado desconsoladamente,

Perco-me na estrada futura, sumo-me na distância que alcanço,

E, num desejo terrível, súbito, violento, inconcebível,

Acelero...

Mas o meu coração ficou no monte de pedras, de que me desviei ao vê-lo sem vê-lo,

À porta do casebre,

O meu coração vazio,

O meu coração insatisfeito,

O meu coração mais humano do que eu, mais exato que a vida.

Na estrada de Sintra, perto da meia-noite, ao luar, ao volante,

Na estrada de Sintra, que cansaço da própria imaginação,

Na estrada de Sintra, cada vez mais perto de Sintra,

Na estrada de Sintra, cada vez menos perto de mim...

COTA ZERO

Carlos Drummond de Andrade

STOP.

A vida parou

Ou foi o automóvel?



LAR

José Paulo Paes

espaço que separa
o volkswagen
da televisão



CAMINHÃO DE TRANSPORTE: DUAS MÃOS

Mário Chamie

1

o motorista na paisagem
por empresa: uma viagem

a riqueza pela estrada
a pobreza pela várzea

o veículo de transporte
o suicídio pela morte

a pobreza por suicídio
a riqueza por veículo

o transporte sobre a várzea
com a morte por estrada

1.1

pela estrada com a morte
sobre a várzea o transporte

por veículo: a riqueza
por suicídio: a pobreza

pela morte: o suicídio
o transporte por veículo

pela várzea: a pobreza
pela estrada: a riqueza

a empresa na paisagem
o motorista por viagem

2

sobre a carga: carroceria
a mã paga mercadoria

o caminhão sob a carga
a direção contra a várzea



a riqueza pelo asfalto
a pobreza pelo charco

a estrada sob as rodas
a carcaça por capota

na direção da pobreza
um caminhão por emprêsa

2.2

por emprêsa: um caminhão
com a pobreza: um gavião

por capota: a carcaça
sob as rodas: a estrada

pelo charco a pobreza
pelo asfalto a riqueza

contra a vārzea: a direção
sob a carga do caminhão

a mã mercadoria paga
a carroceria sob a carga

3

na contra-mão do consumo
o caminhão noutro rumo

o motorista na paisagem
por emprêsa uma viagem

pela margem uma parada
na parada uma cachaça

na cachaça o motorista
a viagem contra a pista

na pista de cada emprêsa
o veículo da riqueza

3.3

na pista de cada riqueza
cada veículo da emprêsa

noutra pista: a viagem
o motorista na paisagem

por vadiagem uma cachaça
pela margem uma parada

o motorista em reta reta
o fim da pista em sua meta

noutro rumo o caminhão
o consumo a contra-mão

4

o caminhão com fatura
população sem fatura

sobre a carga carroceria
paga a mã mercadoria

cada carga para entrega
cada paga para a perda

pela estrada cada rota
toda a quebra bancarrôta

contra a quebra e sua crista
um caminhão pela pista

4.4

pela pista um quebra-quebra
uma crista em cada serra

a bancarrôta em cada firma
uma rota em cada esquina

para a perda cada paga
para a entrega cada carga

a mã mercadoria sobre
a carga carroceria pôdre

sem fatura/população
com fatura/caminhão

5

a riqueza pela estrada
a pobreza pela várzea

na contra-mão do consumo
o caminhão noutro rumo

sôbre os pedágios da estrada
um adágio em cada chapa:

"mulher com homem: casada
com outro homem: chifrada"

contra o pedágio a gasolina
contrada a chifrada: a benzina

5.5

benzina contra a chifrada
gasolina na roupa amada

chifrada a testa do homem
casada com macho sem fome

em cada chapa um adágio
em cada estrada o pedágio

um consumo/o caminhão
outro rumo à contra-mão

pela várzea a pobreza
pela estrada uma emprêsa

6

o caminhão sob a carga
o gavião pela várzea

o caminhão com fatura
população sem fartura

a fatura do transporte: riqueza
a fartura da morte: pobreza

contra o consumo de posto em posto
o povo sem rumo de osso em osso

com o veículo suicida sôbre a pista
a pobreza da morte motorista

do segmento "O comércio expediente"
da obra Indústria



O AVIÃO

Adeodato Barreto

"Teu Pai, antes de morrer, ainda disse
se não seria possível tu vires vê-lo de
avião, para se despedir de ti..."

(Duma carta familiar)

De que me serve o garbo das tuas asas
e o hercúleo vigor
do teu motor,
ô avião,
altivo voador!

Ao longe das neblinas do Oriente,
um coração
em brasas
dirige-te um apelo de aflicção,
um S.O.S. plangente...
Mas a tua rígida carcaça
sem ouvidos,
e sem alma
não se comove à ária dos gemidos,
e passa,
fria e calma,
à vista da desgraça!

Ouvido surdo à prece,
coração
insensível aos ais dum moribundo,
havia muito já por esse mundo:



— Que trouxeste de novo à Criação?

Se ao menos teus motores
cantassem como os outros voadores!
Se tivessem o trinar da cotovia
e o fru-fru alacre do bul-bul,
que d'alegria
p'r'o coração do êxul!...
mas imitas os zângãos daninhos
e a voz dos ditadores...

A música dos ninhos
não vibra na tua alma de metal
(alma como a de tantos...)
e insensível aos cantos,
ês insensível às dores...

Não posso bendizer teus inventores,
ô avião, ô pássaro infernal!

O Livro da Vida,
Nova Goa, 1940



DE UM AVIÃO

João Cabral de Melo Neto

A Afonso Arinos Filho

1. Se vem por círculos na viagem
Pernambuco — Todos-os-Foras.
Se vem numa espiral
da coisa à sua memória.

O primeiro círculo é quando
o avião no campo do Ibura.
Quando tenso na pista
o salto ele calcula.

Está o Ibura onde coqueiros,
onde cajueiros, Guararapes.
Contudo já parece
em vitrine a paisagem.

O aeroporto onde o mar e mangues,
onde o mareiro e a maresia.
Mas ar condicionado,
mas enlatada brisa.

De Pernambuco, no aeroporto,
a vista já pouco recolhe.
É o mesmo, recoberto,
porém, de celulóide.

Nos aeroportos sempre as coisas
se distanciam ou celofane.
No do Ibura até mesmo
a água doída, o mague.

Agora o avião (um saltador)
caminha sobre o trampolim.
Vai saltar-me de fora
para mais fora daqui.



No primeiro círculo, em terra
de Pernambuco já me estranho.
Já estou fora, aqui dentro
deste pássaro manso.

2. No segundo círculo, o avião -
vai de gavião por sobre o campo.
A vista tenta dar
um último balanço.

A paisagem que bem conheço
por tê-la vestido por dentro,
mostra, a pequena altura
coisas que ainda entendo.

Que reconheço na distância
de vidros lúcidos, ainda:
eis o incêndio de ocre
que à tarde queima Olinda;

eis todos os verdes do verde,
submarinos, sobremarinos:
dos dois lados da praia
estendem-se indistintos;

eis os arrabaldes, dispostos
numa constelação casual;
eis o mar debruado
pela renda de sal;

e eis o Recife, sol de todo
o sistema solar da planície:
daqui é uma estrela
ou uma aranha, o Recife,

se estrela, que estende seus dedos,
se aranha, que estende sua teia:
que estende sua cidade
por entre a lama negra.

(Já a distância sobre seus vidros
passou outra mão de verniz:
ainda enxergo o homem,
não mais sua cicatriz).

3. O avião agora mais alto
se eleva ao círculo terceiro,
folha de papel de seda
velando agora o texto.

Uma paisagem mais serena,
mais estruturada, se avista:
todas, de um avião,
são de mapa ou cubistas.

A paisagem, ainda a mesma,
parece agora noutra língua:
numa língua mais culta,
sem vozes de cozinha.

Para língua mais diplomática
a paisagem foi traduzida:
onde as casas são brancas
e o branco, fresca tinta;

onde as estradas são geométricas
e a terra não precisa limpa
e é maternal o vulto
obeso das usinas;

onde a água morta do alagado
passa a chamar-se de marema
e nada tem da gosma,
morna e carnal, de lesma.

Se daqui se visse seu homem,
homem mesmo pareceria:
mas ele é o primeiro
que a distância enebolina

para não corromper, decerto,
o texto sempre mais idílico
que o avião dá a ler
de um a outro círculo.

4. Num círculo ainda mais alto
o avião aponta o mar.
Cresce a distância com
seguidas capas de ar.

Primeiro, a distância se põe
a fazer mais simples as linhas;
os recifes e a praia
com régua pura risca.

A cidade toda é quadrada
em paginação de jornal,
e os rios, em corretos
meandros de metal.

Depois, a distância suprime
por completo todas as linhas;
restam somente cores
justapostas sem fímbria:

o amarelo da cana verde,
o vermelho do ocre amarelo,
verde do mar azul,
roxo do chão vermelho.

Até que num círculo mais alto
essas mesmas cores reduz:
à sua chama interna,
comum, à sua luz,

que nas cores de Pernambuco
é uma chama lavada e alegre,
tão viva que de longe
sua ponta ainda fere,

até que enfim todas as cores
das coisas que são Pernambuco
fundem-se todas nessa
luz de diamante puro.

5. Penetra por fim o avião
pelos círculos derradeiros.
A ponta do diamante
perdeu-se por inteiro.



Atē mesmo a luz do diamante
fındou-se cegando-se no longe.
Sua ponta jã rombuda
tanto chumbo não rompe.

Tanto chumbo como o que cobre
todas as coisas aqui fora.
Jã agora Pernambuco
ē o que coube a memōria.

Jã para encontrar Pernambuco
o melhor ē fechar os olhos
e buscar na lembrança
o diamante ilusōrio.

ē buscar aquele diamante
em que o vi se cristalizar,
que rompeu a distância
com dureza solar;

refazer aquele diamante
que vi apurar-se cã de cima,
que de lama e de sol
compôs luz incisiva;

desfazer aquele diamante
a partir do que o fez por ũltimo,
de fora para dentro,
da casca para o fundo,

atē aquilo que, por primeiro
se apagar, ficou mais oculto:
o homem, que ē o nũcleo
do nũcleo de seu nũcleo.



MORTE NO AVIÃO

Carlos Drummond de Andrade

ACORDO para a morte.
Barbeio-me, visto-me, calço-me.
É meu último dia: um dia
cortado de nenhum pressentimento.
Tudo funciona como sempre.
Saio para a rua. Vou morrer.

Não morrerei agora. Um dia
inteiro se desata à minha frente.
Um dia como é longo. Quantos passos
na rua, que atravesso. E quantas coisas
no tempo, acumuladas. Sem reparar,
sigo meu caminho. Muitas faces
comprimem-se no caderno de notas.

Visito o banco. Para que
êsse dinheiro azul se algumas horas
mais, vem a polícia retirá-lo
do que foi meu peito e está aberto?
Mas não me vejo cortado e ensangüentado.
Estou limpo, claro, nítido, estival.
Não obstante caminho para a morte.

Passo nos escritórios. Nos espelhos,
nas mãos que apertam, nos olhos m̃opos, nas bôcas
que sorriem ou simplesmente falam eu desfido.
Não me despeço, de nada sei, não temo:
a morte dissimula
seu bafo e sua tática.

Almôço. Para quê? Almoço um peixe em ouro e creme.
É meu último peixe em meu último
garfo. A boca distingue, escolhe, julga,
absorve. Passa música no doce, um arrepio,
de violino ou vento, não sei. Não é a morte.
É o sol. Os bondes cheios. O trabalho
Estou na cidade grande e sou um homem
na engrenagem. Tenho pressa. Vou morrer.
Peço a passagem aos lentos. Não olho os cafês



que retinem xícaras e anedotas,
 como não olho o muro do velho hospital em sombra.
 Nem os cartazes. Tenho pressa. Compro um jornal. É pressa,
 embora vá morrer.

O dia na sua metade já rôta não me avisa
 que começo também a acabar. Estou cansado.
 Queria dormir, mas os preparativos. O telefone.
 A fatura. A carta. Faço mil coisas
 que criarão outras mil, aqui, além, nos Estados Unidos.
 Comprometo-me ao extremo, combino encontros
 a que nunca irei, pronuncio palavras vãs,
 minto dizendo: até amanhã. Pois não haverá.

Declino com a tarde, minha cabeça dói, defendo-me,
 a mão estende um comprimido: a água
 afoga a menos que dor, a mósca,
 o zumbido... Disso não morrerrei: a morte engana,
 como um jogador de futebol a morte engana,
 como os caixeiros escolhe
 meticulosa, entre doenças e desastres.

Ainda não é a morte, é a sombra
 sobre edifícios fatigados, pausa
 entre duas corridas. Desfelece o comércio de atacado,
 vão repousar os engenheiros, os funcionários, os pedreiros.
 Mas continuam vigilantes os motoristas, os garçons,
 mil outras profissões noturnas. A cidade
 muda de mão, num golpe.

Volto à casa. De novo me limpo.
 Que os cabelos se apresentem ordenados
 e as unhas não lembrem a antiga criança rebelde.
 A roupa sem pó. A mala sintética.
 Fecho meu quarto. Fecho minha vida.
 O elevador me fecha. Estou sereno.

Pela última vez miro a cidade.
 Ainda posso desistir, adiar a morte,
 não tomar esse carro. Não seguir para.
 Posso voltar, dizer: amigos,
 esqueci um papel, não há viagem,
 ir ao cassino, ler um livro.

Mas tomo o carro. Indico o lugar
 onde algo espera. O campo. Refletores.
 Passo entre mármore, vidro, aço cromado.
 Subo uma escada. Curvo-me. Penetro
 no interior da morte.

A morte dispôs poltronas para o conforto
 de espera. Aqui se encontram
 os que vão morrer e não sabem.
 Jornais, cafês, chicles, algodão para o ouvido,
 pequenos serviços cercam de delicadeza
 nossos corpos amarrados.
 Vamos morrer, já não é apenas
 meu fim particular e limitado,
 somos vinte a ser destruídos,
 morreremos vinte,
 vinte nos espatifaremos, é agora.

Ou quase. Primeiro a morte particular,
 restrita, silenciosa, do indivíduo.
 Morro secretamente e sem dor,
 para viver apenas como pedaço de vinte,
 e me incorporo todos os pedaços
 dos que igualmente vão perecendo calados.
 Somos um em vinte, ramalhete
 de sopros robustos prestes e desfazer-se.

E pairamos,
 frigidamente pairamos sobre os negócios
 e os amores da região.
 Ruas de brinquedo se desmançam,
 luzes se abafam; apenas
 colchão de nuvens, morros se dissolvem,
 apenas
 um tubo de frio roça meus ouvidos,
 um tubo que se obtura: e dentro
 de caixa iluminada e tēpida vivemos
 em conforto e solidão e calma e nada.

Vivo
 meu instante final e é como
 se vivesse há muitos anos
 antes e depois de hoje,
 uma contínua vida irrefreável,
 onde não houvesse pausas, síncope, sonos.
 tão macia na noite é esta máquina e tão facilmente ela corta
 blocos cada vez maiores de ar.

Sou vinte na máquina
que suavemente respira,
entre placas estelares e remotos sopros de terra,
sinto-me natural a milhares de metros de altura,
nem ave nem mito,
guardo consciência de meus poderes,
e sem mistificação eu vôo,
sou um corpo voante e conservo bolsos, relógios, unhas,
ligado à terra pela memória e pelo costume dos músculos,
carne em breve explodindo.

Ô brancura, serenidade sob o violência
da morte sem aviso prévio,
cautelosa, não obstante irreprimível aproximação de um perigo atmosférico,
golpe vibrado no ar, lâmina de vento
no pescoço, raio
choque estrondo fulguração
rolamos pulverizados
caio verticalmente e me transformo em notícia.



Mário Chamie

o leve vôo
o breve zoo
o vôo espacial
o zoo animal

o animal do vôo
o espacial do zoo

*

no avião o ar motor das asas
no chão o vôo trator das pedras

nas asas do motor/ a hélice atmosfera
nas pedras do trator/a erva forrageira

as asas no avião
as pedras no chão

as asas de pedra do trator/ a força fera
as pedras de asas no motor/a força queda

do segmento "A empresa por setor. a indústria
e seu vetor", da obra Indústria.



FEIJOADA À MINHA MODA

Vinicius de Moraes

AMIGA HELENA Sangirardi
Conforme um dia eu prometi
Onde, confesso que esqueci
E embora — perdoe — tão tarde

(Melhor do que nunca!) este poeta
Segundo manda a boa ética
Envia-lhe a receita (poética)
De sua feijoada completa.

Em atenção ao adiantado
Da hora em que abrimos o olho
O feijão deve, já catado
Nos esperar, feliz, de mólho.

E a cozinheira, por respeito
À nossa mestria na arte
Já deve ter tacado peito
E preparado e pôsto à parte

Os elementos componentes
De um saboroso refogado
Tais: cebolas, tomates, dentes
De alho — e o que mais fôr azado

Tudo picado desde cedo
De feição a sempre evitar
Qualquer contato mais... vulgar
Às nossas nobres mãos de aedo



Enquanto nōs, a dar ins toques
No que não nos seja a contento
Vigiaremos o cozimento
Tomando o nosso uĩsque on the rocks.

Uma vez cozido o feijão
(Umas quatro horas, fogo mēdio)
Nōs, bocejando o nosso tēdio
Nos chegaremos ao fogão

E em elegante curvatura:
Um pē adiante e o braço às costas
Provaremos a rica negrura
Por onde devem boiar postas

De carne-sêca succulenta
Gordos paĩos, nēdio toucinho
(Nunca orelhas de bacorinho
Que a tornam em excesso opulenta!)

E — atenção! — segrēdo modesto
Mas meu, no tocante à feijoada:
Uma lĩngua fresca pelada ?
Posta a cozer com todo o resto.

Feito o quē, retire-se carōço
Bastante, que bem amassado
Junta-se ao belo refogado
De modo a ter-se um mōlho grosso

Que vai de volta ao caldeirão
No qual o poeta, em bom agouro
Deve esparzir fōlhas de louro
Com um gesto clāssico e pagão.

Inútil dizer que, entrementes
Em chama ã parte desta liça
Devem fritar, tôdas contentes
Lindas rodela de lingliça.

Enquanto ao lado, em fogo brando
Dismilinglindo-se de gôzo
Deve também se estar fritando
O torresminho delicioso

Em cuja gordura, de resto
(Melhor gordura nunca houve!)
Deve depois frigir a couve
Picada, em fogo alegre e presto.

Uma faroça? — tem seus dias...
Porêm que seja na manteiga!
A laranja gelada, em fatias
(Seleta ou da Bahia) — e chega.

Sõ na última cozedura
Para levar ã mesa, deixa-se
Cair um pouco da gordura
Da lingliça na iguaria — e mexa-se.

Que prazer mais um corpo pede
Apôs comido um tal feijão?
— Evidentemente uma rêde
E um gato para passar a mão...

Dever cumprido. Nunca ē vã
A palavra de um poeta... — jamais!
Abraça-se, em Brillat-Savarin
O seu Vinicius de Moraes.



Soneto

MADE IN GERMANY									
2	3	4	5	6	7	8	9	10	
11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
31	32	33	34	35	36	37	38	39	40

41	42	43	44	45	46	47	48	49	50
51	52	53	54	55	56	57	58	59	60
61	62	63	64	65	66	67	68	69	70
71	72	73	74	75	76	77	78	79	80

81	82	83	84	85	86	87	88	89	90
91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
101	102	103	104	105	106	107	108	109	110

111	112	113	114	115	116	117	118	119	120
121	122	123	124	125	126	127	128	129	130
131	132	133	134	135	136	137	138	139	140

(1m 40cm)

paulo josé ramos de miranda

"A FLOR DE MARACUJÁ"

"A FLOR DE MARACUJÁ"

44 Lisboa, Ed. A.J. Fernando Lopes, 1945, 19 edições de 1963.

Através da obra *Gregório de Mattos - literatura comentada*, da Editora Abril, o crítico Antônio Dimas nos confirma que a "flor do maracujã", "foi um motivo poético, altamente cultivado, nos séculos XVI, XVII e XVIII". Cita o artigo de Melo Nóbrega, incluído em *Arredores da Poesia* (São Paulo, Conselho Estadual de Cultura - Comissão de Literatura, s.d.), através do qual se discute sua "validade emblemática, com objetivo passível de deciframento místico". Cita, ainda, a obra *Visão do Paraíso*, de Sérgio Buarque de Holanda, através da qual, o autor recorda "o impacto que essa flor causou nos descobridores da América, que nela viam a manifestação da presença Divina nessas terras". Como exemplo desse tipo de descrição, cita o Padre Simão de Vasconcelos, através da *Crônica da Companhia de Jesus* (Lisboa, Ed. A.J.Fernando Lopes, 1865, 1ª edição de 1963):

"A flor é mistério único das flores. Tem o tamanho de uma grande rosa; e neste breve campo formou a natureza um como teatro dos mistérios da Redenção do mundo. Lançou por fundamento, cinco folhas mais grossas, no exterior verde, no interior, subrosadas: sobre estas, postas em cruz, outras cinco purpúreas, todas de uma e outra parte. E logo deste como tronco sanguíneo, vai armando um quase pavilhão jeito de um semelhantes a fios de roxo, com mistura de branco. Outros lhe chamaram coroa, outros molhos de açoutes aberto, e tudo vem a ser"

etc.

SONETO

Gregório de Mattos

Divina flor, se en essa pompa vana
 Los martirios ostentas reverente,
 Corona con los clavos a tu frente,
 Pues brillas con las llagas tan losana.

Venera essa corona altiva, y ufana,
 Y en tus garbos te ostenta floreciente:
 Los clavos enarbola eternamente,
 Pues Dios com sus heridas se te hermana.

Si flor nasciste para mas pomposa
 Desvanecer floridos crescimientos,
 Ya, flor, te reconocen mas dichosa.

Que el cielo te ha gravado en dos tormentos
 En clavos la corona mas gloriosa,
 Y en llagas sublimados luzimientos.



Frei José de Santa Rita Durão

Poema épico
século XVII

CANTO VII

XXXVII

Nem tu me esquecerás, flor admirada,
Em quem não sei se a graça, se a natura
Fez da Paixão do Redentor Sagrada
Uma formosa e natural pintura:
Pende com pomos mil sobre a latada,
Áureos na cor, redondos na figura,
O âmago fresco, doce e rubicundo,
Que o sangue indica que salvara o Mundo.

XXXVIII

Com densa cópia a folha se derrama,
Que muito ã vulgar Hera é parecida,
Êntressachando pela verde rama
Mil quadros da Paixão do Autor da vida:
Milagre natural, que a mente chama
Com impulsos da graça, que a convida,
A pintar sobre a flor aos nossos olhos
A Cruz de Cristo, as Chagas e os abrolhos.

XXXIX

É na forma redonda, qual diadema,
De pontas, como espinhos, rodeada,
A coluna do meio, e um claro emblema
Das Chagas santas e da Cruz sagrada:
Vêem-se os três cravos e, na parte extrema,
Com arte a cruel lança figurada,
A cor é branca, mas de um roxo exsangue,
Salpicada recorda o pio sangue.

XL

Prodígio raro, estranha maravilha,
Com que tanto mistério se retrata!
Onde em meio das trevas a fê brilha,
Que tanto desconhece a gente ingrata:
Assim do lado seu nascendo filha
A humana espécie, Deus piedoso trata,
E faz que quando a Graça em si despreza,
Lhe pregue co' esta flor a natureza.

A FLOR DO MARACUJÁ

Luís Nicolau de Fagundes Varela

Pelas rosas, pelos lírios,
Pelas abelhas, sinhã,
Pelas notas mais chorosas
Do canto do sabiã,
Pelo cálice de angústias
Da flor do maracujã!

Pelo jasmim, pelo goivo,
Pelo agreste manacã,
Pelas gotas de sereno
Nas fôlhas do gravatã,
Pela coroa de espinhos
Da flor de maracujã!

Pelas tranças da mão-d'água
Que junto da fonte estã,
Pelos colibris que brincam
Nas alvas plumas do ubã,
Pelos cravos desenhados
Na flor do maracujã.

Pelas azuis borboletas,
Que descem do Panamá,
Pelos tesouros ocultos
Nas minas do Sincorã,
Pelas chagas roxeadas
Da flor do maracujã!

CANÇÃO DA INDIANINHA
Cecília Meireles

Pelo mar, pelo deserto,
Pelas montanhas, sinhã!
Pelas florestas imensas
Que falam de Jeová!
Pela lança ensanguentada
Da flor do maracujã!

Por tudo o que o céu revela!
Por tudo o que a terra dá
Eu te juro que minh'alma
De tua alma escrava está!!...
Guarda contigo êste emblema
Da flor do maracujã!

Não se enojem teus ouvidos
De tantas rimas em — a —
Mas ouve meus juramentos,
Meus cantos ouve, sinhã!
Te peço pelos mistérios
Da flor do maracujã!

CANÇÃO DA INDIAZINHA

Cecília Meireles

NA, na,
mas por que chora essa menina?
Pela flor do maracujã.

Mas, se eu lhe der uma conchinha,
a menina se calará?
Aãna, aãni na na

Na, na,
se eu lhe der a asa da andorinha,
a cantiga do sabiã?
Aãni, aãni, na na

Na, na,
nada disse: que esta menina
quer a flor do maracujã.

A flor abriu-se lá em cima.
Sua mão não a alcançará.

Na, na.
E ela a quer apanhar sôzinha!
E chora que chora a menina
pela flor do maracujã.
Na na



QUADRELA DO PINTOR INCOMPETENTE

Jacob Diniz de Almeida

Um gato, sobra de Iê, espreguiça esticada,
na paisagem desolada.

Falava, então, um fígado de doente, na paisagem

desolada.

Velozes, saíram a a paisagem de velozes, o gato
na paisagem.

OUTRAS ARTES OU

"ESPÉCIES DE LINGUAGENS"...

AQUARELA DO PINTOR INCOMPETENTE

Jacob Pinheiro Goldberg 80

Um gato, sombra ao l̃eu, espreguiça suspiros,
na paisagem dormida.

Passos lentos, um tigre se devora, na fantasia

[mediana.

Vetores esvaziam e a paisagem se volatiza. O gato
se foi.

Ao longe, um assobio dura,
perdura.



A LIÇÃO DE PINTURA

João Cabral de Melo Neto

Quadro nenhum está acabado,
disse certo pintor;
se pode sem fim continuá-lo,
primeiro, ao além de outro quadro
que, feito a partir de tal forma,
tem na tela, oculta, uma porta
que dá a um corredor
que leva a outra e muitas outras.



A TELA CONTEMPLADA

Carlos Drummond de Andrade

Pintor da soledade nos vestibulos
de mármore e losango, onde as colunas
se depliram silentes, sem que as pombas
venham trazer um pouco do seu rufo;

traça das finas tórres consumidas
no vazio mais branco e na insolvência
de arquiteturas não arquitetadas,
porque a plástica é vã, se não comoeve,

ô criador de mitos que sufocam,
desperdiçando a terra, e já recuam
para a noite, e no charco se constelam,

por teus condutos flui um sangue vago,
e nas tuas pupilas, sob o tédio,
é a vida um suspiro sem paixão.



POLIPOEMA PARA MARY VIEIRA

Sobre o polivolume disco plástico/
alumínio anodizado em cor natural

Haroldo de Campos

Basiléia 1953-60

este primeiro disco
à esquerda
que se raia de branco
e se faz pupila de gato
num aço de pássaros mesmerizados;
esta sua primeira projeção
em lâmina grafite
para quem olha daqui
mamilo
para quem olha de lá
funil;
este seu desdobrar-se agora em vôo
desvão
concoidal
alumínio gestado do alumínio
ou multiolho mágico parpadeando
lucilantes reolhos;
então os discos em reixas
em gelosias de reiteradas retículas
os núcleos que são clitoris de metal sensibilizado
e erêtil
as armiladas esferas perdidas num discurso de anéis
e se recurvam
madeixas de si mesmas
os centros onde o alvo
decala decola
para que o útero da forma persiga uma ocarina de brilhos;
mas agora à direita no canto
abaixo e acima
este olho enjaulado
que te fita
e te deixa
súbito
circulado de infinito

A ESCOLA DE ULM

João Cabral de Melo Neto

Contra os humores pegajosos
de uma arte obesa, carnal, gorda,
de ar viciado, de mau hálito,
que são e se dão sujos, nōdoas,

Ulm escancara mil janelas
a um luminoso vento fresco:
a um vento limpo, com a leveza
de um sol lavado de setembro,

por uma chuva que deixasse
seu cristal em metal brunido,
seu metal com o fio cortante,
luminar, do canto do grilo.



SONETO A LASAR SEGALL

Vinicius de Moraes

DE INESCRUTÁVELMENTE no que pintas
Como num amplo espaço de agonias
Imarcescível música de tintas
A arder na lucidez das coisas frias:

Tão patéticas sois, tão sonolentas
Côres que o meu olhar mortificais
Entre verdes crestados e cinzentas
Ferrugens no prelúdio dos metais.

Que segrêdo recobre a velha pátina
Por onde a luz se filtra quase tímida
Do espaço silencioso que esculpiste

Para pintar sem gritos de escarlate
Na profunda revolta contra o crime
Daqueles que fizeram a vida triste?...



SONETINHO A PORTINARI

Vinicius de Moraes

O PINTOR pequeno
O grande pintor
Ruim como um veneno
Bom como uma flor

Vi-o da Inglaterra
Uma tarde, vi-o
No êrmo, vadio
Brodovski onde a terra

É côr de pintura
Muito louro, vi-o
Dentro da moldura

De um quadro de aurora
O olhar azul frio:
— Lá ia ele embora...



OS GIRASSÓIS DE VAN GOGH

Manoel de Barros

Hoje eu vi

Soldados cantando por estradas de sangue

Frescura de manhãs em olhos de crianças

Mulheres mastigando as esperanças mortas

Hoje eu vi homens ao crepúsculo

Recebendo o amor no peito

Hoje eu vi homens recebendo a guerra

Recebendo o pranto como balas no peito

E como a dor me abaixasse a cabeça

Eu vi os girassóis ardentes de Van Gogh.



JOAQUIM DO REGO MONTEIRO, PINTOR

João Cabral de Melo Neto

Esse recifense em Paris
taquigrafou (como Mirō)
o magro e o nu, o in excessivo
de onde nasceu e se exilou;
e essa parca caligrafia
de recifense soube apor
aos verdes podres do alagado
traduzindo o que é lama em cor.





CONSTELÁRIO PARA ANTONIO DIAS

Haroldo de Campos

monumentos desertos reticulados momentos

monumentos

poeira cósmica em céu de espelho

monumentos

universo univermelho

monumentos

ideogramas geogramas biogramas

fome pluriesfaimada

poço estelar

cimento branco

momentos

e monumentos

monumentos

monumentos



CLÁUDIO TOZZI: COR PIGMENTO LUZ

Haroldo de Campos

.
a cor
pensar a cor
a cor da cor
se transparenta
e é luz

pensar a luz
a luz da luz
se fragmenta
e é cor

a palavra cor
na cor
a palavra luz
na luz

..
o pó
a poeira
o pigmento

luz em pó
cor em pó

cor-luz
luz-cor

o íris no íris

o desarcoíris
no cinza
no quase
no
branco

. .
.
jaula negra
onde a cor
se enquadra

onde a cor

quase-cor
no corpo a cor
na cor

se exquadra

.

..

.

janela e
jaula

o quadro negro
quadriluz

janela-jaula

.

...

.

canta
a cor enjaulada

a cor
na janela da
cor

seu respiro
é pó
de luz

pigmento

e se ouve

pulmão
de luz

polem
cantante

.
...
.
.

a
cor
geômetra
de si mesma
ciosa de sua
luz

funil
fusível
sol

que enfeixa
e desenfeixa

que abre em janela
e fecha em jaula

que canta

.
.
...
.
.

o olho
sabe

seu tacto
translumina

NOMEAÇÃO DO AZUL-VOLPI

um
rouxinegro
canta
no azul-
volpi

uma
asa
violeta
a escanteio
triângula
no
branco

volpinveste
um vermelho
de vermelhos
e iça a
bandeira
branca

rosãgua o
rosa
e abre
para este
canto
onde
o rouxinegro
azula

ogivando-se
e

.
.
quadrosquadros
zulminâncias
volpilūminos

PARAFERNÁLIA PARA HÉLIO OITICICA

Haroldo de Campos

1.

retículas
redes desredes
reticulares ares áreas
tramas retramas redes
áreas
reticulares
reticulária
colares de quadrículos
contas cubículos
áreas ares
tramas retramas
desarticulária
de áreas reais
o rosto implode
camaleocaleidoscópico

2.

o amarelo
os elos do amarelo
o vermelho
os espelhos do vermelho
o verde
os revêrberos do verde
o azul
os nus do azul
os martelos do amarelo
as veredas do vermelho
os enredos do verde



os zulus nus do azul
os brancos elefantes do branco

3.

hēlios, o sol, não desmesura

4.

(cinetratro nō / psicocenografado por sousândrade
com roteiro ideogrâmico de eisenstein):

onde se lê hāgoromo, leia-se parangolē
onde se vê monte fuji, veja-se morro da
[mangueira

o parangoromo
pluriplumas
se hēliexcelsa
hēlinfante
celucinário
atē
decēuver-se
no céu do
céu

5.

hēlio sobe no zepelim das cores
movido a parangol'hēlium
e se dissolve no sol do céu



Carlos Ávila

TOURADA EM BARCELONA

sangue NEGRO sangue

mancha

dibujos de picasso



SABIÁ COM TREVAS

Manoel de Barros

(a um Pierrô de Picasso)

Pierrô é desfigura errante,
andarejo de arrebol.
Vivendo do que desiste,
se expressa melhor em inseto.

Pierrô tem um rosto de água
que se aclara com a máscara.
Sua descor aparece
como um rosto de vidro na água.

Pierrô tem sua vareja íntima:
é viciado em raiz de parede.
Sua postura tem anos
de amorfo e deserto

Pierrô tem o seu lado esquerdo
atrelado aos escombros.
E o outro lado aos escombros.
.....
Solidão tem um rosto de antro.



HOMENAGEM A PICASSO

João Cabral de Melo Neto

O esquadro disfarça o eclipse
que os homens não vão querer ver.
Não há música aparentemente
nos violinos fechados.
Apenas os recortes dos jornais diários
acenam para mim com o juízo final.



GRAFITO PARA CASIMIR MALEVITCH

Florença 1963

Casimir Malevitch pintor
Situa o objeto abatido
Esgotado pelo futuro:
Suprime-o
Instalando em seu lugar
Uma paisagem de cilindros & triângulos
Onde passeamos; dentro.

Depois cria:

Quadrado negro em campo branco,
Estema do tempo moderno.

Casimir Malevitch
Destroi o cõrtex da natureza.
Enfrenta a forma do zero-círculo.
(Tudo cabe no espaço do zero
Igual ao círculo).

Adota a esfera, sua própria filha.
Nomeia o deserto ao qual chegou
Pelo esvaziamento do objeto.

Dentro do espaço agredido cabe
A pintura futura;

Quadrado negro em campo branco.

Ajustam-se antagonismos
Na calma dinâmica visível.



KLIMT: TENTATIVA DE PINTURA

(Com modelo ausente)

Haroldo de Campos

1.

lourovioleta: um monstro uma
figura em ouro cin
zelada das unhas à raiz (crin
a) metalizada dos cabelos pedi
curada em roxo um traço bis
(não de bistre) um risco de li
lãs as pálpebras dobradas
como mariposas (como mari
posas) sim pedicurada em roxo
e as pontiagudas unhas só li
lãs da mesma cor do pij
ama uma figura um monstro
sim (quimono): klimt.

2.

e sob isto tudo como sob
uma panóplia (armada) um pavilhão
de pedraria (um baldaquino) dra
pejantes panos (um azul turquino)
(caravelas ao largo) bandeiras de um
(impossível) impromptu ultra
(biombo grand'aberto gonfalão panóplia)
violeta

o corpo (a ci
catriz li
lãs)
o branco albino se diria
o corpo um cor
po de me
nina

O BANAL FANTÁSTICO

Haroldo de Campos

lepidôculos

revãos de tesouras voláteis

excafês



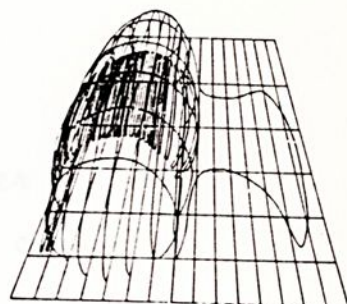
não-xícaras



martelos celibatários

enlanguescendo de foices ausentes

pentes pterodáctilos



ressacarrolhas

suicidados revólveres

nunhas

Anamorfás - Regina Silveira

o banal fantástico
nas anamorfás de
regina silveira

SOBRE UMA LITOGRAFIA
DE OCTÁVIO ARAÚJO

José Paulo Paes

rochedo e pássaro: a mesma sombra parda
o triângulo santíssimo no centro
um unicórnio virtual de guarda
e o fogo da vida a queimar dentro

não fogo do saber fósforo breve
no caos mas o magma primordial
com que o ser a si mesmo se concebe
nas trevas aquêm do bem e do mal

eva em cadeias como a lei ordena
cansado de ser deus boceja-lhe o ser
no ventre quer luz está pronta a cena
para mais uma vez prometeu nascer



POEMA DE NINAR PARA MIM E BRUEGEL

Roberto Piva

"Ninguém ampara o cavaleiro
do mundo delirante"
Murilo Mendes

Eu te ouço rugir para os documentos e as multidões
denunciando tua agonia as enfermeiras
desarticuladas
A noite vibrava o rosto sobrenatural nos telhados
manchados
Tua boca engolia o azul
Teu equilíbrio se desprendia nas vozes das alucinantes
madrugadas
Nas boites onde comias pickles e lias Santo Anselmo
nas desertas ferrovias
nas fotografias inacessíveis
nos topos umedecidos dos edifícios
nas bebedeiras de xerez sobre os túmulos
As leguminosas lamentavam-se chocando-se contra o
vento
drogas davam movimento demais aos olhos
Saltimbancos de Picasso conhecendo-te numa viela
maldita e os ruídos agachavam-se nos meus olhos
turbulentos resta dizer uma palavra sobre os roubos
enquanto os cardeais nos saturam de conselhos
bem-aventurados e a Virgem lava sua bunda imaculada
na pia batismal
Rangem os dentes da memória
segredos públicos pulverizam-se em algum ponto da
América peixes entravados se sentam contra a noite



O parque Shangai é conquistado pela lua
 adolescentes beijam-se no trem-fantasma
 sargentos se arredondam no palácio dos espelhos
 Eu percorro todas as barracas
 atropelando anjos da morte chupando sorvete
 os fios telegráficos simplificam as enchentes e as secas
 os telefones anunciam a dissolução de todas as coisas
 a paisagem racha-se de encontro com as almas
 o vento sul sopra contra a solidão das janelas e as
 gaiolas de carne crua
 Eu abro os braços para as cinzentas alamedas de
 São Paulo
 e como um escravo vou medindo a vacilante música
 das flâmulas



O SIM CONTRA O SIM

João Cabral de Melo Neto

Marianne Moore, em vez de lápis,
emprega quando escreve
instrumento cortante:
bisturi, simples canivete.

Ela aprendeu que o lado claro
das coisas é o anverso
e por isso as disseca:
para ler textos mais corretos.

Com mão direta ela as penetra,
com lápis bisturi,
e com eles compõe,
de volta, o verso cicatriz.

E porque é limpa a cicatriz,
econômica, reta,
mais que o cirurgião
se admira a lâmina que opera.

Francis Ponge, outro cirurgião,
adota uma outra técnica:
gira-as nos dedos, gira
ao redor das coisas que opera.

Apalpa-as com todos os dez
mil dedos da linguagem:
não tem bisturi reto
mas um que se ramificasse.

Com ele envolve tanto a coisa
que quase a enovela
e quase, a enovelando,
se perde, enovelado nela.

E no instante em que até parece
que já não a penetra,
ele entra sem cortar:
saltou por descuidada fresta.

•



Mirô sentia a mão direita
demasiado sábia
e que de saber tanto
já não podia inventar nada.

Quis então que desaprendesse
o muito que aprendera
a fim de reencontrar
a linha ainda fresca da esquerda.

Pois que ela não pôde, ele pôs-se
a desenhar com esta
até que, se operando
no braço direito ele a enxerta.

A esquerda (se não se é canhoto)
é mão sem habilidade:
reaprende a cada linha,
cada instante, a recomeçar-se.

Mondrian, também, da mão direita
andava desgostado;
não por ser ela sábia:
porque, sendo sábia, era fácil.

Assim, não a trocou de braço;
queria-a mais honesta
e por isso enxertou
outras mais sábias dentro dela.

Fez-se enxertar réguas, esquadros
e outros utensílios
para obrigar a mão
a abandonar todo improvisado.

Assim foi que ele, à mão direita,
impôs tal disciplina:
fazer o que sabia
como se o aprendesse ainda.

•

a Felix de Athayde

Cesário Verde usava a tinta
de forma singular:
não para colorir,
apesar da cor que nele há.

Talvez que nem usasse tinta,
somente água clara,
aquela água de vidro
que se vê percorrer a Arcádia.

Certo, não escrevia com ela,
ou escrevia lavando:
relavava, enxaguava
seu mundo em sábado de banho.

Assim chegou aos tons opostos
das maçãs que contou:
rubras dentro da cesta
de quem no rosto as tem sem côr,

Augusto dos Anjos não tinha
dessa tinta água clara.
Se água, do Paraíba
nordestino, que ignora a Fábula.

Tais águas não são lavadeiras,
deixam tudo encardido:
o vermelho das chitas
ou o reluzente dos estilos.

E quando usadas como tinta
escrevem negro tudo:
dão um mundo velado
por véus de lama, véus de luto.

Donde decerto o timbre fúnebre,
dureza da pisada,
geometria de enterro
de sua poesia enfileirada.

•



a Aloísio Magalhães

Juan Gris levava uma luneta
por debaixo do olho:
uma lente de alcance
que usava porêem do lado outro.

As lentes foram construídas
para aproximar as coisas,
mas a dele as recuava
à altura de um avião que vôa.

Na lente avião, sobrevoava
o atelier, a mesa,
organizando as frutas
irreconciláveis na fruteira.

Da lente avião é que podia
pinta sua natureza:
com o azul da distância
que a faz mais simples e coesa.

Jean Dubuffet, se usa luneta
é do lado correto;
mas não com o fim vulgar
com que se utiliza o aparelho.

Não intenta aproximar o longe
mas o que está próximo,
fazendo com a luneta
o que se faz com o microscópio.

E quando aproximou o próximo
até tacto fazê-lo,
faz dela estetoscópio
e apalpa tudo com o olhar dedo.

Com essa luneta feita dedo
procede à auscultação
das peles mais inertes:
que depois pinta em ebulição.

Ronald Brito

Curiosa é, aqui, a leitura da tradução, transcrição do poema "*The Fish*", de Marianne Moore, realizada por Augusto de Campos, em *Teoria da Poesia Concreta*, p. 14 (Vide Bibliografia).

E, também, as traduções dos poemas de Francis Ponge, realizadas por Júlio Castañon Guimarães: *13 Escritos de Francis Ponge* (Editora Noa Noa, 1980).



CUBISTA

Ronaldo Brito

No m̃nimo
deus sublima
suspenso o verbo
tenso
universo
mar superf̃cie
janela c̃eu duas maçãs
pêra e mesa
cosmogonia



NO CENTENÁRIO DE MONDRIAN

João Cabral de Melo Neto

1 ou 2

Quando a alma já se dói
do muito corpo a corpo
com o em volta confuso,
sempre demais, amorfo,

se dói de lutar contra
o que é inerte e a luta,
coisas que lhe resistem
e estão vivas, se mudas,

para chegar ao pouco
em que umas poucas coisas
revelem-se, compactas,
recortadas e todas,

e chegar entre as poucas
à coisa coisa e ao miolo
dessa coisa, onde fica
seu esqueleto ou caroço,

que então tem de arear
ao mais limpo, ao perfil
asséptico e preciso
do extremo do polir,

ou senão despolir
até o texto da estopa
ou até o grão grosseiro
da matéria de escolha;

2 ou 1

Quando a alma se dispersa
em todas as mil coisas
do enredado e prolixo
do mundo à sua volta,



ou quando se dissolve
nos modorras da música,
no invertebrado vago,
sem ossos, de água em fuga,

ou quando se empantana
num alcalino demais
que adorme o ácido vivo
que rói porém que faz,

ou quando a alma borracha
tem os músculos lassos
e é incapaz de molas
para atirar-se ao faço:

então, só essa pintura
de que foste capaz,
de que excluisse até
o nada, por demais,

e onde só conservaste
o léxico conciso
de teus perfis quadrados
a fio, e também fios,

pois quando a alma já arde
da afta ou da azia
que dá a lucidez brasa,
a atenção carne viva,

quando essa alma já tem
por sobre e sob a pele
queimaduras do sol
que teve de incender-se

e começa a ter câibras
pelo esforço de dentro
de manter esse sol
que lhe mantém o incêndio,

centrada na idéia fixa
de chegar ao que quer
para o quê que ela faz
seja o que deve ser:

então só essa pintura
de que foste capaz
apaga as equimoses
que a carne da alma traz

e apaga na alma a luz,
ácida, do sol de dentro,
ao mostrar-lhe o impossível
que é atingir teu extremo.



GRAFITO PARA HOKUSAI

Murilo Mendes

Florença, 1963

Corporal desenho
Cruelmente refinado
Onde os dedos do Japão
Centrípeto caminham.

Paisagem ao infinitesimal.
Silêncio: roda em movimento.
Sombra de homem ou jardim
Se habitando.

*

Naturezvisão
Espaço caligráfico traçado
Pelo pássarovôo
Na ilha quadrada.

Rito do ferro
Transposto em sêda.

*

Japão metáfora de Hokusai
 sím & não
Hokusai metáfora do Japão
 não & sím



A ESCULTURA DE MARY VIEIRA

João Cabral de Melo Neto

dar a qualquer matéria
a aritmética do metal
dar lâmina ao metal
e à lâmina alumínio

dar ao número ímpar
o acabamento do par
então ao número par
o assentamento do quatro

dar a qualquer linha
projeto a pino de reta
dar ao círculo sua reta
sua racional de quadrado

dar à escultura o limpo
de uma máquina de arte
por sua vez capaz da arte
de dar-se um espaço explícito



MÁQUINAS, DE VERA MINDLIN

João Cabral de Melo Neto

Vera Mindlin, a gravadora
sem embelezar e sem sátira
nos dá a ver neste livro aqui
todo um catálogo de máquinas.

As máquinas não são do ofício
a que ela se dá, as artes gráficas;
algumas nem há, e desconfio
que alguma é híbrido de máquinas.

Mas Vera Mindlin, gravadora,
isto é, uma artista e operária,
dá a ver aqui, íntima que é,
por convivê-la, a coisa máquina:

com sua aparência grosseira,
compacta (e todavia grávida),
com o basto e o peso do metal
que é mais pesado quando em máquina.

Todas elas são de unhas sujas,
mãos, carne, alma sujas de graxa;
todas são mais pesadas que o ar,
não levitam como outras máquinas.

E Vera não as dá só a ver:
a todo o corpo elas são dadas
e tão imediatas a ele estão
que nos fazem medo essas máquinas:

pois que são tão presentemente
e essa presença é tão pesada,
que até cansa pensar na força
que exige trabalhar tais máquinas;

mais ainda se alguém se imagina
forçado a carregar tais máquinas;
e mesmo se alguém se imagina
que tem sequer de coabitá-las.



ÁLBUM D'ALMA

Sylvio Back

Roma, 1962

ideograma

hierōglifo

ícone

iluminura

ementa

o poema

antevê

o cinema



GRAFITO PARA SERGEI EISENSTEIN

Murilo Mendes

Roma, 1962

A imagem macho & fêmea
Num ritmo preto & branco
Caminha
Em cortes progressivos
Dentados antagônicos
De linhas paralelas
Diagonais monumentais

O horizonte do filme
Cresce, a consciência
Marcha em nós, mil, de
Participes imediatos, da
Cooperativa que somos
Ou deveríamos ser,
De contrastes que portamos
Em giro, visão & sangue

A imagem sobe, escandindo
Átono ou esdrúxulo
O canto coral do homem,
Luta do múltiplo contra uno,
Torna-se fato, medida
Do ótico que subsiste
Em cada espectador,
Épico
Espêculo.



Vinicius de Moraes

II

Pelas auroras imobilizadas
No instante anterior; pelos gerais
Milagres da matéria; pela paz
Da matéria; pelas transfiguradas

Faces da História; pelo conteúdo
Da História e em nome de seus grandes idos
Pela correspondência dos sentidos
Pela vida a pulsar dentro de tudo

Pelas nuvens errantes; pelos montes
Pelos inatingíveis horizontes
Pelos sons; pelas cores; pela voz

Humana; pelo Velho e pelo Novo
Pelo misterioso amor do povo
Spasibo, tovarishch. Khorosho.

III

O cinema é infinito — não se mede.
Não tem passado nem futuro. Cada
Imagem só existe interligada
À que a antecedeu e à que a sucede.

O cinema é a presciente antevisão
Na sucessão de imagens. O cinema
É o que não se vê, é o que não é
Mas resulta: a indizível dimensão.

Cinema é Odessa, imóvel na manhã
À espera do massacre; é Nevski; é Ivan
O Terrível: és tu, mestre! maior

Entre os maiores, grande destinado...
Muito bem, Eisenstein. Muito obrigado.
Spasibo, tovarishch. Khorosho.



TRÍPTICO NA MORTE DE
SERGEI MIKHAILOVITCH EISENSTEIN

I

Camarada Eisenstein, muito obrigado
Pelos dilemas e pela montagem
De Canal de Ferghana, irrealizado
E outras afirmações. Tu foste a imagem

Em movimento. Agora, unificado
À tua própria imagem, muito mais
De ti, sobre o futuro projectado
Nos hás-de restituir. Boa viagem

Camarada, atravês dos grandes gelos
Imensuráveis. Nunca vi mais belos
Cêus que esses sob que caminhas, sô

E infatigável, a despertar o assombro
Dos horizontes com tua câmara ao ombro...
Spasibo, tobarishch. Khorosho.



CANTO AO HOMEM DO POVO CHARLIE CHAPLIN

Carlos Drummond de Andrade

I

ERA PRECISO que um poeta brasileiro,
 não dos maiores, porém dos mais expostos à galhofa,
 girando um pouco em tua atmosfera ou nela aspirando a viver
 como na poética e essencial atmosfera dos sonhos lúcidos,

era preciso que êsse pequeno cantor teimoso,
 de ritmos elementares, vindo da cidadezinha do interior
 onde nem sempre se usa gravata mas todos são extremamente polidos
 e a opressão é detestada, se bem que o heroísmo se banhe em ironia

era preciso que um antigo rapaz de vinte anos
 prêso à tua pantomina por filamentos de ternura e riso dispersos no tempo,
 viesse recompô-los e, homem maduro, te visitasse
 para dizer-te algumas coisas, sobcolor de poema.

Para dizer-te como os brasileiros te amam
 e que nisso, como em tudo mais, nossa gente se parece
 com qualquer gente do mundo — inclusive os pequenos judeus
 de bengalinha e chapéu-côco, sapatos compridos, olhos melancólicos,

vagabundos que o mundo repeliu, mas zombam e vivem
 nos filmes, nas ruas tortas com tabuletas: Fábrica, Barbeiro, Polícia,
 e vencem a fome, iludem a brutalidade, prolongam o amor
 como um segredo dito no ouvido de um homem do povo caído na rua.

Bem sei que o discurso, acalanto burguês, não te envaidece,
 e costumas dormir enquanto os veementes inauguram estátua,
 e entre tantas palavras que como carros percorrem as ruas,
 são as mais humildes, de xingamento ou beijo, te penetram.

Não é a saudação dos devotos nem dos partidários que te ofereço,
 eles não existem, mas a de homens comuns, numa cidade comum,
 nem faço muita questão da matéria de meu canto ora em torno de ti
 como um ramo de flores absurdas mandado por via postal ao inventor dos
 [jardins.

Falam por mim os que estavam sujos de tristeza e feroz de desgosto de tudo,
 que entraram no cinema com a aflição de ratos fugindo da vida,
 são duas horas de anestesia, ouçamos um pouco de música
 visitemos no escuro as imagens — e te descobriram e salvaram-se.

Falam por mim os abandonados de justiça, os simples de coração,
os párias, os falidos, os mutilados, os deficientes, os recalçados,
os oprimidos, os solitários, os indecisos, os líricos, os cismarentos,
os irresponsáveis, os pueris, os cariciosos, os loucos e os patéticos.

E falam as flôres que tanto amas quando pisadas,
falam os tocos de vela, que comes na extrema penúria, falam a mesa, os
os instrumentos do ofício e as mil coisas aparentemente fechadas, [botões,
cada troço, cada objeto do sôtão, quanto mais obscuros mais falam.

II

A noite banha tua roupa.
Mal a disfarças no colête mosqueado,
no gelado peitilho de baile,
de um impossível baile sem orquídeas.
Es condenado ao negro. Tuas calças
confundem-se com a treva. Teus sapatos
inchados, no escuro do beco,
são cogumelos noturnos. A quase cartola,
sol negro, cobre tudo isto, sem raios.
Assim, noturno cidadão de uma república
enlutada, surges a nossos olhos
pessimistas, que te inspecionam e meditam:
Eis o tenebroso, o viúvo, o inconsolado,
o corvo, o nunca-mais, o chegado muito tarde
a um mundo muito velho.

E a lua pousa
em teu rosto. Branco, de morte caiado,
que sepulcros evoca mas que hastes
submarinas e algidas e espelhos
e lírios que o tirano decepou, e faces
amortalhadas em farinha. O bigode
negro cresce em ti como um aviso
e logo se interrompe. É negro, curto,
espesso. O rosto branco, de lunar matéria,
face cortada em lençol, risco na parede,
caderno de infância, apenas imagem
entretanto os olhos são profundos e a boca vem de longe,
sôzinha, experiente, calada vem a boca
sorrir, aurora, para todos.

E já não sentimos a noite,
e a morte nos evita, e diminuimos
como se ao contato de tua bengala mágica voltássemos
ao país secreto onde dormem meninos.
Já não é o escritório de mil fichas,
nem a garagem, a universidade, o alarme,

é realmente a rua abolida, lojas repletas,
e vamos contigo arrebentar vidraças,
e vamos jogar o guarda no chão,
e na pessoa humana vamos redescobrir
aquêlê lugar — cuidado! — que atrai os pontapês: sentenças
de uma justiça não oficial.

III

Cheio de sugestões alimentícias, matas a fome
dos que não foram chamados à ceia celeste
ou industrial. Hã ossos, hã pudins
de gelatina e cereja e chocolate e nuvens
nas dobras de teu casaco. Estão guardados
para uma criança ou um cão. Pois bem conheces
a importância da comida, o gosto da carne.
o cheiro da sopa, a maciez amarela da batata,
e sabes a arte sutil de transformar em macarrão
o humilde cordão de teus sapatos.
Mais uma vez jantaste: a vida é boa.
Cabe um cigarro: e o tiras
da lata de sardinhas.

Não hã muitos jantares no mundo, já sabias,
e os mais belos frangos
são protegidos em pratos chineses por vidros espessos.
Hã sempre o vidro, e não se quebra,
hã o aço, o amianto, a lei,
hã milícias inteiras protegendo o frango,
e hã uma fome que vem do Canadá, um vento,
uma voz glacial, um sopro de inverno, uma fôlha
baila indecisa e pousa em teu ombro: mensagem pálida
que mal decifras. Entre o frango e a fome,
os valos da lei, as lèguas. Então te transformas
tu mesmo no grande frango assado que flutua
sôbre tôdas as fomes, no ar; frango de ouro
e chama, comida geral
para o dia geral, que tarda.

IV

O próprio ano nôvo tarda. E com êle as amadas.
No festim solitário teus dons se aguçam.
Ês espiritual e dançarino e fluido,
mas ninguém virã aqui saber como amas
com fervor de diamante e delicadeza de alva,
como, por tua mão, a cabana se faz lua.
Mundo de neve e sal, de gramofones roucos
urrrando longe o gôzo de que não participas.



Mundo fechado, que aprisiona as amadas
e todo desejo, na noite, de comunicação.
Teu palácio se esvai, lambe-te o sono,
ninguém te quis, todos possuem,
tudo buscaste dar, não te tomaram.

Então caminhas no gelo e rondas o grito.
Mas não tens gula de festa, nem orgulho
nem ferida nem raiva nem malícia.
És o próprio ano-bom, que te deténs. A casa passa
correndo, os copos voam,
os corpos saltam rápido, as amadas
te procuram na noite... e não te vêem,
tu pequeno,
tu simples, tu qualquer.

Ser tão sôzinho em meio a tantos ombros,
andar aos mil num corpo sô, franzino,
e ter braços enormes sôbre as casas,
ter um pē em Guerrero e outro no Texas,
falar assim a chinês, a maranhense,
a russo, a negro: ser um sô, de todos,
sem palavra, sem filtro,
sem opala:
há uma cidade em ti, que não sabemos.

V

Uma cega te ama. Os olhos abrem-se.
Não, não te ama. Um rico, em álcool,
é teu amigo e lúcido repele
tua riqueza. A confusão é nossa, que esquecemos
o que há de água, de sopro e de inocência
no fundo de cada um de nós, terrestres. Mas, ô mitos
que cultuamos, falsos: flôres pardas,
anjos desleais, cofres redondos, arquejos
poéticos acadêmicos; convenções
do branco, azul e roxo; maquinismos,
telegramas em série, e fábricas e fábricas
e fábricas de lâmpadas, proibições, auroras.
Ficaste apenas um operário
comandado pela voz colérica do megafone.
És paraíso, gesto, esgar.
Recolho teus pedaços: ainda vibram,
lagarto mutilado.

Colo teus pedaços. Unidade
estranha é a tua, em mundo assim pulverizado.
E nós, que a cada passo nos cobrimos
e nos despimos e nos mascaramos,

mal remetemos em ti o mesmo homem,
 aprendiz
 bombeiro
 caixeiro
 doceiro
 emigrante
 forçado
 maquinista
 noivo
 patinador
 soldado
 músico
 peregrino
 artista de circo
 marquês
 marinheiro
 carregador de piano

apenas sempre entretanto tu mesmo,
 o que não está de acôrdo e é meigo,
 o incapaz de propriedade, o pē
 errante, a estrada
 fugindo, o amigo
 que desejaríamos reter
 na chuva, no espelho, na memória
 e todavia perdemos.

VI

Jã não penso em ti. Penso no ofício
 a que te entregas. Estranho relojoeiro,
 cheiras a peça desmontada: as molas unem-se,
 o tempo anda. És vidraceiro.
 Varres a rua. Não importa
 que o desejo de partir te roa; e a esquina
 faça de ti outro homem; e a lógica
 te afaste de seus frios privilégios.
 Hã o trabalho em ti, mas caprichoso,
 mas benigno,
 e dêle surgem artes não burguesas,
 produtos de ar e lágrima, indumentos
 que nos dão asa ou pétalas, e trens
 e navios sem aço, onde os amigos
 fazendo roda viajam pelo tempo,
 livros se animam, quadros se conversam,
 e tudo libertado se resolve
 numa efusão de amor sem paga, e riso, e sol.

O ofício, é o ofício
 que assim te põe no meio de nōs todos,
 vagabundo entre dois horários; mão sabida



ao bater, no cortar, no fiar, no rebocar,
 o pê insiste em levar-te pelo mundo,
 a mão pega a ferramenta: é uma navalha,
 e ao compasso de Brahms fazes a barba
 neste salão desmemoriado no centro do mundo oprimido
 onde ao fim de tanto silêncio e ôco te recobramos.

Foi bom que te calasses.

Meditavas na sombra das chaves,
 das correntes, das roupas riscadas, das cêrcas de arame,
 juntavas palavras duras, pedras, cimento, bombas, invectivas,
 anotavas com lápis secreto a morte de mil, a bôca sangrenta
 de mil, os braços cruzados de mil.

E nada dizias. E um bôlo, um engulho
 formando-se. E as palavras subindo.

Ô palavras desmoralizadas, entretanto salvas, ditas de nôvo.
 Poder da voz humana inventando novos vocábulo e dando sôpro aos exaustos.
 Dignidade da bôca, aberta em ira justa e amor profundo,
 crisão do ser humano, árvore irritada, contra a miséria e a fúria dos
 [ditadores,

Ô Carlito, meu e nosso amigo, teus sapatos e teu bigode caminham
 [numa estrada de pô e esperança.



O POETA E SEU MESTRE

José Paulo Paes

Tiro da sua cartola
repleta de astros,
mil sobrenaturais
paisagens de infância.

Sua bengalinha
queima os ditadores,
destrói as muralhas
libertando os anjos.

Calço seu sapato
e eis que percorro
a branca anatomia
de pássaros e flores

Repito seus gestos
de amor e renúncia,
de música ou luta,
de solidariedade.

Carlitos!

Teu bigode é a ponte
que nos liga ao sonho
e ao jardim tão perto.



OS ASSASSINOS E AS VÍTIMAS

Sebastião Uchoa Leite

eu bogart
decifro o falcão maltês
mas sou tragado por você mary astor
eu robert walker troco o meu crime
pelo de farley granger
ele esquece o pacto mas eu não
nós montand e signoret
matamos de susto vera clouzot
assassina perseguida pelo crime
eu delon mato maurice ronet
aposso-me da identidade
mas o cadáver dele me segue
eu clift nego
que afoguei shelley winters
mas a imagem persiste
eu o fotógrafo persigo
o crime de vanessa redgrave
ou sou perseguido por ele?



CINEPOEMA

Vinicius de Moraes

O Prêto no Branco
Manuel Bandeira

O PRÊTO no banco
A branca na areia
O prêto no banco
A branca na areia
Silêncio na praia
De Copacabana,

A branca no branco
Dos olhos do prêto
O prêto no banco
A branca no prêto
Negror absoluto
Sôbre um mar de leite.

A branca de bruços
O prêto pungente
O mar em soluços
A espuma inocente
Canícula branca
Pretidão ardente.

A onda se alteia
Na verde laguna
A branca se enfuna
Se afunda na areia
O colo é uma duna
Que o sol incendeia.



O prêto no branco
Da espuma da onda
A branca de flanco
Brancura redonda
O prêto no banco
A gaivota ronda.

O negro tomado
Da linha do asfalto
O espaço imantado:
De súbito um salto
E um grito na praia
De Copacabana.

Pantera de fogo
Pretidão ardente
Onda que se quebra
Violentamente
O sol como um dardo
Vento de repente.

E a onda desmaia
A espuma espadana
A areia ventada
De Copacabana
Claro-escuro rápido
Sombra fulgurante.

Luminoso dardo
O sol rompe a nuvem
Refluxo tardo
Restos de amarugem
Sangue pela praia
De Copacabana...



ÁGUA-FORTE

Manuel Bandeira

O PRÊTO no branco,
O pente na pele:
Pássaro espalmado
No céu quase branco.

Em meio do pente,
A concha bivalve
Num mar de escarlata.
Concha, rosa ou tâmara?

No escuro recesso,
As fontes da vida
A sangrar inúteis
Por duas feridas.

Tudo bem oculto
Sob as aparências
Da água-forte simples:
De face, de flanco,
O preto no branco.



SIN PALABRAS

Omar Khouri

Pirajuí, jan. 75

(peça a ser pregada em ato único)

duração: + ou - 15 min.

sala pequena, público lotando a platéia.
cortinas fechadas. apagam-se as luzes. cortinas se
abrem: uma tela-espelho toma toda a extensão do pal-
co. spotlights todos voltados para a platéia: a-
cende-se um que, vagarosamente, passeia pela mesma.
quase que imperceptivelmente é introduzido um fundo
sonoro (vozes, gargalgadas), o qual vai se intensifi-
cando à medida que se acendem mais spots, até se tor-
nar algo insuportável: neste momento a sala já se en-
contra toda iluminada.
blackout repentino/silêncio. cortinas se fecham.

ASSISTINDO À REPRESENTAÇÃO DE SACUNTALA

Cristóvão Aires

Poeta de Goa
(1853-1930)

Às lânguidas canções das indianas festas
respondiam ao longe as murmúrias florestas;
o vento baloiçava as finas arequeiras,
e ao som do sarangue e do sitar dolente,
as filhas de Vixnū, tismadas bailadeiras,
imitavam, dançando, as curvas da serpente.

Doirava do pagode os brancos alabastros
a Lua, avassalando o céu crivado d'astros.

Andavam na atmosfera uns cálidos perfumes;
e à luz d'estrelas mil brilhavam, como lumes,
nos vermelhos turbantes,
mesclados os rubis, as perlas e os brilhantes.
Cruzavam-se no ar milhões de vagalumes;
e as graves orações d'austeros celebrantes,
como um murmúrio imenso,
subiam até Deus nas espiras do incenso.

Ardiam brandamente
nas caçoulas de prata a mirra deliciosa,
o aloês, a baunilha, o sândalo e a rosa.
A voz dos sacerdotes
rumiava docemente
as súplicas e os hinos;
e à santa romaria os tardos peregrinos
acorríam brandindo os fusfuros archotes.

E ninguém falta à festa; os velhos, as crianças,
mulheres matizando as longas, negras tranças
do ouro, dos rubis, das flores predilectas,
dos perfumes subtis, das jóias mais selectas.

A viúva que soluça, a mãe que ri e canta,
a acalentar o filho, a prece sacrossanta,
o brâmane, o sarcar, o artista, o operário,
juntam-se à voz de Deus, naquele santuário.

E nesse vasto chão, que o mogarin alastra,
por momentos se cala a voz do Darmaxastra.

No entanto, manso e manso, a noite caminhava;
e enquanto no poente a Lua declinava,
abandonando a selva, as várzeas e os palmares,
sucedião à prece os lânguidos cantares.

No matizado chão, juncado de mil flores,
faziam cintilar os seus anéis de prata,
uns pés trigueiros, nus; e a multidão sensata
admirava, em silêncio, os gestos sedutores,
os requebros gentis, e as vozes feiticeiras,
que exibiam, dançando, as frescas bailadeiras.

Viam-se reflectir em todos os olhares
a alegria infantil, os sustos e os pesares,
o poema indeciso
que ora alenta e vigora, ora entristece e rala
a triste Sacuntala.

Chora-se com o seu pranto, e ri-se com o seu uso,
e todo olhar que sonda aquele coração
encontra, fascinado, um casto paraíso
envolto pelo Sol num celestial clarão.

Segue-se o riso ao pranto, ã égloga a tragédia,
ao quadro panteûsta,
onde o espírito exulta e onde se expande a vista
a pungitiva cena, e as fundas agonias.

Que alegres sensações! que tristes melodias!

E essa pobre mulher sorrindo e soluçando
ã provocante luz dos astros e dos lumes,
deixa exalar da voz uns cálidos perfumes,
como o entreabrir-se a flor quando o Sol vem raiando.

E o auditório imenso, ouvindo aquela voz,
que faz erguer da campa a sombra dos avôs,
e lhe traz ã memória o seu passado egrégio,
ao drama secular ergue um triunfo régio,
e acolhe entre ovações, e bálamos, e flores.
aquela nobre herança, herdada dos maiores.

Indianas e Portuguesas.
Porto, 1879.



TEMA DE CALDERÓN

Murilo Mendes

Fechado desde a infância numa torre atômica,
 Próximo o homem-lobo que me nutre,
 Circunscrito pelo braço de Estrela e de Rosaura,
 Medindo no relógio os passos da injustiça,
 Segismundo sou.
 O céu legível, texto de diamante,
 Escapa-me; entre duas armas contrárias
 Situado me vejo; insone, e sonhando.

*

Outras vezes retiram-me da torre,
 Apontam-me futura liberdade.
 Caminho entre semáforos e máquinas.
 São andaimes, passos arritmados, poeira,
 As pequenas combinações da vida, suor —,
 A linguagem dos ácidos, nada álaque.
 O próprio reino aliado da palavra
 Já me expede elementos inimigos.

Quem finalmente sou, esqueleto letrado,
 Alienado eco? A injustiça não me cabe
 A mim sô: qualquer um a reclama e recebe.
 Mas eu sonho a injustiça, ou a suporte?
 Eu sonharei a vida, ou a vida me sonha?
 Aprendi do meu sangue, ou da essência da Espanha?

Calderón, ainda no contexto actual do século
 LA VIDA ES SUEÑO.

Herberto Helder

do livro "Poemacto" (1961)

in "Ofício cantante" (1967)



O actor acende a boca. Depois, os cabelos.
Finge as suas caras nas poças interiores.
o actor põe e tira a cabeça
de búfalo.
De veado.
De rinoceronte.
Põe flores nos cornos.
Ninguém ama tão desalmadamente como o actor
como o actor.
O actor acende os pés e as mãos.
Fala devagar.
Parece que se difunde aos bocados.
Bocado estrela.
Bocado janela para fora.
Outro bocado gruta para dentro.
O actor toma as coisas para deitar fogo
ao pequeno talento humano.
O actor estala como sal queimado.
o que rutila, o que arde destacadamente
na noite, é o actor, com
uma voz pura monotonamente batida
pela solidão universal.
O espantoso actor que tira e coloca
e retira
o adjectivo da coisa, a subtileza
da forma,
e precipita a verdade.



De um lado extrai a maçã com sua.
divagação de maçã.
Fabrica peixes mergulhados na própria
labareda de peixes.
Porque o actor está como a maçã.
O actor é um peixe.
Sorri assim o actor contra a face de Deus.
Ornamenta Deus com simplicidades silvestres.
O actor que aubtrai Deus de Deus,
e dá velocidade aos lugares aéreos.
Porque o actor é uma astronave que atravessa
a distância de Deus.
Embrulha. Desvela.
o actor diz uma palavra inaudível.
Reduz a humidade e o calor da terra
à confusão dessa palavra.
Recita o livro. Amplifica o livro.
O actor acebde o livro.
Levita pelos campos como a dura água do dia.
O actor é tremendo.
Ninguém ama tão rebasbativamente
como o actor.
Como a unidade do actor.
O actor é um advérbio que ramificou
de um substantivo.
E o substantivo retorna e gira,
e o actor é um adjectivo.
É um nome que provém ultimamente
do Nome.
Nome que se murmura em si, e agita,
e enlouquece.
O actor é o grande Nome cheio de holofotes.
O nome que cega.
Que sangra.



Que é o sangue.
Assim o actor levanta o corpo,
enche o corpo com melodia.
Ninguém ama tão corporalmente como o actor.
Como o corpo do actor.

Porque o talento é a transformação.
O actor transforma a própria acção
da transformação.
Solidifica-se. Gasifica-se. Complica-se.
O actor cresce no seu acto.
Faz crescer o acto.
O actor actifica-se.
É enorme o actor com sua ossada de base,
com suas tantas janelas,
as ruas —
o actor com a emotiva publicidade.
ninguém ama tão públicamente como o actor.
Como o secreto actor.
Em estado de graça. Em compacto
estado de pureza.
O actor ama em acção de estrela.
Acção de mímica.
O actor é um tenebroso recolhimento
de onde brota a pantomima.
O actor vê aparecer a manhã sobre a cama.
Vê a cobra entre as pernas.
O actor vê fulminantemente
como é puro.
Ninguém ama o teatro essencial como actor.
Como a essência do amor do actor.
O teatro geral.

O actor em estado geral de graça.

O EQUILIBRISTA

Orides Fontele

Essencialmente equilíbrio:
nem máximo nem mínimo.

Caminho determinado
movimentos precisos sempre
medo controlado máscara
de serenidade difícil.

Atenção dirigida olhar reto
pés sobre o fio sobre a lâmina
ser numa só idéia nítida
equilíbrio. Equilíbrio

Acaba a prova? Só quando
o trapézio oferece o voo
e a queda possível desafia
a precisão do corpo todo.

Acaba a prova se a aventura
inda mais aguda se mostra
mortal intensa desumana
desequilíbrio essencialmente.



O GRANDE CIRCO MÍSTICO

Jorge de Lima

O MÉDICO de câmara da imperatriz Teresa — Frederico Knieps —
 [resolveu que seu filho também fosse médico,
 mas o rapaz fazendo relações com a equilibrista Agnes,
 com ela se casou, fundando a dinastia de circo Knieps
 de que tanto se tem ocupado a imprensa.
 Charlote, filha de Frederico, se casou com o *clown*,
 de que nasceram Marie e Oto.
 E Oto se casou com Lily Braun a grande deslocadora
 A filha de Lily Braun — a tatuada no ventre
 quis entrar para um convento,
 mas Oto Frederico Knieps não atendeu,
 e Margarete continuou a dinastia do circo
 de que tanto se tem ocupado a imprensa.
 Então, Margarete tatuou o corpo
 sofrendo muito por amor de Deus,
 pois gravou em sua pele rósea
 a Via-Sacra do Senhor dos Passos.
 E nenhum tigre a ofendeu jamais;
 e o leão Nero que já havia comido dois ventríloquos,
 quando ela entrava nua pela jaula adentro,
 chorava como um recém-nascido.
 Seu esposo — o trapezista Ludwig — nunca mais a pôde amar,
 pois as gravuras sagradas afastavam
 a pela dela o desejo dele.
 Então, o *boxeur* Rudolf que era ateu
 e era homem fera derrubou Margarete e a violou.
 Quando acabou, o ateu se converteu, morreu.
 Margarete pariu duas meninas que são o prodígio do Grande
 [Circo Knieps.

Mas o maior milagre são as suas virgindades
em que os banqueiros e os homens de monóculo têm esbarrado;
são as suas levitações que a platéia pensa ser truque;
é a sua pureza em que ninguém acredita;
são as suas mágicas que os simples dizem que há o diabo;
mas as crianças crêem nelas, são seus fiéis, seus amigos, seus
[devotos.

Marie e Helene se apresentam nuas,
dançam no arame e deslocam de tal forma os membros
que parece que os membros não são delas.
A platéia bisca coxas, bisca seios, bisca sovacos.
Marie e Helene se partem todas,
se distribuem pelos homens cínicos,
mas ninguém vê as almas que elas conservam puras.
E quando atiram os membros para a visão dos homens,
atiram as almas para a visão de Deus.
Com a verdadeira história do grande circo Knieps
muito pouco se tem ocupado a imprensa.



ESCULTURA DOGON

João Cabral de Melo Neto

Ser deste mundo agreste
que, apesar de sem pedra,
ê ã beira do fazer-se
pedra a seca falêsia,

desenvolve no artista
laconismo de gesto,
um fazer mais lacônico,
sem redondos, severo.

Tratando atê a madeira
dã-lhe perfil sô arestas,
a fatura lascada
de quando a pedra quebra.



À BRASÍLIA DE OSCAR NIEMEYER

João Cabral de Melo Neto

Eis casas-grandes de engenho,
horizontais, escancaradas,
onde se existe em extensão
e a alma todoaberta se espraia.

Não se sabe *ê* se o arquiteto
as quis símbolos ou ginástica:
símbolos do que chamou Vinicius
"imensos limites da pátria"

ou ginástica, para ensinar
quem for viver naquelas salas
um deixar-se, um deixar viver
de alma arejada, não fanática.

ALICE DESPIDA POR SEUS ILUSTRADORES

(de um desenho de Ismael Caldas)

Alcides Vilas

Sebastião Uchoa Leite

de bruços
a cabeça inclinada no braço
o laço vitoriano solto
a barra do vestido erguida
as botinhas cruzadas;
o lho bate
e sô vê a calcinha
que mr. dodgson nunca viu

A MODA

Alcides Vilaça

a moda é a rápida madrasta
a moda é a máscara rápida
a moda é o nâcar de rapina
oh celulóide que abraça e malconverte

a moda sopra a contramoda
o passo falso de outra contradança
a moda é o mesmo e vários laço
oh gravata da história feita farsa

a ponta do colete o bolso
a graça da palavra na berlinda
a prancha de boiar o estilo o homem
o modo de cair casca soprada
um jeito de sorrir ódio oportuno
oh oportunidades do mercado oh fama

a moda me veste me arma se camufla
com a ingenuidade do rosto que a rejeita
os baralhos são todos de coringa
unidos ao varal no fio do jogo



METAFÍSICA DA MODA FEMININA

(de "A Poesia em Pânico")

Murilo Mendes

Tudo o que te rodeia e te serve
Aumenta a fascinação e o segredo.
Teu vêu se interpõe entre ti e meu corpo,
É a grade do meu cárcere.
Tuas luvas macias ao tacto
Fazem crescer a nostalgia das mãos
Que não receberam meu anel no altar,
Tua maquilagem
É uma desforra sobre a natureza.
Tuas jóias e teus perfumes
São necessários a ti e à ordem do mundo
Como o pão ao faminto.
Eu me enrolo nas tuas peles nos teus boões
Rasgo o teu peitilho de seda
Para beijar teus seios brancos
Que alimentam os poemas
Entreabro a túnica fosforescente
Para me abrigar no teu ventre glorioso
Que ampliou o mundo ao lhe dar um homem a mais.
Teus vestidos obedecem a um plano inspirado
Correspondem-se com o céu com o mar as estrelas
Com teus pensamentos teus desejos tuas sensações.



ROMANCE DO EX-VOTO

Elson Farias

Figuras de cera ou cedro
transfiguradas de dor,
têm sempre um cunho de morte
as amarguras do amor.

— Fome, falência da vida,
meu compadre, a vida é má,
muitas vezes eu chorei
e você mais chorará.

Eu chorei as nordestinas
lágrimas duras de vir,
meus olhos petrificados
sem substância pra dormir.
Chorará você o excesso
das águas fartas das várzeas
chorará a amarga morte
pelo chão da sua casa.

— Meu compadra, a minha filha
se sumiu sem eu saber,
procurei-a duas semanas,
me cansei, quero morrer.

— Meu compadre, eu talho um corpo
de madeira, sua filha,
rezo um credo e um padre-nosso
e ela voltará, não falha.

— Quanto tempo esperarei,
quanto tempo esperarás,
minha filha, a dor que trago
no meu peito dói demais!



Sinto um travo de estearina,
ah, boca desesperada!
detrás da capela grela
minha fê, sô, e mais nada.
Figuras de cera ou cedro,
barro cru da beira-rio,
tarde, porteira da noite,
mãe e madastra do frio,
esta figura figura
o milagre que alcancei,
meu compadre, a vida é dura,
quantos anos viverei?
— Não sei, compadre, não sei,
eu me seguro na sorte,
não sei quando a vida é vida,
nem sei quando a vida é morte.
— Minha figura é mais feia
que a morte de cera fria,
minha figura de cedro
é a figura da vida.
— Meu compadre, a nossa cara
é cara que ninguém quer,
nossa cara só é cara
à nossa cara mulher,

a mulher que essa figura
traz colada na cintura.



RETRATO

Maria Lúcia Alvim

Apenas justo
oval: o rosto
nada revela
além do traço

puro, formal.

Também o corpo
na pose elíptica
repousa, além

da curva lisa
precisa e breve.
— O exato crivo
a forma solta,

eis a receita
de raro timbre:
Henri Matisse
cinge o mistério.



O FUTEBOL BRASILEIRO

EVOCADO NA EUROPA

João Cabral de Melo Neto

A bola não é a inimiga
como o touro, numa corrida;
e embora seja um utensílio
caseiro e que se usa sem risco,
não é o utensílio impessoal,
sempre manso, de gesto usual:
é um utensílio semivivo,
de reações próprias como bicho,
e que, como bicho, é mister
(mais que bicho, como mulher)
usar com malícia e atenção
dando aos pés astúcias de mão.



ADEMIR DA GUIA

João Cabral de Melo Neto

Ademir impõe com seu jogo
o ritmo do chumbo (e o peso),
da lesma, da câmara lenta,
do homem dentro do pesadelo.

Ritmo líquido se infiltrando
no adversário, grosso, de dentro,
impondo-lhe o que ele deseja,
mandando nele, apodrecendo-o.

Ritmo morno, de andar na areia,
de água doente de alagados,
entorpecendo e então atando
o mais irrequieto adversário.

UM CRAQUE

Cláudio Mello e Souza

Tinha no trave do passe,
na trave do passo,
o gosto amargo da bola.

Em cada bola, um impasse
e a mais pura solução
que a limpasse.

Ele a tinha aos pés
como quem leva no corpo
premeditado martírio;
como quem tem aos seus pés
o decifrado destino.
Não a soltava;
dela se livrava;
a bola escrava:
por instinto, libertada;
por instinto, dominada.

Tinha no chute uma raiva
e certa relva de carinho:
a inspiração refletida,
a exatidão desmedida.
Em sendo sua inimiga,
era a mais fecunda amiga.
O domínio do mais incerto,
a reflexão de um disparo.

Bola mulher de malandro,
mas primeira namorada:
rio em reta, sem meandro.

Do passe nascia a régua,
e a reta fazia a curva.
É quando a bola e a égua
se assemelham: na mesma explosão,
a força do feminino,
trajetória de engano,
certeza de cantochão.

Beleza, surpresa que engana
quando mais longe da grama.



E a bola, fera de esfera,
inventa a geometria:
sem passe, a mágica viva,
o logro, a crença, a alquimia
e a morta em súbita vida.
Vem o gol, feito de raiva na relva
ou no mais claro espaço,
o ventre pleno, o campo em corte,
desencarnado.

No vento verde,
papel sem rasura;
no mundo gramado do som,
em pé sinistro, a assinatura:
Gêrson.





ANATOMIA DO GOL

Haroldo de Campos

jogar um
jogo
é como
jogar o jogo
da pintura ou
do poema

jogar o jogo
do poema
(ou da pintura)
é como
jogar qualquer
jogo

as mão jogam
cartas ou
basquete
na
mesa ou na
quadra
os pés jogam
bola
no
campo ou na
praia

mas quem joga
mesmo é o
cérebro
suas bossas e
cerebelo
seus lobos:
um jogo de luz
sem peso
que faz passar por
um triz



Mandú Bandeira

por um cabelo
ou acertar
em cheio:
mão de baralho
plena
ou pé no tiro
certeiro

antonio
lizârraga joga
um jogo de
cartas marcadas
um jogo onde tudo joga
e tudo se faz jogada

um futebol de papel
com peças de diamante
triângulos
setas
arestas
acuando o círculo
migrante

retranca aberta
dâbliu-eme
pelo meio
ferrolho suíço
casados contra solteiros
ponto recuado
overlapping
pelas pontas
triangulagem



BALADA DAS TRÊS MULHERES DO
SABONETE ARAXÃ

Manuel Bandeira

AS TRÊS MULHERES do sabonete Araxã me invocam, me bouleversam,
[me hipnotizam.
Oh, a três mulheres do sabonete Araxã às 4 horas da tarde!
O meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxã!

Que outros, não eu, a pedra cortem
Para brutais vos adorarem,
O brancaranas azêdas,
Mulatas côr da lua vem saindo côr de prata
Ou celestes africanas:
Que eu vivo, padeco e morro sô pelas três mulheres do sabonete Araxã!

São amigas, são irmãs, são amantes as três mulheres do sabonete Araxã?
São prostitutas, são declamadoras, são acrobatas?
São as três Marias?

Meu Deus, serão as três Marias?

A mais nua é doirada borboleta.
Se a segunda casasse, eu ficava safo da vida, dava pra beber e nunca mais
[telefonava.
Mas se a terceira morresse... Oh, então, nunca mais a minha vida outrora
[teria sido um festim!

Se me perguntassem: Queres ser estrêla? queres ser rei? queres uma ilha no
[Pacífico? um bangalô em Copacabana?
Eu responderia: Não quero nada disso, tetrarca. Eu sô quero as três
[mulheres do sabonete Araxã:
O meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxã!

Teresópolis, 1931



COMO ARMAR UM PRESÉPIO

José Paulo Paes

pegar uma paisagem qualquer

cortar todas as árvores e transformá-las em papel de imprensa

enviar para o matadouro mais próximo todos os animais

retirar da terra o petróleo ferro urânio que possa eventualmente conter e fabricar carros tanques aviões mísseis nucleares cujos morticínios hão de ser noticiados com destaque

despejar os detritos industriais nos rios e lagos

exterminar com herbicida ou napalm os últimos traços de vegetação

evacuar a população sobrevivente para as fábricas e cortiços da cidade

depois de reduzir assim a paisagem à medida do homem erguer um estábulo com restos de madeira cobri-lo de chapas enferrujadas e esperar

esperar que algum boi doente algum burro fugido algum carneiro sem dono venha nele esconder-se

esperar que venha ajoelhar-se diante dele algum velho pastor que ainda acredite no milagre

esperar esperar

quem sabe um dia não nasce ali uma criança e a vida recomeça?



DIAGRAMAÇÕES POÉTICAS

POEMAS / PERCEPÇÕES SONORAS



Renato Gonalves

**DIAGRAMAÇÕES POÉTICAS
DOS REFERENTES**



Renato Gonda

Acordo

com o cucuritar dos galos

Grilos cricrilam cantos de colibri

Corujas se calam

Cigarras badalam cicios e chiados

Algazaras de periquitos

bravejam gritos matutinos

Sapos sopitam coaxos

Arapongas alongam sinos

Ouçó-te os sonidos assonado

Espreguiço

escutando embevecido

os sussurros ressonados de ti



BERIMBAU

Manuel Bandeira

São Paulo, 27.10.87

OS AGUAPÊS dos aguaçais
Nos igapôs dos Japurãs
Bolem, bolem, bolem.
Chama o saci: — Si si si si!
— Ui ui ui ui ui! uiva a iara
Nos aguaçais dos igapôs
Dos Japurãs e dos Purus.

A mameluca é uma maluca.
Saiu sôzinha da maloca —
O bôto bate — bite bite...
Quem ofendeu a mameluca?
— Foi o bôto!
O Cussaruim bota quebrantos.
Nos aguaçais os aguapês
— Cruz, canhoto! —
Bolem... Peraus dos Japurãs
De assombramentos e de espantos!...



A UM MÚSICO ANÔNIMO

Vicente Cechelero

São Paulo, 27.10.87

No caos particular do infinito
ar
dormem...
silêncios que poderiam ter sido canções.



A CRISE

Affonso Romano de Sant'Anna

(O índio
o negro
o branco

baticum
baticum
bati
Cumbica

os pardos
os párias
os pobres

baticum
baticum
baticum
pão)



O BAILE NA FLOR

Castro Alves

Romantismo

Que belas as margens do rio possante,
Que ao largo espumante campeia sem par!...
Ali das bromélias nas flores douradas
Hã silfos e fadas, que fazem seu lar...

E em lindos cardumes
Sutis vagalumes
Acendem os lumes
P'ra p baile na flor.

E então nas arcadas
Das pēt'las douradas
Os grilos em festa
Começam na orquestra
Febris a tocar...

E as breves
Falenas
Vão leves,
Serenas,
Em bando
Girando,
Valsando,
Voando
No ar!...



A MENINA E A CANTIGA

Mário de Andrade

... trarilarára... traríla...

A meninota esganiçada magriça com a sãia voejando por cima dos joelhos em nô vinha meia dansando cantando no crepusculo escuro. Batia compasso com a varinha na poeira da calçada.

... trarilarára... traríla...

De repente voltou-se prá negra velha que vinha trôpega atrás, enorme trouxa de roupas na cabeça:

— Qué mi dá, vó?

— Naão.

... trarilarára... traríla...

Obra: Losango Cáqui



A VOZ DO COQUEIRAL

João Cabral de Melo Neto

O coqueiral tem seu idioma:
não o de lâmina, é voz redonda:

é em curvas sua reza longa,
decerto aprendida das ondas,

cujo sotaque é o da sua fala,
côncava, curva, abaulada:

dicção do mar com que convive
na vida alísea do Recife.

A VOZ DO CANAVIAL

João Cabral de Melo Neto

Voz sem saliva da cigarra,
do papel seco que se amassa,

de quando se dobra o jornal:
assim canta o canavial,

ao vento que por suas folhas,
de navalha a navalha, soa,

vento que o dia e a noite toda
o folheia, e nele se esfola.



EL CANTE HONDO

João Cabral de Melo Neto

23.09.1914

*This is the way the world ends
Not with a bang but a whimper*

T.S.Eliot

O cante hondo às mais das vezes
desconhece essa distinção:
o seu lamento mais gemido
acaba em explosão.

Tão retesada é sua tensão.
tão carne viva seu estoque,
que ao desembainhar-se em canto
rompe a bainha e explode.



CANÇÃO

Fernando Pessoa

25.09.1914

Sulfos ou gnomos tocam?...

Roçam nos pinheirais

Sombras e baços leves

De ritmos musicais.

Ondulam como em voltas

De estradas não sei onde

Ou como alguém que entre árvores

Ora se mostra ou esconde.

Forma longínqua e incerta

Do que eu nunca terei...

Mal oiço, e quase choro.

Por que choro não sei.

Tão tênue melodia

Que mal sei se ela existe

Ou se é só o crepúsculo

Os pinhais e eu estar triste.

Mas cessa, como uma brisa

Esquece a forma aos seus ais;

E agora não há mais música

Do que a dos pinheirais.



A MÚSICA BARATA

Carlos Drummond de Andrade

Paloma, Violetera, Feuilles Mortes,
Saudades do Matão e de mais quem?
A música barata me visita
e me conduz
para um pobre nirvana à minha imagem.

Valsas e canções engavetadas
num armário que vibra de guardá-las,
no velho armário, cedro, pinho ou...?
(O marceneiro ao fazê-lo bem sabia
quanto essa madeira sofreria.)

Não quero Handel para meu amigo
nem ouço a matinada dos arcanjos.
Basta-me
o que veio da rua, sem mensagem,
e, como nos perdemos,
se perdeu.



QUERO SER TAMBOR

José Craveirinho

Poeta africano

Moçambique

Tambor está velho de gritar
ô velho Deus dos homens
deixa-me ser tambor
só tambor gritando na noite quente dos trópicos.

E nem flor nascida no mato do desespero.
Nem rio correndo para o mar do desespero.
Nem zagaia temperada no lume vivo do desespero.
Nem mesmo poesia forjada na dor rubra do desespero.

Nem nada!

Só tambor velho de gritar na lua cheia da minha terra
Só tambor de pele curtida ao sol da minha terra.
Só tambor cavado nos troncos duros da minha terra!

Eu!
Só tambor rebentando o silêncio amargo da Malafala.
Só tambor velho de sangrar no batuque do meu povo.
Só tambor perdido na escuridão da noite perdida.

Ô velho Deus dos homens
eu quero ser tambor
E nem rio
e nem flor
e nem zagaia por enquanto
e nem mesmo poesia.

Só tambor ecoando a canção da força e da vida
só tambor noite e dia
dia e noite só tambor
até à consumação da grande festa do batuque!

Oh, velho Deus dos homens
deixa-me ser tambor
só tambor!



POUR ELISE

Paulo Henrique Britto

Música banal dos sentimentos,
caramelo barato que limpo de meus dedos
com lenço orgulhoso quando enjoa,
eu te perdoo.

Música sentimental e atroz
das emoções gulosas e pueris
que não resistem ao assoar de um nariz,
eu te aplaudo, e peço bis.

Música vulgar e implacável do desejo,
ah como eu te desejo.



Arnaldo Antunes

Silêncio entre homens que estão conversando.

Silêncio enquanto eles estão falando.

Silêncio entre um som e outro
som.

Silêncio entre som e

um outro

somem.

Silêncio entre;

não silêncio em.

Silêncio vento;

não silêncio vem.

Silêncio ventre;

não silêncio sêmen — Silêncio sem.

Silêncio entre silêncios

entrem.



FAZER O SÊCO, FAZER O ÚMIDO

João Cabral de Melo Neto

A gente de uma capital entre mangues,
gente de pavio e de alma encharcada,
se acolhe sob uma música tão resseca
que vai ao timbre de punhal, navalha.
Talvez o metal sem hūmus dessa música,
ácido elêtrico, pedernal de isqueiro,
lhe dê uma chispa capaz de tocar fogo
na molhada alma pavio, molhada mesmo.

*



"A PALO SECO"

E. Santos Torquella

E. Santos Torquella

João Cabral de Melo Neto

A gente de uma Caatinga entre secas,
entre datas de seca e seca entre datas,
se acolhe sob uma música tão líquida
que bem poderia executar-se com água.
Talvez as gotas úmidas dessa música
que a gente dali faz chover de violas,
umedecem, e senão com a água da água,
com a convivência da água, langorosa.



"A PALO SECO"

a R. Santos Torroella

a R. Santos Torroella

João Cabral de Melo Neto

- 1.1 *Se diz a palo seco*
o cante sem guitarra;
o cante sem; o cante;
o cante sem mais nada;
- se diz a palo seco
a esse cante despido;
ao cante que se canta
sob o silêncio a pino.
- 1.2 *O cante a palo seco*
é o cante mais sô:
é cantar num deserto
devassado de sol;
- é o mesmo que cantar
num deserto sem sombra
em que a voz só dispõe
do que ela mesma ponha.
- 1.3 *O cante a palo seco*
é um cante desarmado:
só a lâmina da voz
sem a arma do braço;
- que o cante a palo seco
sem têmpero ou ajuda
tem de abrir o silêncio
com sua chama nua.
- 1.4 *O cante a palo seco*
não é um cante a esmo:
exige ser cantado
com todo o ser aberto;
- é um cante que exige
o ser-se ao meio-dia,
que é quando a sombra foge
e não medra a magia.

- 2.1 O silêncio é um metal
de epiderme gelada
sempre incapaz das ondas
imediatas da água;
- a pele do silêncio
pouca coisa arrepia:
o cante a palo seco
de diamante precisa.
- 2.2 Ou o silêncio é pesado,
é um líquido denso,
que jamais colabora
nem ajuda com ecos;
- mais bem, esmaga o *cante*
e afoga-o, se indefeso:
a palo seco é um
submarino ao silêncio.
- 2.3 Ou o silêncio é levíssimo,
é líquido sutil
que se coa nas frestas
que no *cante* sentiu;
- O silêncio paciente
vagaroso se infiltra
apodrecendo o *cante*
de dentro, pela espinha.
- 2.4 Ou o silêncio é uma tela
que difícil se rasga
e que quando se rasga
não demora rasgada;
- quando a voz cessa, a tela
se apressa em se emendar:
tela que fosse de água,
ou como tela de ar.

3.1 *A palo seco é o cante*
de todos mais lacônico,
mesmo quando pareça
estirar-se um quilômetro:

enfrentar o silêncio
assim despido e pouco
tem de forçosamente
deixar mais curto o fôlego.

3.2 *A palo seco é o cante*
de grito mais extremo:
tem de subir mais alto
que onde sobe o silêncio;

é cantar contra a queda,
é um cante para cima,
em que se há de subir
cortando, e contra a fibra.

3.3 *A palo seco é o cante*
de caminhar mais lento:
por ser a contra-pêlo,
por ser a contra-vento;

é cante que caminha
com passo paciente:
o vento do silêncio
tem a fibra de dente.

3.4 *A palo seco é o cante*
que mostra mais soberta;
e que não se oferece:
que se toma ou se deixa;

cante que não se enfeita,
que tanto se lhe dá;
é cante que não canta,
cante que aí está.



- 4.1 A *palo seco* canta
o pássaro sem bosque,
por exemplo: pousado
sobre um fio de cobre;
- a *palo seco* canta
ainda melhor êsse fio
quando sem qualquer pássaro
dã o seu assovio.
- 4.2 A *palo seco* cantam
a bigorna e o martelo,
o ferro sobre a pedra,
o ferro contra o ferro;
- a *palo seco* canta
aquele outro ferreiro:
o pássaro araponga
que inventa o próprio ferro.
- 4.3 A *palo seco* existem
situações e objetos:
Graciliano Ramos,
desenho de arquiteto,
- as paredes caiadas,
a elegância dos pregos,
a cidade de Córdoba,
o arame dos insetos.
- 4.4 Eis uns poucos exemplos
de ser a *palo seco*,
dos quais se retirar
higiene ou conselho:
- não o de aceitar o sêco
por resignadamente,
mas de empregar o seco
porque é mais contundente.



MÚSICA

a Pedro Nava

Carlos Drummond de Andrade

Uma coisa triste no fundo da sala.
Me disseram que era Chopin.
A mulher de braços redondos que nem coxas
martelava na dentadura dura
sob o lustre complacente.
Eu considerei as contas que era preciso pagar,
os passos que era preciso dar,
as dificuldades...
Enquadrei Chopin na minha tristeza
e na dentadura amarela e preta
meus cuidados voaram como borboletas.



A VALSA

a M.***

Casimiro de Abreu

Tu, ontem,
 Na dança
 Que cansa,
 Voavas
 Co'as faces
 Em rosas
 Formosas
 De vivo,
 Lascivo
 Carmim;
 Na valsa
 Tão falsa,
 Corrias,
 Fugias,
 Ardente,
 Contente,
 Tranqüila,
 Serena,
 Sem pena
 De mim!

Quem dera
 Que sintas
 As dores
 De amôres
 Que louco
 Senti!
 Quem dera
 Que sintas!...
 — Não negues,
 Não mintas...
 — Eu vi!...

Valsavas:
— Teus belos
Cabelos,
Jã soltos,
Revoltos,
Saltavam,
Voavam,
Brincavam
No colo
Que é meu;
E os olhos
Escuros
Tão puros,
Os olhos
Perjuros
Volvias,
Tremias,
Sorrias
P'ra outro
Não eu!

Quem dera
Que sintas
As dores
De amôres
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
— Não negues,
Não mintas...
— Eu vi!...

Meu Deus
Eras bela
Donzela,
Valsando,
Sorrindo,
Fugindo,
Qual silfo
Risonho
Que em sonho
Nos vem! (^{1 2 2 0})
Mas êsse
Sorriso
Tão liso
Que tinhas
Nos lábios
De rosa,
Formosa,
Tu davas,
Mandavas,
A quem?!



Quem dera
Que sintas
As dores
De amôres
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
— Não negues,
Não mintas...
— Eu vi!...

Calado,
Sôzinho,
Mesquinho,
Em zelos
Ardendo,
Eu vi-te
Correndo
Tão falsa
Na valsa
Veloz!
Eu triste
Vi tudo!
Mas mudo
Não tive
Nas galas
Das salas,
Nem falas,
Nem cantos,
Nem prantos, (1²21)
Nem voz!

Quem dera
Que sintas
As dores
De amôres
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
— Não negues,
Não mintas...
— Eu vi!...



Na valsa de Sampa
Poesias africanas
Mogambique

Na valsa,
Cansaste;
Ficaste
Prostrada,
Turbada!
Pensavas,
Cismavas,
E estavas
Tão pálida
Então;
Qual pálida
Rosa
Mimosa,
No vale
Do vento
Cruento
Batida,
Caída
Sem vida
No chão!

NOSSA VOZ

ao J. Craveirinha

Noémia de Souza
Poetisa africana
Moçambique

Nossa voz ergueu-se consciente e bárbara
sobre o branco egoísmo dos homens
sobre a indiferença assassina de todos.
Nossa voz molhada das cacimbadas do sertão
nossa voz ardente como o sol das malangas
nossa voz atabaque chamando
nossa voz lança de Maguinguana
nossa voz, irmão
nossa voz trespassou a atmosfera conformista da cidade
e revolucionou-a
arrastou-a como um ciclone de conhecimento.
A acordou remorsos de olhos amarelos de hiena
e fez escorrer suores frios de condenados
a acendeu luzes de esperança em almas sombrias de
[desesperados...

Nossa voz, irmão!
nossa voz atabaque chamando.
Nossa voz lua cheia em noite escura de desesperança
nossa voz farol em mar de tempestade
nossa voz limando grades, grades seculares
nossa voz irmão! nossa voz milhares
nossa voz milhões de vozes chamando!



Nossa voz gemendo, sacudindo sacas imundas,
nossa voz gorda de miséria,
nossa voz arrastando grilhões
nossa voz nostálgica de impis
nossa voz África
nossa voz cansada da masturbação dos batuques de guerra
nossa voz negra gritando, gritando, gritando!
Nossa voz que descobriu até ao fundo,
lá onde coxam as rãs,
a amargura imensa, inexprimível, enorme como o mundo,
de simples palavras ESCRAVIDÃO.

Nossa voz gritando sem cessar,
nossa voz apontando caminhos
nossa voz shipalapala
nossa voz atabaque chamando
nossa voz, irmão!
nossa voz milhões de vozes clamando, clamando,
[clamando!]



OUVIVENDO STOCKHAUSEN

Sebastião Uchoa Leite

1988

Quando Harlequim entra
Para o solo de clarinete
Iniciado com ecos do fauno
O olhouvido se petrifica
Suzanne Stephens
Colante multicolor
Contorce-se em curvas
A música também se contorce
A sombra se reflete no fundo
Uma sombra nua
O solo se reflete no espaço
Música espelho
O clarinete é um símbolo
Arlequim
É o mensageiro do diabo
Ela dialoga com o símbolo
Dançando com o clarinete
Até o sopro final
Até o último suspiro



HARPA ESQUISITA

Jackson de Figueiredo

Dõi-te a festa feliz da verdade da vida...
 Tanges da harpa, em teu sonho, almas ou cordas, cantas,
 Bõiam-te as notas no ar, a asa no Azul diluída
 E, assombrados, reptis — homens, não! tu levantas,

E apupilam-se a fronte as mil pedras agudas
 De ódios e ódios a olhar-te... E és um rei que as avista.
 No halo, de Amor, que tens! se em colar as transmudas,
 Vais — um dervixe persa, o manto azul — Artista!

Inda olhar, adormido abre, e é de ocre, e avermelha!...
 Vem colar-te ao colar... e, oh! tua harpa esquisita
 Plange... flora a zumbir, minúscula, que imita
 A abelheira da dor, em centelha e centelha.

E é a sombra... E o instrumento, a gemer, iluminado,
 Como que à Noite estrela um núbio corvo... E lindo
 (Inda que as asas tens não no terás ao lado)
 Por que os pétalos d'ouro, a haste de prata, abrindo,

Um lírio de ouro se alça? Os passos voam-te, pelas
 Ribas... Oh! que ilusões da flor, que tantaliza!
 Sobe a flor? Sobes tu e a alma nas pedras pisa?...
 Pairas... Em frente, o mar, polvos de luz — estrêlas...

Pairas... e o busto a arfar — longe, vela sem norte.
 Negro o céu desestrela, o seio arqueando: escuta.
 No amoroso oboê solfeja um vento forte
 E, alta, em surdo ressôo, a onda betúnea e bruta,



A ânsia do mar, lá vem, esfrola-se na areia...
 Seu líquido cachimbo é mágoa acesa, e fuma!
 E chamas a onda: "irmã". E em fósforo incendeia
 Na praia a onda do mar, ri com dentes de espuma.

De ametista, em teu sonho, uma antiga cratera
 Mal te embebe — alegria! — alvos dedos de frio,
 Eis se te emperla o rosto e a prantear vês, sombrio
 A onda crescer, rajar-se em brutal bête-fera!

Olhas... E, soluçoso, à música das mágoas
 Amedulas o Mar e amedulas a Terra!
 A sombra aclara... E é ver a dança verde de águas
 E arvoredos dançando ao coruto da serra!

Gemes... Dedando o Azul as magras mãos dos astros
 Somem, luzindo... Ao longe, esqueleta uma ruína
 Em teu sonho a enervar argentina, argentina...
 De ilusões, no horizonte, ossos brancos... são mastros!

Quente estrias a alma, à friagem, nas cousas...
 Que bom morrer! manhã, luz, remada sonora...
 Pousas um dedo nêveo às nêveas cordas, pousas
 E és naufrago de ti, a harpa caída, agora.

Ah! os homens percorre um frêmito. Num choro...
 Move oceânica a espécie, amorosa, amorosa!
 Mais que um dervixe, és deus, que morre, a irradiosa
 Glorificação de ouro e o sol de ouro... à paz de ouro.

Walter Franco

ARTES MÚSICAIS

Walter Franco

o
ab
surdo
não
h
ouve



DEBUSSY LAURANA A DEBUSSY

Manuel Bandeira

Para cã, para lã...
Para cã, para lã...
Um novêlozinho de linha...
Para cã, para lã...
Para cã, para lã...
Oscila no ar pela mão de uma criança
(Vem e vai...)
Que delicadamente e quase a adormecer o balança
— Psíu... —
Para cã, para lã...
Para cã e...
— O novêlozinho caiu.



MURILOGRAMA A DEBUSSY

1

Tangencia Stéphane Mallarmé.

•

Considera a estrutura do silêncio.

•

Abole o eixo da tonalidade.

•

Balança verticla pesa a medida.

•

Clepsidra a fúria do ventomemwagner.

2

Com um sol frio agarrado no ombro

Pronuncia a palavra: acordes livres.

Reserva ritmo e sangue para um outro

Que nunca o viu nem vê; mal o ouvirá.

•

O espaço da pauta se concede margens

Entre puras IMAGENS assimétricas.

Não falarei cristal, já deformado:

Mas falo a fortespuma da escritura.

3

A música que — consciente — planejou

Era-lhe imposta qual estrêla ou nuvem.



MURILOGRAMA A JOÃO SEBASTIÃO BACH

Roma, 1965

João Sebastião

mete o som na mão

João Sebastião

mete o sol na mão

João Sebastião

martelando o órgão

João Sebastião

espaventa o górgão

João Sebastião

temperando o cravo

João Sebastião

tolhe-nos o travo

João Sebastião

tua vontade louvo

João Sebastião

movimento nôvo

João Sebastião

pule apura poda

João Sebastião

roda roda roda

João Sebastião

ouvido da Paixão

João Sebastião

esfera em rotação.

MURILOGRAMA A WEBERN

Je est un Autre
Rimbaud
Roma, 1964

O quadrado inserido no redondo / Alude a um micro-
cosmo portátil. / Tempo matemático que se autodefi-
ne / Por fragmentos paralelos de minuto: / Contidos
em prismas alinhando-se na partitura. / Decanta-se
Guillaume Dufay. / O som da praxis. / A praxis do
som.

Fuzilando-te / Anton Webern / Por engano / Fuzila-
ram quem ? / Ofereceram-se uma falsa vista / E uma
audição fantasma do mundo. / Tal ocisão contrai-se
/ Num simulacro de morte. / Mas tu / Intacto Anton
Webern / És concreto. / Teu espaço desaprendre o voo.
/ Disseste o funda-mental.

Não podes contactar no paralém / O pulso da cidade
arrítmica. / Nem podes captar / As atuais sirenes de
alarme / Antecipando o deflagrar do século futuro.
/ Não somos fuzilados por engano. / Je Est un Autre.



TRÊS LETRAS PARA MELODIAS DE
VILLA-LOBOS

Manuel Bandeira

I / MARCHINHA DAS TRÊS MARIAS

QUANDO JÁ a luz do dia
Atrás das serras arde;
Quando desmaia a tarde
À lenta voz dos sinos:
Nos céus da minha terra,
Tão ricos de esperança,
Brilham na noite mansa
Três luzes, três destinos.

Tremem gentis, tremeluzem com fulgor,
Astros do meu anseio e meu amor,
A levantar meus olhos para Deus.

Três sôis, os três destinos
Da terra em que nascemos,
Pátria que estremecemos
No solo e em sua história:
Maria que és da Graça
(Da Graça e dos Amôres),
Maria que és das Dores,
Maria que és da Glória.

Tremem gentis, tremeluzem com fulgor.
Astros do meu anseio e meu amor.
A levantar meus olhos para Deus.



II / QUADRILHA

Roda, ciranda,
Por aí fora,
Chegou a hora
De cirandar!
Na tarde clara
Vindes ligeiras,
Ó companheiras,
Rir e dançar!

Môças que dançam
Nas horas breves
Dos sonhos leves,
Na doce idade
Das ilusões,
Guardem lembrança,
Boa lembrança
Da mocidade
Nos corações.

Roda, ciranda,
Como essas belas,
Gratas estrêlas
Dos nossos céus!
Vamos, em rondas
Precipitadas,
Como levadas
Na asa dos vêus!



Môças que dançam
Nas horas leves
Dos sonhos breves,
Na doce idade
Das ilusões,
Guardam lembrança
Boa lembrança,
Da mocidade
Nos corações.

III / QUINTA BACHIANA

Irerê, meu passarinho
Do sertão do Cariri,
Irerê, meu companheiro,
Cadê viola?
Cadê meu bem?
Cadê Maria?
Ai triste sorte a do violeiro cantadô!
Sem a viola em que cantava o seu amô,
Seu assobio é tua flauta de irerê:
Que tua flauta do sertão quando assobia,
A gente sofre sem querê!

Teu canto chega lá do fundo do sertão
Como uma brisa amolecendo o coração.

Irerê, solta teu canto!
Canta mais! Canta mais!
Pra lembrã o Cariri!



Canta, cambaxirra!
Canta juriti!
Canta, irerê!
Canta, canta, sofrê!
Patativa! Bem-te-vi!
Maria-acorda-que-ê-dia!
Cantem todos vocês,
Passarinhos do sertão!

Bem-te-vi!
Eh sabiã!
Lã! liã! liã! liã! liã! liã!
Eh sabiã da mata cantadô!
Liã! liã! liã! liã!
Lã! liã! liã! liã! liã! liã!
Eh sabiã da mata sofrêdô!

O vosso canto vem do fundo do sertão
Como uma brisa amolecendo o coração.



ANÁLISE DOS TIMBRES DO RUÍDO

Joaquim Cardoso

Nos ruídos há todos os timbres acústicos
Há todas as cores do som:

Falsete

Cochicho

Clics

O beijo

Bafejo

o muxôxo

Grito

o fanhoso

Berro

o gaguejo

Sussurro

o pigarro

Zumbido

o soluço

o trinado

Nasalidades

Voz em choro

Voz em cólera

Voz em riso

Voz em Graça

No meio desses rumores
Entre os seios das suas curvas espectrais
Entre os graves e agudos dos instrumentos musicais
Descubro ranger de serras
Rugidos de mar
Golpes de martelos
Estalos de chicotes
Furar de puas
Choques de corpos duros
Baques de matéria bruta
Silvos. Cícios

POEMA PARA UMA VOZ E QUATRO MICROFONES

Joaquim Cardoso

Era no estado de um lugar onde ao som de uma voz os ouvidos falaram.

A voz	Sol! < A pedra fala	> A noite canta
1. ^o Microfone	Saturno! < Não ouço bem quem fala	> A noite é um passarinho
A voz	Sol! < O vento é sólido	> A nuvem é de mármore
2. ^o Micro	Antares! < Quem sopra assim tão forte?	> Os homens esmagados pela nuvem
1. ^o Micro	Saturno! < Duras rajadas das folhas do vento	> A estátua de nuvem É o retrato de alguém
2. ^o Micro	Antares! < Flautas de sopros Flautas de nuvens Cantando na pedra Dos rios maiores Firmados no céu. Sopros saxifragos Em seixos rolados Esteiras de neve, De gelo — granizos.	
A voz	Sol! < Sacerdotes da morte	> Criadores das armas
2. ^o Micro	Sírius! < Para a vida: beber o sangue de outras vidas	> Pela morte viver! Já era assim nas cavernas
4. ^o Micro	Eridane! < O homem sempre viverá De sangue porque é sangue	

	E nunca renunciará aos Seus instintos antropofágicos Matar é começo de comer Comer: início, objectivo trágico — Comércio entre sangue e sangue	
A voz	Sol! < Civilização? Memória?	> Conservação? Cul- tura?
4.º Micro	Eridane! < Aperfeiçoado é o meio de conservar	> A verdade é feita de erros
3.º Micro	Sírius! < Mais aperfeiçoado ainda o de destruir	> Conservar é destruir
2.º Micro	Antares! < De tudo fica um saldo de esquecimento	> Verdadeiro é o indecifrável
1.º Micro	Saturno! < A vida é do erro A verdade começa Do homem no enterro	
A voz	Sol! < A vida para morrer O verbo para esquecer	> Martirizados morrem os profetas Nas guerras mor- rem os poetas
A voz	Sol! < Foi em Marcellave 1913 Sobre um canteiro florido Deitaram o corpo de Otto Braun	> Ninguém mais se lembra dele Apesar da granada que o feriu Seu rosto sereno Ficou de frente à terra que o cobriu
1.º Micro	Saturno! < No tempo dos profetas Eram eles que prediziam O que hoje predizem os poetas	

1.º Micro	Sírius! < Em terras de França — 1917 Caiu em Arras Edward Thomas	> Aquele que pediu às palavras inglesas que o escolhessem como o seu intér- prete
2.º Micro	Antares! < De um navio de guerra que seguia para os Dardanelos, Abril - 1915 Na ilha de Styro desembarcou e morreu — Rupert Brooke	> If I should die think only this of me: That there's some corner of a foreign field that is forever England.
A voz	Sol! < Novas predições, novos poetas Será que entre nós Há dores predilectas?	
1.º Micro	Eridane! < Filha de um povo perseguido Fugiu para se salvar da câmara de gases. E morreu mendiga em Jerusalém: Else Lasker Schuler — 1945	> Immer bette ich vor deiner Seele: Weisst du das?
3.º Micro	Sírius! < No fim dessa Guerra Um homem, um poeta Partiu na dimensão do Leste E desapareceu, sem morrer: Herwarth Walden.	> Pois, não era este o seu nome E não foi nunca encontrado O seu corpo: Passou da posição de um mundo A outra posição de um mundo adjacente

DE REPENTE TUDO ESCURECEU E A VOZ SE ESCONDEU POR
TRÁS DE UM TELEFONE

• ND★

QU★R

QU★

V•C★

★ST★JA

★M

MART★

•U

★LD•RAD•

ABRA

A

JAN★LA

★

V★JA

•

PULSAR

QUAS★

MUD•

ABRAÇ•

D★

AN•S

LUZ

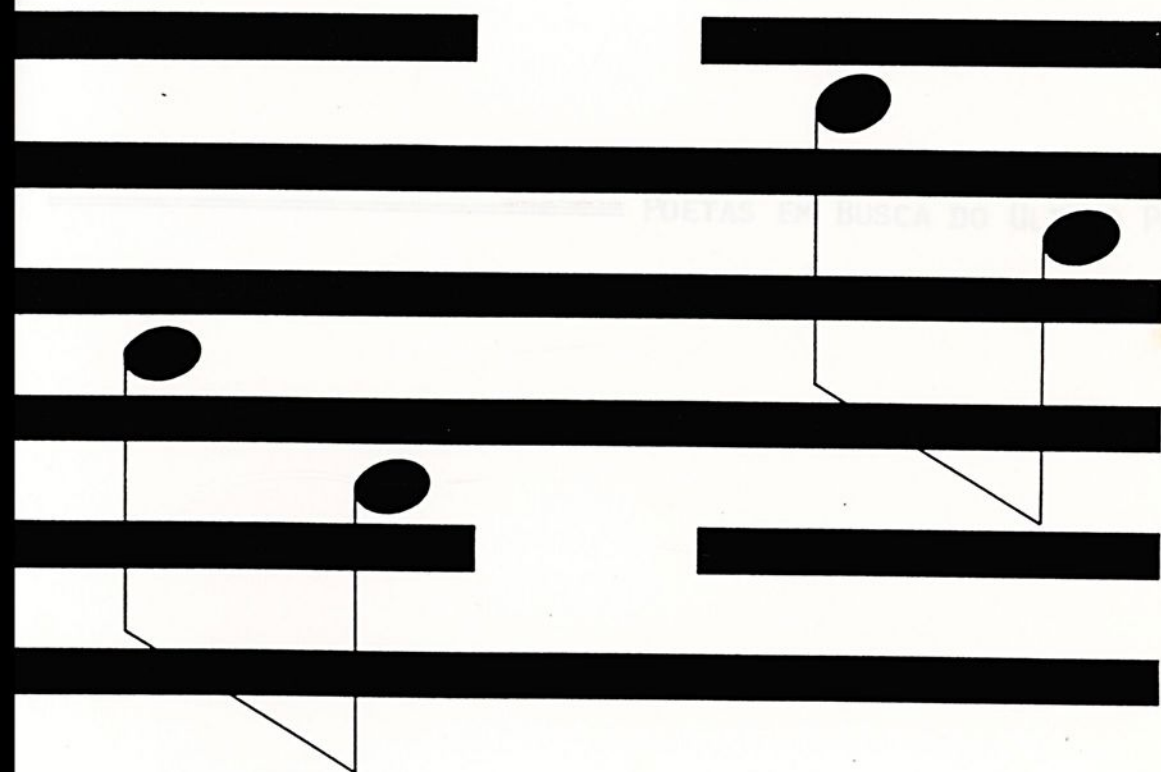
QU★

N★NHUM

SOL

AQU★C★

Augusto de Campos



Augusto de Campos

SONETO DA NOVA FINEZA

Vinícius de Moraes

SOMÉ ASENTA, anjo: no lar do dia
fazendo a harmonia e a graça
destacando os valores da natureza
e sendo a luz de um mundo novo.

Eu me dedico a este trabalho
e sou o aluno também, com disciplina
e paciência, como de sempre
fui a parte de quem aprende.

POETAS EM BUSCA DO ÚLTIMO POEMA

As palavras se encontram no silêncio
e se vão, se vão, se vão — e se vão
e se vão, se vão, se vão — e se vão.

E assim se vão, se vão, se vão
e se vão, se vão, se vão — e se vão
e se vão, se vão, se vão — e se vão.

Montevideo,
julho, 1960

SONETO DA HORA FINAL

Vinicius de Moraes

SERÁ ASSIM, amiga: um certo dia
Estando nós a contemplar o poente
Sentiremos no rosto, de repente
O beijo leve de uma aragem fria.

Tu me olharás silenciosamente
E eu te olharei também, com nostalgia
E partiremos, tontos de poesia
Para a porta de treva aberta em frente.

Ao transpor as fronteiras do Segrêdo
Eu, calmo, te direi: — Não tenhas medo
E tu, tranquila, me dirás: — Sê forte.

E como dois antigos namorados
Noturnamente tristes e enlaçados
Nós entraremos nos jardins da morte.

Montevidéu,
julho, 1960



O FIM DO MUNDO

João Cabral de Melo Neto

No fim de um mundo melancólico
os homens lêem jornais
Homens indiferentes a comer laranjas
que ardem como o sol.

Me deram uma maçã para lembrar
a morte. Sei que cidades telegrafam
pedindo querosene. O vêu que olhei voar
caiu no deserto.

O poema final ninguém escreverá
desse mundo particular de doze horas.
Em vez de juízo final a mim me preocupa
o sonho final.



A ÚLTIMA PARÁBOLA

Vinicius de Moraes

NO CÊU UM DIA eu vi — quando? — era na tarde roxa
 As nuvens brancas e ligeiras do levante contarem a história estranha e
 [desconhecida
 De um cordeiro de luz que pastava no poente distante num grande espaço
 [aberto.
 A visão clara e imóvel fascinava os meus olhos...
 Mas eis que um lobo feroz sobe de trás de uma montanha longínqua
 E avança sobre o animal sagrado que apavorado se adelgaça em mulher nua
 E escraviza o lobo que já agora é um enforcado que balança lentamente ao
 [vento.
 A mulher nua baila para um chefe árabe mas este corta-lhe a cabeça com uma
 [espada
 E atira-a sobre o colo de Jesus entre os pequeninos.
 Eu vejo o olhar de piedade sobre a triste oferenda
 [mas nesse momento saem da cabeça chifres que lhe ferem o rosto
 E eis que é a cabeça de Satã cujo corpo são os pequeninos
 E que ergue um braço apontando a Jesus uma luta de cavalos enfurecidos
 Eu sigo o drama e vejo saírem de todos os lados mulheres e homens
 Que eram como faunos e sereias e outros que eram como centauros
 Se misturarem numa impossível confusão de braços e de pernas
 E se unirem depois num grande gigante descomposto e ébrio de garras
 [abertas.
 O outro braço de Satã se ergue e sustém a queda de uma criança
 Que se despenhou do seio da mãe e que se fragmenta na sua mão alçada
 Eu olho apavorado a luxúria de todo o céu cheio de corpos enlaçados
 E que vai desaparecer na noite mais próxima
 Mas eis que Jesus abre os braços e se agigante numa cruz que se abaixa
 [lentamente
 E que absorve todos os seres imobilizados no frio da noite.
 Eu chorei e caminhei para a grande cruz pousada no céu
 Mas a escuridão veio e — ai de mim! — a primeira estrela fecundou os meus
 [olhos de poesia terrena!...



O ÚLTIMO POEMA

Manuel Bandeira

Assim eu quereria o meu último poema

Que fôsse terno dizendo as coisas mais simples e
[menos intencionais

Que fôsse ardente como um soluço sem lágrimas

Que tivesse a beleza das flôres quase sem perfume

A pureza da chama em que se consomem os diamantes

[mais límpidos

A paixão dos suicidas que se matam sem explicação.



CANTO PRIMEIRO E ÚLTIMO

Augusto de Campos

"On meurt, à moins."
(Lautréamont)

Movidos vinte passos desta Pedra,
A dois cantares da orla da loucura
E a menos trevas da segunda treva
Eis-me no cerne da cidade escura.

Vinte passos contados deste muro
(Quando o outro muro não direi a Loba,
A alta fronte do Leão, a Pantera
Maculada em seu pêlo, mas o Homem
Maculado em seu sangue, as Mãos do Homem)

Sofridos vinte passos desta (quando
As Mãos do Homem são a noite, a noite.
À noite os olhos descem aos meus dedos,
Meus dedos que se fecham sobre a rosa.
À noite a rosa é pedra a pedra é dura
Dura como a manhã dentro da noite)

Pedra mordidos vinte desta passos
(À noite amargo o céu chamamos noite.
Pássaro duro o avião de rapina
Corta o céu com o agudo rosto humano,
Morto em metal, mortal sobre o meu rosto)

Quando passos feridos quando (à noite
Um sol doura e é adorado um deus e: "Pecus!"
Gritou a Mão e a outra Mão: "Pecunia!"
Um sol move o rebanho amargo à noite,
De Mão e Mão — seu coito — concebido,
De Mão em Mão guardado e distendido,
Pecus Rublo Pecus Dolar move-se
O rebanho de pedra e eu fico em pedra)

Vinte passos cortados do meu corpo,
Tendo os olhos por guia — os referidos —
Dispostos em meus dedos recurvados,
Aqui restar meus pés até que o incêndio
De minhas fontes se consume e o vento
Carregue as cinzas do que era o meu rosto.



BAILARINA DE CABRAL

E, aqui, está a "bailadora" competente. A Dobradiça, que movimenta as páginas, os diálogos entre poemas, os três volumes dessa montagem de textos. Texto Poético, que aponta a atuação dos códigos, no simultâneo, que realiza as possíveis Analogias, infinitas, quem sabe, por entre todas as espécies de linguagem...

É a bailarina, a apontar, a produzir todas as manifestações da forma do corpo humano, todas as circunvoluções da energia-libido. É tal uma "yoguin", que, por isso mesmo, fica sendo "Sábia".

Bailadora, feito fogo, filha direta de Heráclito, realização concreta do desejo da androginia, que se desdobra como uma caixa, saindo de outra caixa, a explodir faíscas, modeladoras da dança de Shiva.

Cavaleira "em trote", "desperta como lâmina", que atua por dentro das asas do Acaso. O Acaso, "raro animal, força de cavalo, cabeça, que ninguém viu..."



ESTUDOS PARA UMA BAILADORA ANDALUZA

a A.F. Azeredo da Silveira

1. Dir-se-ia, quando aparece
dançando por *siguiriyas*,
que com a imagem do fogo
inteira se identifica.

Todos os gestos do fogo
que então possui dir-se-ia:
gestos das folhas do fogo,
de seu cabelo, sua língua;

gestos do corpo do fogo,
de sua carne em agonia,
carne de fogo, sô nervos,
carne toda em carne viva.

Então, o caráter do fogo
nela também se adivinha:
mesmo gosto dos extremos,
de natureza faminta,

gosto de chegar ao fim
do que dele se aproxima,
gosto de chegar-se ao fim,
de atingir a própria cinza.

Porém a imagem do fogo
é num ponto desmentida:
que o fogo não é capaz
como ela é, nas *siguiriyas*,

de arrancar-se de si mesmo
numa primeira faísca,
nessa que, quando ela quer,
vem e acende-se fibra a fibra,

que somente ela é capaz
de acender-se estando fria,
de incendiar-se com nada,
de incendiar-se sozinha.

2. Subida ao dorso da dança
(vai carregada ou a carrega?)
é impossível se dizer
se é a cavaleira ou a égua.

Ela tem na sua dança
toda a energia retesa
e todo o nervo de quando
algum cavalo se encrespa.

Isto é: tanto a tensão
de quem vai montado em sela,
de quem monta um animal
e só a custo o debela,

como a tensão do animal
dominado sob a rédea,
que ressentido ser mandado
e obedecendo protesta.

Então, como declarar
se ela é égua ou cavaleira;
há uma tal conformidade
entre o que é animal e é ela,

entre a parte que domina
e a parte que se rebela,
entre o que nela cavalga
e o que é cavalgado nela,

que o melhor será dizer
de ambas, cavaleira e égua,
que são de uma mesma coisa
e que um só nervo as inerva,

e que é impossível traçar
nenhuma linha fronteira
entre ela e a montaria:
ela é a égua e a cavaleira.

3. Quando está taconeando
a cabeça, atenta, inclina,
como se buscasse ouvir
alguma voz indistinta.

Há nessa atenção curvada
muito de telegrafista,
atento para não perder
a mensagem transmitida.

Mas o que faz duvidar
possa ser telegrafia
aquelas respostas que
suas pernas pronunciam

é que a mensagem de quem
lá do outro lado da linha
ela responde tão séria
nos passa despercebida.

Mas depois já não há dúvida:
é mesmo telegrafia:
mesmo que não se perceba
a mensagem recebida,

se vem de um ponto no fundo
do tablado ou de sua vida,
se a linguagem do diálogo
é em código ou ostensiva,

já não cabe duvidar:
deve ser telegrafia;
basta escutar a dicção
tão morse e tão desflorida,

linear, numa só corda,
em ponto e traço, concisa,
a dicção em preto e branco
de sua perna polida.

4. Ela não pisa na terra
como quem a propicia
para que lhe seja leve
quando se enterre, num dia.

Ela a trata com a dura
e muscular energia
do camponês que cavando
sabe que a terra amacia.

Do camponês de quem tem
sotaque andaluz caipira
e o tornozelo robusto
que mais se planta que pisa.

Assim, em vez dessa ave
assexuada e mofina,
coisa a que parece sempre
aspirar a bailarina,

esta se quer uma árvore
firme na terra, nativa,
que não quer negar a terra
nem, como ave, fugi-la.

Árvore que estima a terra
de que se sabe família
e por isso trata a terra
com tanta dureza íntima.

Mais: que ao se saber da terra
não só na terra se afinca
pelos troncos dessas pernas
fortes, terrenas, maciças,

mas se orgulha de ser terra
e dela se reafirma,
batendo-a enquanto dança,
para vencer quem duvida.



5. Sua dança sempre acaba
igual que como começa,
tal esses livros de iguais
coberta e contra-coberta;

com a mesma posição
como que talhada em pedra:
um momento está estátua,
desafiante, à espera.

Mas se essas duas estátuas
mesma atitude observam,
aquilo que desafiam
parece coisas diversas.

A primeira das estátuas
que ela é, quando começa,
parece desafiar
alguma presença interna

que no fundo dela própria,
fluindo, informe e sem regra,
por sua vez a desafia
a ver quem é que a modela.

Enquanto a estátua final,
por igual que ela pareça,
que ela é, quando um estilo
já impôs à íntima presa,

parece mais desafio
a quem está na assistência,
como para indagar quem
a mesma façanha tenta.

O livro de sua dança
capas iguais o encerram:
com a figura desafiante
de suas estátuas acesas.



O ÚLTIMO POEMA

João Cabral de Melo Neto

6. Na sua dança se assiste
como ao processo da espiga:
verde, envolvida de palha;
madura, quase despida.

Parece que sua dança
ao ser dançada, à medida
que avança, a vai despojando
da folhagem que a vestia.

Não só da vegetação
de que ela dança vestida
(saías folhudas e crespas
do que no Brasil é chita)

mas também dessa outra flora
a que seus braços dão vida,
densa floresta de gestos
a que dão vida e agonia.

Na verdade, embora tudo
aquilo que ela leva em cima,
embora, de fato, sempre,
continue nela a vesti-la,

O ÚLTIMO POEMA

João Cabral de Melo Neto

Não sei quem me manda a poesia
nem se Quem disse a chamaria.

Mas quem quer que seja, quem for
esse Quem (eu mesmo, meu suor?),

seja mulher, paisagem ou o não
de que há preencher os vãos,

fazer, por exemplo, a muleta
que faz andar minha alma esquerda,

ao Quem que se dá à inglória pena
peço: que meu último poema

mande-o ainda em poema perverso,
de antilira, feito em antiverso.



- ADORNO, T.W. *Notas de literatura*. Ariel, Barcelona.
- ALENCAR, J. de. *Iracema*. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1975. (Coleção Romances para Estudo).
- ALMEIDA PRADO, D. de. "Morte e vida severina". *Suplemento Literário* de "O Estado de São Paulo", São Paulo, 03.12.1966.
- ALMEIDA, M.L.F. de. *A leitura da "Otrredad" nos ensaios de Octávio Paz*. PUCSP, 1980. Dissertação de Mestrado.
- ALVES, H.. *Poetas contemporâneos*. Kempy, 1958, 1ª ed.
- AMOROSO LIMA, A. *Quem é quem nas artes e nas letras no Brasil?* Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro, 1966.
- ANDRADE, M. de. *Taxi e crônicas no Diário Nacional*. Duas Cidades. São Paulo, 1976.
- ÂNGELO, I. "O Brasil em cinco histórias". In: *O Estado de São Paulo*, 03.12.1979.
- _____. Entrevista ao folhetim *Lance* (publicação do Curso Ângulo). São Paulo, set. 1980.
- _____. Entrevista à *Revista do Livro* nº 43, 1981.
- ARANTES, P. *Hegel. A ordem do tempo*. Polis, São Paulo, 1981.
- ARAUJO, F.H. "A educação pela pedra de João Cabral de Melo Neto". In: *Correio do Povo*, Lisboa, 11/11 a 02/12/1967.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Globo, Porto Alegre, 1966.
- _____. *Obras*. Aguilar, Madrid, 1982.
- ÁVILA, A. *O poeta e a consciência crítica*. Vozes, Petrópolis, 1969.
- _____. *O lúdico e as projeções do mundo barroco*. Perspectiva, São Paulo, 1971.
- BAKHTINI, M. *L'oeuvre de François Rabelais et la culture populaire au Moyen Age et sous la Renaissance*. Gallimard, Paris, 1970.
- _____. *La cultura popular en la edad media y en el renacimiento*. Barral, Barcelona, 1971.
- _____. (VOLOSHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*, Hucitec, São Paulo, 1979.
- _____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1981.
- BANDEIRA, M.; AYLA, W. *Antologia dos poetas brasileiros*. Poesia da fase moderna. Tecnoprint Gráfica S/A. Rio de Janeiro, MCMLXVII.
- BAPTISTA, M.R.; LOPES, T.P.A.; LIMA, Y.S. de. *Brasil: 1º tempo modernista - 1917-1929*. Documentação. São Paulo, IEB, 1972.
- BARBOSA, J.A. "Linguagem e metalinguagem na poesia de João Cabral de Melo Neto". In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, nº 11, São Paulo, 1972.
- _____. *A metáfora crítica*. Perspectiva, São Paulo, 1974.
- _____. *A imitação da forma - uma leitura de João Cabral de Melo Neto*. Duas Cidades, São Paulo, 1975.
- BARTHES, R. *Crítica e verdade*. Perspectiva, São Paulo, 1970.
- _____. "Introdução à análise estrutural da narrativa". In: *Análise estrutural da narrativa*. Seleção de ensaios da Revista Communications. Vozes, Rio de Janeiro, 1971.
- _____. *¿Por donde empezar?* Tusquets, 1974.
- _____. *Aula*. Cultrix, São Paulo, 1978.



- BARTHES, R. *Barthes: a crítica do desejo*. Entrevista a Philip Books e Patrick Sarfati em *Cultura*, suplemento de "O Estado de São Paulo", São Paulo, 27.07.1980.
- _____. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1986.
- _____. *Novos ensaios críticos: o grau zero de escritura*. Cultrix, São Paulo, MCMLXXI.
- _____. *O prazer do texto*. Edições 70, Lisboa, 1974.
- BASTIDE, R. *Os problemas da vida mística*. Publicações Europa-América, Coleção Saber.
- BATAILLE, G. *O erotismo*. 2ª ed., Moraes, Lisboa, 1980.
- BAUDELAIRE, C. *Escritos sobre arte*. EDUSP, São Paulo, 1991.
- _____. *O pintor da vida moderna*. Inquérito, Lisboa, s/d.
- BAUDRILLARD, J. *Para uma crítica da economia política do signo*. Martins Fontes, São Paulo.
- BEIRÃO, N. "O recomeço do sonho. Os anos 70". In: *Isto é*, nº 156, 19.12.1979.
- BENJAMIM, W. "Sobre alguns temas em Baudelaire". In: *Ensayos escogidos*. Sur, Buenos Aires, 1967.
- _____. *A moderna e os modernos*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1975.
- _____. *Charles Baudelaire*. Um lírico no auge do capitalismo. Brasiliense, São Paulo, 1989.
- _____. *Magia e técnica, arte e política*. Obras Escolhidas, Vol. I, 3ª ed. Brasiliense, São Paulo, 1987.
- BENSE, M. *Estética de la informacion*. Alberto Corazon, Madrid, 1972.
- _____. *Estética*. Consideraciones metafísicas sobre lo bello. Nueva Visión, Buenos Aires.
- _____. *Pequena Estética*. Perspectiva, São Paulo, 1971.
- BERGER, J. *Modos de ver*. Edições 70, Lisboa, s/d.
- BHARATI, A. *The tantric tradition*. Doubleday Anchor, New York, 1970.
- BOLLE, A.B.M. "Modelo de abordagem da história da literatura: um estudo comparativo das Canções do Exílio brasileiras". In: *Vários, História da Língua e Literatura*. SEMP, Secretaria da Educação, 1979.
- BORGES, J.L. e JURADO, A. *Buda*. Difel, 1977.
- BOSI, A. *Dialética da colonização*. 2ª ed., Companhia das Letras, São Paulo, 1994.
- BOUSONO, C. *Teoría de la expresión poética*. Gredos, Madrid, 1966.
- BRANDÃO, R.O. *A tradição sempre nova*. Ática, São Paulo, 1976.
- BRECHT, B. *Brecht segundo Brecht*. Distribuição interna para os espectadores do auditório Augusta. São Paulo.
- BURGE, M. *Tratado de filosofía básica*. EPU/EDUSP, São Paulo, 1976.
- CAGE, J. *De segunda a um ano*. Hucitec, São Paulo, 1985.
- CALABRESE, O. *A idade neobarroca*. Arte e Comunicação. Edições 70, Lisboa, 1987.
- CAMPBELL, J. *The masks of God: creative mythology*. The Viking Press, New York, 1968.
- CAMPOS, A. de e CAMPOS, H. de. *Panorama do Finnegan's Wake*. Perspectiva, São Paulo, Coleção Signos, 1971.
- _____. *Revisão de Sousândrade*. Coleção Poesis com a colaboração especial de Erthos A. de Souza e Luis Costa Lima. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1982, 2ª ed. revista e aumentada.
- CAMPOS, A. de. "Da Antiode a antilira". In: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 11.12.1966.



- CAMPOS, A. de. *Re-visão de Kilkerry*. Fundo Estadual de Cultura, São Paulo.
- CAMPOS, A. de; CAMPOS, H. de; PIGNATARI, D. *Teoria da poesia concreta - textos críticos e manifestos 1950-1960*. Duas Cidades, São Paulo, 1975.
- CAMPOS, F.C. *Cinema*. Sonho e lucidez. Fator, 1991.
- CAMPOS, H. de (org.). *Ideograma: lógica, poesia, linguagem*. EDUSP/Cultrix, São Paulo, 1977.
- _____. "O geômetra engajado". In: *Metalinguagem*. Vozes, Petrópolis, 1967.
- _____. "Poesia concreta". In: *Diário Popular*, São Paulo, 22.12.1956.
- _____. de. *A arte no horizonte do provável*. Perspectiva, São Paulo, 1969 ("Comunicação na poesia de vanguarda").
- _____. *Hagoromo de Zeami*. Estação Liberdade, São Paulo, 1993.
- _____. *Haroldo de Campos: olhar a palavra, ouvi-la, senti-la, tocá-la, operá-la...* Jornal da Tarde, São Paulo, 03.10.1981.
- _____. *Ruptura dos gêneros na literatura latino-americana*. Perspectiva, São Paulo, 1977.
- _____. *Três conferências sobre Romantismo*. São Paulo, 1963.
- CÂNDIDO, A. "Poesia ao norte". In: *Folha da Manhã*, São Paulo, 13.06.1943.
- _____. *Formação da literatura brasileira*. Momentos decisivos. Martins Fontes, São Paulo, 2ª ed. revista, 2 volumes.
- _____. *Literatura e sociedade*. Nacional, São Paulo, 1965.
- _____. *Vários escritos*. Duas Cidades, São Paulo, 1977.
- CÂNDIDO, A. e CASTELO, A. *Presença da literatura brasileira*. Antologia. Difel, São Paulo, 1964, 3 volumes.
- CANNABRAVA, E. "Arquitetônica do poeta". In: *Suplemento Literário* de "O Estado de São Paulo", São Paulo, 08.07.1967.
- CARA, S. de A. *A poesia lírica*. Série Princípios. Ática, São Paulo, 1985, 1ª ed.
- _____. *Fernando Pessoa, um detetive leitor e muitas pistas*. Brasiliense, São Paulo, 1988, 1ª ed.
- _____. *Manuel Bandeira*. Literatura comentada. Abril Educação, São Paulo, 1981.
- CARPENTER, E.; McLUHAN, M. (org.) *Revolução na comunicação*. 4ª ed., Zahar, Rio de Janeiro, 1980.
- CERIBELI, D.T. *Poética e função metalingüística*: João Cabral de Melo Neto. PUCSP, 1975.
- _____. *Uma leitura do universo plástico de Leonelo Berti*. Acervo da Biblioteca do Instituto de Artes do Planalto, 1963.
- CHÂTELET, F. *Historia da filosofia: Ideias Doutrinas*. Zahar, Rio de Janeiro, 1981.
- CHALHUB, S. *Funções da linguagem*. Ática, São Paulo, 1987, 1ª ed.
- _____. *Metalinguagem*. Ática, São Paulo, 1986.
- _____. *Poética do erótico*. Escuta, São Paulo, 1993.
- _____. *Traços de modernidade em Pedro Kilkerry*. PUCSP, 1975. Dissertação de Mestrado.
- CHAMIE, M. "João Cabral: severo severino". In: *Suplemento Literário* de "O Estado de São Paulo", São Paulo, 25.09.1965.
- _____. *Alguns problemas e argumentos*. Conselho Estadual de Cultura, Coleção Ensaio, São Paulo, 1964.



- CHAUÍ, M. "Contra o discurso componente". In: *Folhetim* nº 264, Folha de São Paulo, São Paulo, 07.12.1982.
- COLISIA, P. *Antologia contemporânea da poesia negra brasileira*. Global, São Paulo, 1ª ed.
- CORREIA, N. *Antologia de poesia portuguesa erótica e satírica*. FA Edições S.A. Rio de Janeiro.
- COSTA, F.M. da. "Os anos 70: literatura". In: *Isto é* nº 156, 19.12.1979.
- COSTA, J.C. *Contribuição à história das idéias no Brasil*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1967.
- COTRIM, G. *Fundamentos da Filosofia para uma geração consciente*. 7ª ed., Saraiva, São Paulo, 1992.
- COUTINHO, A. *O erotismo na literatura* (O caso Rubem Fonseca). Cátedra, Rio de Janeiro, 1979.
- CRESPO, A. "Realidad y forma en la poesia de Cabral de Melo". In: *Revista de Cultura Brasileña*, nº 8, Madrid, 1964.
- CROCE, B. *A poesia*. F.F.U.F.RS., Porto Alegre, 1967.
- CRUZ, S.J. da. *A subida do Monte Carmelo, noite escura, cautelas*. Vozes, Rio de Janeiro, 1960.
- _____. *Cântico Espiritual, chama viva de amor*. Vozes, Rio de Janeiro, 1960.
- DELEUZE, G. *Difference e répétition*. PUF, Paris, 1976.
- _____. *Lógica do sentido*. Estudos - Filosofia. Perspectiva, São Paulo, 1988.
- _____. *Proust e os signos*. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1987.
- DENIDA, J. *A farmácia de Platão*. Iluminuras, São Paulo, 1991.
- DERRIDA, J. *A escritura e a diferença*. Perspectiva, São Paulo, 1971.
- DETIENNE, M. *Os mestres da verdade na Grécia Antiga*. Zahar, Rio de Janeiro, 1988.
- DEVI, V.; SEDRA, M. de. *Antologia*. A literatura indo-portuguesa. Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1971, 2 volumes, 1ª ed.
- DIAS, A.M. "Sátira: a sinfonia do contraste". In: *Tempo Brasileiro* (61):13-31, abr/jun 1980.
- DIAS, A.M. e LYRA, P. "Paródia: Introdução". In: *Tempo Brasileiro* (6):5, jul/set 1980.
- DIEGUES, C. "O padrão global de colonialismo". In: *Folhetim*, Folha de São Paulo, São Paulo, 04.05.1980.
- DIMAS, A. *Gregório de Matos*. Literatura comentada. Abril Educação, 1981, 1ª ed.
- DONZELLI, T. *O gestaltismo*. Antares, Rio de Janeiro, 1980.
- DRUCKER, P. *As novas realidades*. Pioneira/Novos Umbiens, 1991.
- ECO, U. *A estrutura ausente*. Perspectiva, São Paulo, 1971.
- _____. *Lector in fabulla*. Bompiani, Milão, 1980.
- _____. *Obra aberta*. Perspectiva, São Paulo, 1969.
- _____. *Trattato di semiotica general*. Bompiani, Milano, 1978.
- EFRÓN, D. *Gesto, raza y cultura*. Nueva Vision, Buenos Aires, 1970.
- EIKHENBAUM, CHKLOVSKI, JAKOBSON, TOMACHEVSKI, TROTSKY, JIRMUNSKI, PROPP, BRIK, TYNIANNOV, VINOGRADOV. *Teoria da literatura*. Formalistas russos. Globo, Porto Alegre, 1971.
- EISENSTEIN, S. *Reflexões de um cineasta*. Arcádia, Lisboa, 1961.
- _____. "Structure, Montage, Passage". In: *Change I*. Seuil, Paris, 1968.
- ELIADE, M. *Aspects du mythe*. Gallimard, Madrid, 1963.



- ELIADE, M. *El mito del eterno retorno*. 7ª ed., Alianza, Madrid, 1989.
- _____. *Mephistopheles and the androgyne*. Herper & Row, New York, 1965.
- _____. *Mito e realidade*. 3ª ed., Perspectiva, São Paulo, 1991.
- _____. *O sagrado e o profano*. LBA, Lisboa.
- ESCOREL, L. *A pedra e o rio*. Duas Cidades, São Paulo, 1973.
- FENOLLOSA, P. *Le caractère écrit chinois, matériaux poetique*. L'Herne, Paris, s/d.
- FERGUSON, M. *A conspiração aquariana*. 6ª ed., Record/Nova Era, Rio de Janeiro.
- FERRARA, L.D'A. "Belo, Útil e Agradável". In: *Cadernos PUC Arte & Linguagem*, nº 8. EDUC/Cortez, São Paulo, 1981.
- _____. "Linguagem, Notícia, Informação". In: *Revista Através*, 3. Duas Cidades, São Paulo, 1979.
- _____. *A estratégia dos signos*. Perspectiva, São Paulo, 1981.
- _____. *Leitura sem palavras*. Série Princípios. Ática, São Paulo, 1988.
- _____. *O texto estranho*. Perspectiva, São Paulo. Coleção Elos, nº 18.
- FERREIRA, M. *Aventura crioula*. Plátano, Lisboa, 1973.
- _____. *No reino de Caliban*. Seara Nova, 1975, 3 volumes, 1ª ed.
- FERREIRO, E. *Reflexões sobre alfabetização*. 17ª ed., Autores Associados/Cortez, São Paulo. Coleção Polêmicas do nosso Tempo.
- FIGUEIREDO, L.A.A. *O tecido esgarçado: análise do romance "Os ratos" de Dyonélio Machado*. PUC, São Paulo, 1982. Tese de doutoramento.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade*. 3ª ed., Graal, Rio de Janeiro, 1980.
- _____. *Microfísica do poder*. Graal, Rio de Janeiro, 1979.
- FRANCASTEL, P. *Imagem, visão, imaginação*. Edições 70, Lisboa, 1983.
- _____. *Pintura e sociedade*. Martins Fontes, São Paulo, 1990.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 5ª ed., Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1975.
- FREIXEIRO, F. *Da razão à emoção*. Nacional, São Paulo, 1968.
- FREUD, S. *Obras completas*. Imago, Rio de Janeiro, 1980.
- GANDHI, M. *Mis experiencias con la verdad*. 3ª ed., Eyra, 1981.
- GARCIA, O.M. "A página branca e o deserto". In: *Revista do Livro*, ns. 7 a 10, Rio de Janeiro, 1958.
- GASSET, J. *Ortega y estudos sobre o amor*. Ibero-Americano, Rio de Janeiro, 1960.
- GEHLEN, A. *A alma na era da técnica*. Problemas de psicologia social na sociedade industrializada. LBL, Lisboa, 1963.
- GOMES, P.E.S. "Cinema: trajetória no subdesenvolvimento". In: *Argumento* nº 1, ano I, Paz e Terra, São Paulo, out/1973.
- GONÇALVES, J.A. *Transição & Permanência, Miró/João Cabral: da tela ao texto*. Iluminuras, Projetos e Produções Editoriais Ltda., São Paulo, 1989, 1ª ed.
- GRAMSCI, A. *Literatura e vida nacional*. 2ª ed., Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978.
- _____. *Obras escolhidas*. Martins Fontes, São Paulo, 1978.
- _____. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978.
- GRASSI, E. *Arte e mito*. LBL, Lisboa, 1963.



- GRASSI, E. *Poder da imagem, onipotência da linguagem racional*. Duas Cidades, São Paulo, 1978.
- GREIMAS, A.J. "Elementos para uma teoria de interpretação da narrativa mítica". In: *Análise estrutural da narrativa*. Ensaios da Revista Communications, Vozes, Rio de Janeiro, 1971.
- GRÜNEVALD, J.L. "A poesia concreta e a obra participante". In: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 14.04.1968.
- _____. "Último livro de Cabral: Quaresma". In: *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 6-7/08/1960.
- _____. *Os poetas da Inconfidência*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1989, (Poesia de todos os tempos).
- GUEDES, A. *Foucault*. Melhoramentos/EDUSP, São Paulo, 1977.
- GUIMARÃES, J.C. *13 escritos de Francis Ponge*. Noa Noa, 1980.
- GUIMARAES, R. *Dicionário de Mitologia Grega*. Cultrix, São Paulo, 1985.
- GULLAR, F. "Situação da poesia brasileira". In: *Cultura posta em questão*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1965.
- _____. *Vanguarda e subdesenvolvimento*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1969.
- HAUSER, A. *Historia social de la literatura y el arte*. Guadarrana, Madrid, 1969.
- HAWTHOM, G. *Iluminismo e desespero*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1982.
- HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Vozes, Petrópolis, 1992. 2 volumes.
- _____. *Introdução à história da filosofia*. Hemus, São Paulo, 1983.
- HEGENBERG, L. "Thomas Kuhn e as revoluções científicas". In: *Suplemento Cultural* de "O Estado de São Paulo", São Paulo, 21.08.1977.
- _____. *Definições: termos teóricos e significado*. Cultrix, São Paulo.
- HEIDEGGER, M. *Acheminement vers la parole*. Gallimard, Paris, 1976.
- _____. *Chemis qui ne m'enent nule port*. Gallimard, Paris, 1987.
- _____. *Introdução à metafísica*. 2ª ed., Tempo Brasileiro, 1969.
- _____. *Poetry, Language, Thought*. Translations and introduction by Albert Hofstadler. Harper S. Row Publishers, New York, 1971.
- _____. *Sendas perdidas (Holzwege)*. 3ª ed., Losada, Buenos Aires, 1979.
- _____. *Sôbre o problema do ser*. O caminho do campo. Duas Cidades, São Paulo, 1969.
- HERRIGEL, E. *A arte cavalearesca do Arqueiro Zen*. Pensamento, São Paulo, 1975.
- HESS, W. *Documentos para a compreensão da pintura moderna*. LBL, Lisboa, 1963.
- HÖDERLIN, P. *Poemas*. Atlântida, Coimbra, MCMLIX.
- HOLANDA, S.B. de. "Branco sobre Branco". In: *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 10.08.1952.
- _____. *Antologia dos poetas brasileiros da fase colonial*. Perspectiva, São Paulo, 1979, 1ª ed.
- HOMERO. *L'Iliade*. Garnier, Paris, 1946.
- HORACIO. *Arte e poética*. Clássica, Lisboa, s/d.
- HOUAISS, A. *Seis poetas e um problema*. Col. Cadernos de Cultura, MEC, Rio de Janeiro, 1960.
- HUIZINGA, J. *Homo ludens*. 2ª ed., Perspectiva, São Paulo, 1980.
- HULBUN, C.G. *Towards androgyny, aspects of male and female in literature*. Victor Gollanez, Londress, 1973.



- HUMBERT, E.G. *Jung*. Summus, São Paulo, 1985.
- IBRI, I.A. *Kósmos Nóetos: a arquitetura metafísica de Charles Sanders Peirce*. Perspectiva/Hólon, São Paulo, 1992.
- IONS, V. *Indian mythology*. News Books Library of the world's mythes and legends. New revised edition, 1983.
- JAKOBSON, R. *Lingüística e comunicação*. Cultrix, São Paulo.
- _____. *Lingüística poética - cinema*. Perspectiva, São Paulo, 1974.
- JAUSS, H.R. *História literária como desafio à ciência literária, literatura medieval e teoria dos gêneros*. Coleção Livros Zero, Porto Alegre, 1974.
- JAUSS, H.R.; ISER, W.; STIERLE, K.; GUMBRECHT, H.U. *A literatura e o leitor*. Textos de estética da recepção. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979.
- KANT, E. *Textos selecionados*. Abril, São Paulo, 1984. Col. Os Pensadores.
- KEFALÁS, E.C. *A linguagem da investigação na festa, de Ivan Angelo*. PUC, São Paulo, 1984. Tese de doutoramento.
- KEHL, M.R. "As modas do colonizado". In: *Folhetim* nº 264, Folha de São Paulo, São Paulo, 07.02.1982.
- KENNY, A. *Wittgenstein*. Harvard University Press, Cambridge, 1977.
- KRISTEVA, J. "Poésie et Negativité". In: *Recherches pour une semanalyse*. Seuil, Paris, 1969.
- LACAN, J. "Le instance de la lettre dans le inconscient?" In: *Écrits*. Seuil, Paris, 1966.
- _____. *O seminário*. 2ª ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1985.
- _____. *Télévision*. Seuil, Paris, 1974.
- LAFORGUE, J. *Litanias da lua*. Iluminuras, 1989.
- LAKATOS, I. e MUSGRAVE. *A crítica e o desenvolvimento da ciência*. Cultrix/EDUSP, São Paulo, 1979.
- LANCASTRE, M.J. de. *Fernando Pessoa, uma fotobiografia*. Imprensa Nacional, Casa da Moeda, Centro de Estudos Pessoaanos, 2ª ed.
- LANGER, SS. *Filosofia em nova chave*. Perspectiva, São Paulo, 1971.
- LAWSON, J.H. *O processo de criação no cinema*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1967.
- LEIBNIZ, W.G. *Os Pensadores II*. Abril Cultural, São Paulo, 1980.
- LEITE, S.U. *Participação da palavra poética*. Vozes, Petrópolis, 1966.
- LESLEY, A. *Tragédia grega*. Perspectiva, São Paulo, 1976.
- LÉVI-STRAUSS, C. *O pensamento selvagem*. Papirus, Campinas, 1989.
- LIMA, L.C. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979.
- _____. *Dinâmica da literatura brasileira: situação do seu escritor*. Instituto de Educação de Pernambuco, Recife, 1961. Tese para a cadeira de Português.
- _____. *Lira e antilira*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1968.
- _____. *Teoria da literatura em suas fontes*. 2ª ed., Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1983.
- LINHARES, T. "Poetas". In: *Suplemento Literário* de "O Estado de São Paulo", São Paulo, 24.02.1962.
- LINS, A. *Os mortos de sobrecasaca*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1963.
- LORCA, F.G. *Prosa viva/Ideário coligido*. José Aguilar, 1975.



- LOTMAN, Y. "Le hors-texte". In: *Change* 6. Seuil, Paris, 1970.
- _____. "Le nombre dans la culture". In: *Tel Quel* nº 5, Paris, 1978.
- _____. "Texte et hors-texte". In: *Change* 14. Seuil, Paris, 1973.
- _____. *A estrutura do texto artístico*. Coleção Teoria, 41, Estampa, Lisboa, 1978.
- LOTMAN, Y. e PJATIGORSKIJ, A.M. "Le texte et la fonction". In: *Semiótica*. Mouton, Haia, 1969.
- LUKÁCS, G. *Ensaio sobre literatura*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1965.
- MANTEGA, G. (coord.). *Sexo e poder*. Brasiliense, São Paulo, 1979.
- MARCUSE, H. "A revolução começa na cama?" In: *Revista Singular e Plural* nº 1, dez/1978.
- _____. *A ideologia da sociedade industrial*. O homem unidimensional. Zahar, Rio de Janeiro, 1979.
- _____. *Eros e civilização*. 5ª ed., Zahar, Rio de Janeiro, 1972.
- MARX, K. e ENGELS, F. *Literatura e arte*. A Comuna, Lisboa, 1976.
- MARX, K. *O capital*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1980. 3 volumes.
- _____. *Sociologia*. Ática, São Paulo, 1980.
- MASSI, A. *Artes e ofícios de poesia*. Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo/São Paulo, Artes e Ofícios/ Porto Alegre, 1991, 1ª ed.
- MATURANO, U. *El árbol del conocimiento*. Las bases biológicas del conocimiento humano. Editorial Universitário, 1990.
- McLUHAN, M. *A galáxia de Gutemberg*. Nacional, São Paulo, 1972.
- _____. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Cultrix, São Paulo, 1969.
- McLUHAN, M. e FIORE, Q. *O meio são as massa-gens*. Record, Rio de Janeiro, 1969.
- McLUHAN, M.; FIORI, Q.; AGEL, J. *Guerra y Paz en la aldea global*. Martinez Roca, Barcelona, 1971.
- MEDINA, C. de A. *Sonha Manana Africa*. Epopéia, 1986, 1ª ed.
- MENEZES, M.A.; CASTRO, E.M. de M. e. Antologia da novíssima poesia portuguesa. *Círculo de poesia*, 46. Moraes Editora, Lisboa, 1971.
- MERQUIOR, J.G. *A astúcia da mímese*. José Olympio, Rio de Janeiro, 1972.
- _____. *Razão do poema*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1965.
- MISHIMA, Y. *Sol e aço*. Brasiliense, São Paulo, 1985.
- MITRE, F. *Palavras para ler. E ver. E reler*. Jornal da Tarde, 16.07.1977.
- MOISÉS, C.F. "João Cabral, poesia e poética", "Humboldt". In: *Suplemento Literário* de "O Estado de São Paulo", São Paulo, 03-10.09.1966.
- MOISÉS, L.P. *Falência da crítica*. Perspectiva, São Paulo, 1973.
- _____. *Fernando Pessoa*. Aquém do eu, além do outro. Martins Fontes, São Paulo, 1982.
- _____. *Texto, crítica, escritura*. Ática, São Paulo, 1978.
- MOISÉS, M. *A literatura portuguesa através dos textos*. Cultrix, São Paulo, 3ª ed.
- MOLINERO, R. *Os sete raios coloridos*. Mandala, São Paulo, 1978.
- MONTEIRO, A.C. "Verso Nítido e Preciso". In: *Suplemento Literário* de "O Estado de São Paulo", São Paulo, 1954.



- MONTEIRO, D.T. "A outra face do mito". Entrevista a Gilberto Galvão em *Movimento* nº 115, 12.09.1977.
- MOORE, M. *Collected poems*. The MacMillaan Company, New York, 1957.
- MORENO, A.R. *Wittgenstein*. Taurus, Rio de Janeiro, 1985-86.
- MORIN, E. *O enigma do homem*. Zahar, Rio de Janeiro, 1975.
- MOTA, C.G. "Ideologia da cultura brasileira". *Ensaio* 30, Ática, São Paulo, 1977.
- MUKAROVSKI, J. *Ensaio de estética y semiótica del arte*. G.Gilli, Barcelona, 1977.
- NETO, J.C. de M. "Da função moderna da poesia". In: *Anais do Congresso Internacional de Escritores e Encontros Intelectuais*. Anhembi, São Paulo, 1957. (Tese apresentada à Secção de Poesia do Congresso Internacional de Escritores, São Paulo, 1954).
- _____. "Poesia e composição - a inspiração e o trabalho de arte". In: *Revista Brasileira de Poesia*, VII, São Paulo, abril 1956. (Conferência pronunciada na Biblioteca do Clube Brasileiro de Poesia).
- NEVES, P. *Mixagem*. O ouvido musical do Brasil. Max Limonad, 1984.
- NEWTON, E. *The arts of man*. Thames and Hudson, London, 1960.
- NIEMEYER, O. *A forma na arquitetura*. 3ª ed., Avenir. Coleção Depoimentos, Vol. 1.
- NIETZSCHE, F. "La lucha de Homero". In: *Estudios sobre Grecia*. Aguilar, Madrid, 1918.
- _____. *Assim falou Zaratrusta*. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1994.
- _____. *Crepúsculo dos ídolos*. Guimarães, Lisboa, 1985.
- _____. *El ocaso de los ídolos*. Quadernos Infimos nº 27, Tusquets, Barcelona.
- _____. *La naissance de la philosophie à l'époque de la tragedie grecque*. Gallimard, Paris.
- _____. *La naissance de la tragedie*. Gontier, Mediations, 1964.
- _____. *Le livre du philosophe*. Flammarion, Paris, 1969.
- NIN, A. *Delta de Vênus - erótica*. Artenova, Rio de Janeiro, 1978.
- _____. *Em busca de um homem sensível*. Brasiliense, São Paulo, 1980.
- NUNES, B. "A máquina do poema". In: *Suplemento Literário* de "O Estado de São Paulo", São Paulo, 03.12.1966.
- _____. *O dorso do tigre*. Ensaio. Perspectiva, São Paulo, 1969.
- _____. *Poetas modernos do Brasil*. João Cabral de Melo Neto. Vozes, Petrópolis, Vol. 1, 1971.
- NUNES, J.J. *Crestomatia arcaica*. Excertos da literatura portuguesa, desde o que mais antigo se conhece até o século XVI. Clássica, Lisboa, 5ª ed.
- PANOSKI, E. *La perspectiva comme forme symbolique*. Minuit, Paris, 1987.
- PASTA, J.A.Jr. *Pompeia: a metafísica ruínosa do ateneu*. USP, São Paulo, 1992. Tese de doutoramento.
- PAZ, O. *Conjunções e disjunções*. Perspectiva, São Paulo.
- _____. *La llama doble*. Amor y erotismo. Seix Barral, 1993.
- _____. *Marcel Duchamp ou o castelo da pureza*. Perspectiva, São Paulo, 1977.
- _____. *O arco e a lira*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1982.
- _____. *El mono gramático*. Seix Barral, México, 1975.
- PEIRCE, C.S. *Collected papers*. Harvard University Press, Cambridge.



- PEIRCE, C.S. *Semiótica e filosofia*. Cultrix, São Paulo, 1972.
- _____. *Semiótica. Perspectiva*, São Paulo, 1977.
- PESSOA, F. *Livro do desassossego*. Brasiliense, São Paulo, 1986.
- PFEIFFER, J. *La poesía. Hacia la comprensión de lo poético*. Fondo de Cultura Económica. México/Buenos Aires.
- PIATIGORSKI, A.M. "Le texte et la fonction". In: *Semiótica 2*.
- PIGNATARI, D. "Situação atual da poesia no Brasil". In: *Anais do III Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária*. Faculdade de Filosofia de Assis, São Paulo, 1963.
- _____. "Uma ciência que ajuda a 'ler' o mundo". In: *Jornal da Tarde*, São Paulo, 10.06.1978.
- _____. *Semiótica e literatura. Perspectiva*, São Paulo, 1974.
- PLATÃO. *A República*. Ouro, Rio de Janeiro, s/d.
- PLATON. *Obras completas*. Aguilar, Madrid, 1966-69.
- PLAZA, J. *Tradução intersemiótica. Perspectiva*, São Paulo, 1987.
- PLEBE, A. *Breve história da retórica antiga*. EPU/EDUSP, São Paulo.
- POPPER, K.R. *A lógica da pesquisa científica*. Cultrix, São Paulo, 1975.
- _____. *A miséria do Historicismo*. Cultrix/EDUSP, São Paulo, 1980.
- _____. *Conhecimento objetivo*. Itatiaia, Belo Horizonte, 1975.
- _____. *O realismo e o objetivo da ciência*. Dom Quixote, Lisboa, 1987.
- _____. *Universo aberto. Argumentos a favor do indeterminismo*. Dom Quixote, Lisboa, 1988.
- PORTELA, E. *Dimensões*. José Olympio, Rio de Janeiro, 1958.
- POUND, E.L. *A arte da poesia - ensaios escolhidos*. Cultrix/EDUSP, 1976.
- _____. *ABC da literatura*. Cultrix, São Paulo.
- PRIGOGINE, I. e STENGERS, I. *A nova aliança. Metamorfose da ciência*. UNB, Brasília, 1991.
- PRIGOGINE, I. *O nascimento do tempo*. Edições 70, Lisboa.
- PROPP, V. *Morphologia du conte*. Seuil, Paris, 1970.
- RABINDRANATH, F. *Caturanga*. Delta, Rio de Janeiro, 1962. Col. de Prêmios Nobel de Literatura, patrocinado pela Academia Sueca e pela Fundação Nobel.
- RADHAKRISHNAN, S. e RAJU, P.T. *El concepto del hombre*. Estudio de filosofía comparada. Fondo de Cultura Económica, México/Buenos Aires, 1964.
- RAMOS, P.E. da S. *Poesia barroca*. Antologia. Edições Melhoramentos, São Paulo, 1967.
- _____. *Poesia simbolista*. Antologia. Edições Melhoramentos, São Paulo, 1965.
- _____. *Poesia grega e latina*. Cultrix, São Paulo, MCMLXIV.
- RANSDELL, J. "Some leading ideas of Peirce's semiótica". In: *Semiótica*, 193:4. Mouton Publishers The Hague, Paris/New York, 1977.
- RAWSON, P. *Tantra: the indian cult of ecstasy*. The art and Cosmos Series. Avon Books, New York, 1973.
- _____. *The art of tantra*. Greenwich, Conn, New York Graphic Society, 1973.
- READ, H. *História da pintura moderna*. Circulo do Livro, São Paulo, 1974.
- REICH, W. *A função do orgasmo*. Brasiliense, São Paulo, 1975.



- REICH, W. *A revolução sexual*. Zahar, Rio de Janeiro, 1976.
- REZENDE, A. *Curso de filosofia*. 5ª ed., Zahar, Rio de Janeiro, 1992.
- RICARDO, C. *O homem capital e outros pequenos estudos brasileiros*. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1959.
- RICE, E. *Sir Richard Francis Burton*. Schwarcz, 1991.
- ROBRE-GRILLET, A. "O profeta da revolução das elites". Entrevista a Eduardo Sganrzela em *Jornal Movimento*, 24.10.1977.
- SADÊ. *Un sufi y el poder*. Teorema, Madrid, 1985.
- SAITO, R.; GOGA, H.M.; HANDA, F. *100 haicaistas brasileiros*. Aliança Cultural Brasil-Japão, Massao Ohmo Editor, São Paulo, 1990, 1ª ed.
- SARDUI, S. *Escritos sobre um corpo*. Perspectiva, São Paulo, 1979.
- SARDUY, S. *Maitreya*. Seix Barral, 1978.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de lingüística geral*. 5ª ed., Cultrix, São Paulo.
- SCHILLER, R. *Sobre a educação estética*. Herder, São Paulo, 1963.
- SCHNAIDERMAN, B. (org.). *Semiótica russa*. Perspectiva, São Paulo, 1979.
- SCHWARTZ, J. *Oswald de Andrade*. Literatura comentada. Abril Educação, 1980, 1ª ed.
- SCORNAUNCHI, D.N. *Peter Pan*. OESP/Maltese, São Paulo.
- SEGOLIN, F. *As linguagens heteronímicas pessoanas: poesia, transgressão, utopia*. PUCSP, 1983. Tese de doutoramento.
- SERRANO, M. *The serpent of paradise: the story of an indian pilgrimage*. Routledge C. Kegan Paul, Londres, 1974.
- SHAH, I. *Os sufis*. Cultrix, São Paulo, 1992-93.
- _____. *The way of the sufi*. Dutton, New York, 1970.
- SICISTERI, R. *Lilith*. A lua negra. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1985.
- SILVA, F.L. e. *Bergson: intuição e discurso filosófico*. USP, São Paulo, 1981. Tese de Livre Docência.
- SINGER, J. *Androginia*. Rumo a uma nova teoria da sexualidade. Cultrix, São Paulo.
- SIQUEIRA, E. "O mundo eletrônico dos anos 80". In: *Suplemento Cultural* de "O Estado de São Paulo", São Paulo, 08.01.1978.
- SONTAG, S. *Contra a interpelação*. L&PM, Porto Alegre, 1987.
- SORMAN, G. *Os verdadeiros pensadores de nosso tempo*. Imago, Rio de Janeiro, 1989.
- SPINA, S. *Apresentação da lírica trovadora*. Acadêmica, Rio de Janeiro, 1956.
- STAROBINSKI, J. *As palavras sob as palavras*. Perspectiva, São Paulo, 1974.
- TATARKIEWICZ, T. *Storia dell'estética*. Giulio Einaudi, Torino, 1979.
- TELHARD DE CHARDIN, P. *The prayer of the universe*. Perennial Library, 1973.
- TODOROV, T. *As estruturas narrativas*. Perspectiva, São Paulo, 1969.
- _____. *Estruturalismo e poética (a poética estrutural)*. Cultrix, São Paulo, 1970.
- _____. *Introductio a la literatura fantastica*. Tiempo Contemporaneo, Buenos Aires, 1972.
- _____. *Symbolisme et interprétation*. Seuil, Paris, 1978.





- TORRES, A.P. *Antologia da poesia brasileira*. Chardron Lello & Irmão Editores, Porto, 1ª ed., 3 volumes.
- _____. *Antologia da poesia portuguesa*. Lello & Irmãos Editores, Porto, 1972, 1ª ed., 2 volumes.
- TRULLING, L. *O eu romântico*. Lidador, Rio de Janeiro.
- TYNIA NOV, J. "A noção de construção". In: *Teoria da literatura*. Formalistas russos. Globo, Porto Alegre, 1973.
- VALÉRY. "Méthode de Leonard da Vinci". In: *Variété I*. Gallimard, Paris, 1924.
- VARANESI. *The city of burning & learning*. India.
- VECCHIOTTI, I. *Schopenhauer*. 4ª ed., Edições 70, Lisboa, 1986.
- VERNANT, J.P. *Mito e pensamento sobre os gregos*. Paz e Terra, São Paulo/Rio de Janeiro, 1990.
- VERÓN, E. *A produção de sentido*. Cultrix/EDUSP, São Paulo, MCMLXXXI.
- VOGT, C. *O intervalo semântico*. Ática, São Paulo, 1980.
- WHITMAN, W. *Folhas das folhas de relva* (Leave of grass). 3ª ed., Brasiliense, São Paulo, 1984.
- WHITMANT, E. *A busca do símbolo*. Cultrix, São Paulo.
- WIENER, N. *Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos*. Cultrix, São Paulo, 1970.
- WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Abril, São Paulo, 1975.
- _____. *Tractatus lógico-philosophicus*. Nacional/USP, São Paulo, 1968.
- WOSIEN, M.G. *Sacred dance: encounter with gods*. Thames and Hudson, Londres, 1974.
- ZEMAN, T.Y. "The esthetic sign in Peirce's Semiotic". In: *Semiótica*, 193:4. The Hogue, Paris/New York, 1977.
- ZIMMER, H. *Myths and symbols in Indian art and civilization*. Harper Torckbooks, New York, 1962.
- ZOLLA, E. *The androgyne*. Fusion of the sexes. Thames and Hudson, London, 1981.





E R R A T A - 3º VOLUME

- índice - Diagrama: 2a. linha: "poema" de Paulino Dias
- Pág.6 - 3a. linha: não há a 1a. vírgula.
- Pág.192 - 3a. linha: poema sufi.
- Pág.193 - 2a. linha: antológico.
- Pág.204 - O nome da poetisa é Orides Fontela.
- Pág.206 - O nome da poetisa é Orides Fontela.
- Pág.215 - O nome da poetisa é Orides Fontela.
- Pág.222 - O nome da poetisa é Orides Fontela.
- Pág.327 - A 1a. parte do poema está na pág.322.
- Pág.349 - O nome da poetisa é Orides Fontela.
- Pág.397 - O autor do poema "Harpa Esquisita" é Pedro Kilberry
- Pág.422 - 6a. linha: linguagens.
- Pág.429 - "O último poema de João Cabral" pertence à montagem, anterior à "Bailarina".

Bibliografia

- Pág.434 - 1a. linha: "Contra o discurso competente".
- Pág.436 - 23a. linha: A Arte Cavaleiresca do Arqueiro Zen.
- Pág.440 - 25a. linha: Rabindranaz Tagore.
- Pág.441 - 22a. linha: Contra a Interpretação.
- Pág.442 - 5a. linha: Varanasi

Ao final da Bibliografia, ficou faltando: Obras completas dos poetas citados.



